

JUDAS

INTRODUÇÃO:

- I. CONFIRMAÇÃO ANTIGA
- II. AUTORIA
- III. DATA
- IV. PROVENIÊNCIA E DESTINO
- V. RELAÇÃO ENTRE II PEDRO E JUDAS
- VI. MOTIVO E PROPÓSITOS
- VII. CONTEÚDO.
- VIII. BIBLIOGRAFIA

★ ★ ★

A preservação da epístola de Judas, epístola tão breve e sobre assuntos que para nós parecem remotos, se deveu ao fato que é defesa do cristianismo contra os assédios do gnosticismo, questão bem vivida na igreja primitiva pelo espaço de cerca de cento e cinquenta anos. Apesar de não termos mais perturbações diretas com o gnosticismo, contudo, problemas similares sempre houve na igreja, pelo que esta epístola sempre será atual. Assim, se a heresia enfrentada é para nós apenas uma nota de rodapé na história eclesiástica, os princípios ímpios que ela representava se renovam a cada geração.

De fato, até mesmo alguns crentes têm tendências para o gnosticismo. Uma das principais idéias dos gnósticos era sua negação da humanidade de Cristo, pois não podiam perceber como seria metafisicamente possível a um ser espiritual (uma emanção angelical, um «aeon» ou mesmo o «Logos») encarnar-se. Eles viam a matéria como o princípio mesmo do pecado; e se um ser espiritual se encarnasse fá-lo-ia somente para contaminar-se. Hoje em dia, apesar da encarnação ser vigorosamente defendida, contudo, quando muitos crentes começam a dizer como Cristo era capaz de realizar aquilo que fez, sempre atribuem tudo à sua «natureza divina»; nada deixam para sua humanidade, senão a sua morte. Não vêem claramente a tremenda significação ética e metafísica da vida de Jesus. Como homem ele se tornou o Pioneiro do caminho que conduz de volta a Deus. Mostrou ele como um homem, cheio e transformado pelo Espírito, pode viver não apenas vitoriosamente sobre o pecado, mas como pode operar maravilhas, milagres e prodígios. Foi o homem Jesus de Nazaré quem fez todas essas coisas, dotado pelo Espírito e por ele transformado; e isso está franqueado a todos os homens, conforme fica claro em João 14:12. (Ver as notas expositivas completas sobre a «importância da humanidade de Jesus», em Fil. 2:7).

Deveria ser lembrado que os homens, dotados pelo Espírito, apesar de serem «instrumentos» de seu poder, são mais do que isso. O próprio poder que têm e usam os «espiritualiza», para que venham a compartilhar da imagem e da natureza de Cristo; e assim chegam a participar da natureza divina (ver II Ped. 1:4). Desse modo, assim como Cristo assumiu humanidade e foi transformado como homem, na qualidade de Pioneiro do caminho, assim tomamos a sua essência, a sua natureza de Filho, o Deus-homem. Esse é o grande designio do evangelho (comentado em Col. 2:10). Quão importante, pois, foi sua autêntica identificação com os homens, em sua humanidade, e quão gloriosa é a nossa identificação com ele, em sua divindade!

Jesus, como homem, ensinou-nos o imperativo moral do evangelho. Os gnósticos faziam da imoralidade parte oficial de seu sistema ético. (Ver as notas sobre isso na secção VI desta introdução). Jesus contradiz tudo isso. Sua humanidade tem tremenda importância ética, e a veracidade de sua experiência é infundida em todos os seus verdadeiros discípulos. Judas ensina-nos claramente essa lição, sendo essa uma das razões porque sua epístola foi preservada, por que ela mereceu lugar no «cânon» do N.T.

I. CONFIRMAÇÃO ANTIGA

Judas é um daqueles livros (juntamente com Tiago e II Pedro) menos confirmados pelos antigos pais da igreja. Ou era desconhecido ou foi ignorado por Policarpo e Irineu e Inácio, do começo do século II D.C. Há frases e declarações similares

nos escritos de Policarpo (115 D.C.), conforme se vê em sua epístola aos Filipenses 3:2, que se parecem com o que diz Judas 3 e 20, ao usar a figura simbólica da «edificação na fé». O trecho de Filipenses 1:10, de Policarpo, é similar a Jud. 21; e Filipenses 11:4 é similar a Jud. 20,23. Porém, a maioria dos eruditos acredita que essas instâncias nada provam senão que houve um «fundo de frases» que era comum ao ensinamento cristão primitivo, que encontrou caminho a muitos documentos antigos, sem que isso envolva qualquer «dependência literária». Também há similaridades verbais entre as doxologias de I Clemente 20:12 e 65:2 (95 D.C.) e Jud. 25; e entre *Hermas, Sim.* V, 7,2 (130 D.C.?), na alusão à contaminação do corpo, e Jud. 8. Uma vez mais, porém, nada de muito convincente pode ser dito para mostrar qualquer dependência literária entre essas obras e esta epístola de Judas. Outrossim, nesses primeiros escritos, Judas nunca é mencionado como quem escreveu algo.

A dependência de II Pedro a esta epístola de Judas, todavia, é algo universalmente reconhecido, embora alguns poucos eruditos pensem que Judas é que depende de II Pedro. (Essa questão é discutida na secção V da introdução à segunda epístola de Pedro). Mas, visto que a segunda epístola de Pedro foi aceita depois da de Judas, a única coisa que essa dependência prova é que a epístola de Judas foi escrita primeiro.

A primeira menção indisputada à epístola de Judas, na igreja antiga, aparece no cânon Muratoriano (que reflete a aceitação por parte da igreja romana, em cerca de 190 D.C.). Até mesmo nesse caso, entretanto, a menção a Judas é fraseada de tal modo que mostra que tal livro não era reconhecido como canônico em certas secções da igreja cristã. Esta epístola é omitida no cânon Monseniano, um catálogo africano de livros sacros, feito em cerca de 350 D.C., pelo que até cerca dos meados do século IV, a posição desta epístola não estava garantida no «cânon», em algumas porções da igreja. Todavia, quando do terceiro concílio de Cartago (397 D.C.), Judas foi incluída na lista das Escrituras canônicas.

Tertuliano (197 D.C.) aceitava a epístola de Judas; e visto que o trecho de Jud. 14,15 usa o livro de Enoque, ele inferiu disso a posição bíblica daquele livro também. Isso mostra que a questão do cânon ainda era fluida naquele tempo e que a epístola de Judas fora traduzida para o latim, sendo conhecida nessa forma, mui provavelmente, na província romana da África.

Clemente de Alexandria (200 D.C.) não somente aceitava esta epístola como canônica, mas também dizia que Judas, o meio-irmão do Senhor Jesus, fora o seu autor. (O Instrutor III.8; comparar com Miscelâneas III.2). No seu *Paed.* iii.8.44, Clemente cita Judas 5 e 6 por nome, e na próxima secção (45), cita ele Jud. 11; embora sem identificar o autor. Em seu *Strom.* iii.2.11 ele cita Judas 8-10 por nome (identificando a citação como de Judas).

Orígenes (250 D.C.) trata Judas mais ou menos como fez com II Pedro. Ele reconheceu as dúvidas que circundavam o livro, mas não parecia entreter pessoalmente tais dúvidas. Em sua versão latina de Judas, ele dá o título de «apóstolo» a Judas. Cita Jud. 6 em seu «*In Matth.*», vol. xvii,30. Na mesma obra (x.17), ele menciona diretamente a Judas como autor, reconhecendo assim a sua autoridade; em sua versão latina ele cita Jud. 6 (em ad Rom. iii.6). Em sua «*Epist. ad Alex.*», ele cita o trecho de Jud. 8 e 9.

O *Interpreter's Bible* está utilizado neste comentário pela gentil permissão da Abingdon-Cokesbury Press, Nashville. Desta obra, são citados, em Judas, os autores Albert E. Barnett e Elmer G. Homrighausen.

Eusébio (340 D.C.) dá-nos sua própria opinião, pensando que a epístola de Judas era «falsa», com base no fato que poucos pais antigos mencionaram-na ou citaram-na por nome. Diz ele que a aceitação dessa epístola, por parte de Clemente, se deveu ao fato que ele não hesitava em usar o testemunho de escritos disputados, entre os quais ele situava vários livros apócrifos do A.T., como a «Sabedoria de Salomão», a «Sabedoria de Jesus, filho de Siraque», além de alguns livros apócrifos do N.T., como a Epístola aos Hebreus, e as epístolas de Barnabé, Clemente e Judas. (Ver História Eclesiástica VI. 13.6; VI.14.1). Em alguns lugares, Eusébio chama de «espúria» a esta epístola, ou então de «disputada» (ver História Eclesiástica II.23.24-25; III.25.3; VI.13.6; 14.1). Isso mostra que até aos meados do século IV D.C., a canonicidade desta epístola era questão debatida, devida, principalmente, ao fato que poucos dos pais da igreja a aceitavam, entre os quais não havia nenhum dos fins do primeiro e do começo do segundo séculos.

Atanásio (367 D.C.) incluía Judas sem nenhuma dúvida, em seu «cânon». A sua lista foi a primeira lista canônica a incluir todos os vinte e sete livros do N.T. que atualmente são aceitos.

Jerônimo (392 D.C.) também incluía esta epístola sem qualquer laivo de dúvida, embora admitisse que, em seus próprios dias, alguns a rejeitavam, especificamente por ser ela citada no livro apócrifo de Enoque (Sobre Homens Famosos, IV).

Pode-se ver, pois, que somente nos fins do século IV D.C. é que parte da igreja cristã veio a aceitar a epístola de Judas; mas até mesmo no fim desse século alguns ainda duvidavam da autenticidade da mesma, julgando não ter ela o direito de fazer parte do «cânon» das Escrituras. (Quanto a informações sobre a formação do «cânon», ver o artigo existente na introdução ao comentário que versa sobre esse tema).

II. AUTORIA

Apresentamos aqui os argumentos, pró e contra a idéia que Judas, o apóstolo, ou Judas, irmão do Senhor, escreveram este livro.

Dúvidas e disputas: Argumentos contrários, típicos de escritos e livros.

A confirmação antiga (ver as notas anteriores) naturalmente tem uma relação direta com a questão da autoria. Poder-se-ia crer, indagam alguns, que se Judas, um apóstolo, ou se Judas, um irmão autêntico do Senhor, tivessem escrito algo, que a igreja dos primeiros séculos teria ignorado ou duvidado de sua autenticidade? O autor parece tentar identificar-se como irmão do Senhor (presumivelmente ligando-se a Tiago, que supomos devemos entender como irmão do Senhor). Mas o testemunho antigo é que as coisas não foram realmente assim, pelo que teríamos à frente uma pseudépigrafe, isto é, um livro cujo autor não é aquele declarado na introdução. Isso surpreende os leitores modernos, porque imediatamente pensam em «obra forjada», «fraude» e «desonestidade». Mas isso é ignorar o fato que os antigos aceitavam tais escritos com naturalidade, pois eram freqüentemente produzidos em honra a algum mestre, como tributo prestado a algum bem conhecido professor, com propósitos de fomentar seu prestígio e suas doutrinas. Muitos escritores anônimos, que ligavam o nome de algum mestre a seus escritos, provavelmente faziam-no em atitude humilde, e com nobres propósitos. Os antigos simplesmente não viam a questão do modo como a vemos. O advento de Cristo produziu grande atividade literária, pelo que muitos evangelhos, atos, epístolas e apocalipses, que trazem nomes de famosos cristãos primitivos, como apóstolos e outros, não foram realmente escritos pelos tais. (Ver o artigo, na introdução ao comentário, sobre os «livros apócrifos do N.T. e outra literatura cristã primitiva»). Não se deve estranhar, pois, se nosso cânon final do N.T., que precisou de alguns séculos para atingir sua fruição, tenha incluído um ou mais desses escritos «pseudépigrafes». Além disso, a investigação no campo da autoria dentro dos estudos neotestamentários, é algo plenamente justificado. Se afirmarmos que um ou mais dos livros do N.T. não foram escritos pelos autores cujos nomes aparecem na introdução dos mesmos, não afirmamos mais do que o fizeram quase todos os pais mais antigos da igreja, cuja fé cristã estava acima de reprimenda, e que estavam em melhor posição para julgar essas coisas que nós, os modernos.

Vários eruditos, não aceitando que Judas, o apóstolo, ou Judas, irmão do Senhor, escreveu o livro, mas não querendo

dar-lhe o título de *pseudépigrafe*, têm procurado vinculá-lo a certo bispo de Jerusalém, conforme se lê em Eusébio; e alguns têm identificado com ele o autor sagrado. Todas essas conjecturas, porém, não têm qualquer possibilidade de prova, e quando muito são tentativas precárias. Outros, esperando preservar o título «Judas», conjecturam que as palavras «irmão de Tiago» são uma interpolação antiga, que visa a identificar o livro com o «círculo apostólico». Nesse caso, algum «Judas» desconhecido escreveu o livro, e isso explicaria por que a igreja primitiva essencialmente o ignorou, até ao século IV D.C. Porém, não há qualquer evidência textual em favor dessa idéia, e ela não se recomenda a nós como válida.

É interessante notar que Hegesipo tinha alguma prova do fato que dois netos de Judas foram levados perante Domiciano, pois as autoridades se tinham alarmado ante o fato que se diziam descendentes de Davi, estando diretamente aparentados com o próprio Cristo. Porém, quando aqueles homens mostraram suas mãos calejadas, e tendo descrito quão pouco possuíam, e tendo falado do «reino» pelo qual esperavam, que «não é deste mundo», foram despedidos entre zombarias (ver Eusébio, *História Eclesiástica* iii.20). Os descendentes de Judas viveram até ao reinado de Trajano (até 117 D.C.) e morreram homens idosos (Eusébio, *História Eclesiástica* iii.32.5). Isso subentende que o Judas original era homem não muito mais jovem que Jesus, mas também subentende que o próprio Judas morreu relativamente cedo (provavelmente antes de 70 D.C.). Sendo esse o caso, não é provável que Judas, irmão do Senhor, tenha escrito o livro à nossa frente, porquanto parece envolver um ataque ao gnosticismo do século II D.C. Outrossim, se tais detalhes como os ditos acima foram preservados acerca de indivíduos remotos, meramente por estarem relacionados com Judas, como se pode imaginar que qualquer escrito genuíno seu pudesse ter sido totalmente ignorado pela igreja primitiva?

Apresentamos agora uma típica defesa da idéia que Judas, irmão do Senhor, foi autor deste livro. O leitor, munido das informações acima, será capaz de ver os pontos fracos e fortes dos argumentos dados abaixo (extraídos do Comentário de Lange):

«1. Quanto ao testemunho antigo, vemos que essa epístola fora recebida no cânon das Escrituras no século IV D.C. Jerônimo reconhece seu caráter genuíno, mas observa que em consequência de citar do livro apócrifo de Enoque, era repelida pela «maioria» — tal rejeição, pois, não tinha bases objetivas e históricas... Eusébio a classifica entre as *antilegômena*, e adiciona que embora muitos dos antigos não a tenham mencionado, era publicamente usada pela maioria das igrejas. Orígenes alude a ela respeitosamente (Comentário em Mat. 13:55,56, par. 17: 'Judas escreveu uma epístola de poucos versículos, embora dotada de palavras vigorosas de graça celestial'), citando-a repetidamente, e só em um lugar duvida de sua genuinidade... É mencionada no antigo fragmento muratoriano (cerca de 170 D.C.). Clemente de Alexandria teceu comentários a seu respeito, atribuindo-a expressamente ao apóstolo Judas; e Orígenes também chama-o de apóstolo em dois lugares... Não aparece na antiga versão siríaca Peshitto... O testemunho dos pais não recua mais do que isso... A razão talvez esteja na brevidade da epístola, em sua afinidade com II Pedro, e, conforme ficarmos convictos, em sua origem não-apostólica... Sumariando o testemunho, descobrimos que prepondera em favor do caráter genuíno da epístola».

«2. Quanto às bases 'internas', os críticos não têm podido firmar objeções válidas. De Wette nota que a autoria de Judas não é afetada pelo uso do livro de Enoque, nem por sua provável familiaridade com a epístola aos Romanos, nem por sua dicção dura, a qual, apesar disso, mostra familiaridade com o idioma grego. Huther rebate com razão a suposição superficial de Schweigler de que os vss. 17 e 18 atribuem a epístola a uma data post-apostólica, dizendo que aqueles versículos de modo algum frisam uma era post-apostólica, pois antes supõem que os leitores da epístola tinham ouvido a pregação dos apóstolos; e que se, conforme ainda supõe Schweigler, a epístola visava a servir aos interesses do judaísmo contra o paulinismo, certamente isso deveria transparecer na epístola; um forjador, outrossim, dificilmente teria atribuído seu escrito a um homem de tão pouca proeminência quanto esse Judas...».

«A epístola transpira um espírito moral estrito, brilhando de zelo contra o erro e o vício, cuidando amorosamente da salvação das almas, mostrando profunda reverência por Deus

e sua Palavra. Assim, pois, em tudo é digna de ter-se originado em um primitivo cristão, que estava tão intimamente relacionado ao Senhor».

«Não devemos permitir que nosso juízo seja afetado pelo uso do livro apócrifo de Enoque, da tradição de Enoque e do *'ascensio Mosis'*, visto que Paulo também dá os nomes dos mágicos egípcios, Janes e Jambres, embora nada seja dito acerca deles nos livros históricos do A.T. (Ver II Tim. 3:8). Antes, admiremos a reserva com que o autor de nossa epístola usa o livro de Enoque, o qual contém tantas coisas fantásticas, a fim de nessa reserva reconhecermos a orientação do Espírito de Deus. Além de depender decididamente da segunda epístola de Pedro, a de Judas contém muitas características originais, comparações notáveis (por exemplo, os vss. 12,13), delineações características em poucas palavras (vs. 19), exortações sábias e bem pensadas (vss. 20-23). Como prova da originalidade do autor sagrado, deve-se mencionar que os 25 versículos desta epístola contém nada menos que dezoito *'apaks legomena'*, nos vss. 3,4,7,10,11,12,13,15,17,19 e 23».

O comentário de Lange prossegue, dando razões por que Judas, o apóstolo, não é o autor, principalmente porque o próprio livro parece ter o cuidado de não nos dar essa impressão. Argumenta ele que o «Tiago» mencionado deve ter sido indivíduo bem conhecido, já que o autor se identifica com ele (como seu irmão), como se isso fosse significativo para seus leitores. Quem, pois, são esses irmãos? A história de Eusébio (H.E. 3,19,20) é citada para mostrar que Judas (irmão do Senhor) tinha um irmão de nome Tiago. Eusébio também menciona um certo «Tiago» um irmão do Senhor, o qual, juntamente com os apóstolos, era líder da igreja de Jerusalém, trazendo a alcunha de «Justo». Josefo informa-nos de que o sumo sacerdote Anano fez Tiago, irmão 'do chamado Cristo', ser apedrejado (62 D.C.), descrevendo-o como um homem reto. «Os pais chamam-no claramente de bispo de Jerusalém; assim fazem-no Eusébio, Jerônimo, Nicéforo... A igreja antiga, pois, considerava o Judas e o Tiago aqui referidos como irmãos do Senhor segundo a carne. Em que isso concorda com o N.T.? Paulo, em Gál. 1:19 apresenta-nos Tiago, irmão do Senhor, e evidentemente o distingue, por aquela designação, do apóstolo Tiago, o Menor; e descreve-o como um apóstolo em sentido mais lato (cf. II Cor. 8:23; Rom. 16:7; Fil. 2:25 e Atos 14:14). Portanto, não precisamos ficar surpreendidos que alguns dos pais, como Jerônimo, Epifânio e Agostinho, também o tivessem chamado de apóstolo... (ver Mat. 13:55 e Marc. 6:3). Os nomes dos irmãos do Senhor eram Tiago, Joses, Simão e Judas...» (Neste ponto Lange expõe razões para crer que estão em foco «irmãos» autênticos, e não «primos», material esse fora do escopo de nossa investigação).

«Entre os irmãos do Senhor, após se terem tornado crentes, logo Tiago veio a ocupar lugar de destaque. Ele é apresentado como representante da tendência judaico-cristã da igreja-mãe (ver Atos 12:17). Seu íntimo parentesco com o Senhor, sua vida piedosa e seus hábitos austeros logo o elevaram à dignidade apostólica. No concílio dos apóstolos sobre a obrigatoriedade da lei, seu parecer mostrou ser decisivo (ver Atos 15:13). O concílio dos anciãos reunia-se em torno dele (ver Atos 21:18). Entre as colunas da igreja, ele é mencionado em primeiro lugar (Gál. 2:9), ao passo que noutros lugares Pedro é o príncipe dos apóstolos. Provavelmente ele é o autor da epístola de Tiago do cânon; pois os princípios ali contidos concordam com o que se sabe de sua vida, noticiado pelos pais; e ele, tal como Judas, descreve-se não como apóstolo, mas apenas como servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo (ver Tia. 1:1). Tem-se objetado que Lucas não distingue claramente o Tiago não-apostólico do apóstolo Tiago, o qual é aludido em Atos 1:13, porém, podemos responder, juntamente com Huther, que a familiaridade que então os cristãos tinham com todas as circunstâncias não exigia que tal distinção fosse feita de modo especial, o que também sucede no caso dos dois Filipes (ver Atos 1:13 e 8:5). A assertiva de Wiesler de que a igreja de Jerusalém não reconheceria como seu cabeça quem não fosse apóstolo, não pode ser consubstanciada por qualquer razão. Nosso Judas foi irmão daquele reverenciado líder de Jerusalém, tendo a mesma relação de família com o Senhor. O fato de não se ter descrito como irmão do Senhor, tal como Tiago faz em sua epístola, pode ter-se motivado na modéstia, ou em seu senso da relação que mantinha com Cristo, espiritualmente falando, o que prevaleceu sobre a relação física, tal como se deu no caso de nosso Senhor mesmo (ver Mat. 12:48-50)».

Conclusão:

1. Se nossa disposição é concordar com os primeiros pais da igreja (antes dos meados do século III D.C.), então rejeitaríamos Judas (apóstolo ou irmão do Senhor) como autor deste livro. Se nossa inclinação é concordar com a igreja do século IV D.C. e depois, provavelmente aceitaríamos Judas, irmão do Senhor, como autor deste livro.

2. O nome «Judas» era comum, tal como o de «Tiago» (no grego, «Jacó»). O Judas deste livro não afirma ser irmão do Senhor. Vários intérpretes, antigos e modernos, sugerem vários «Judas» como autor desta epístola. Apesar de podermos dizer que «provavelmente» o autor queria identificar-se como «irmão do Senhor», mas a humildade não o deixou asseverar tão alta posição, o único «fato» que podemos afirmar é que o livro à nossa frente é anônimo. Portanto, sem importar o que cremos sobre a identidade de seu autor, se foi «este» ou «aquele» Judas, assim cremos por causa da aceitação de uma ou outra tradição. Não se pode acreditar nisso devido a qualquer declaração constante na própria epístola de Judas.

3. Nenhum dos pais realmente antigos da igreja identificou o livro com Judas, irmão do Senhor, e vários pais posteriores negaram vigorosamente que pudesse ter sido escrito por ele. Isso se deve, em parte, porque há ali citações extraídas de dois livros apócrifos, *Enoque* e a *Assunção de Moisés*; e alguns dos pais da igreja, pensando que esses livros não eram dignos de ser citados, automaticamente pensaram que Judas era indigno de ser considerado livro «canônico», por ter-se utilizado de tal material em suas citações.

4. Este livro se acha entre os mais «debatidos» do N.T., e tem retido essa posição até hoje. Essa «disputa» tange à sua autoria e à sua canonicidade. Minha própria opinião é que Deus teve parte na formação do cânon, e embora isso tenha ocupado vários séculos, certos livros foram preservados para nós. «A mão de Deus sobre o livro de Judas» subentende sua inspiração, de tal modo que qualquer discussão de autoria humana se torna secundária, sobretudo quando nenhuma conclusão certa é exequível, nos tempos antigos ou modernos. Nosso problema, pois, é «como obedecemos» ao que foi escrito neste livro, como participamos de seu zelo na defesa da fé, contra os erros satânicos, representados pelo gnosticismo (a heresia aqui atacada).

5. A questão da autoria do livro dificilmente pode ser usada como prova de ortodoxia ou de fé cristã, considerando-se o seu manuseio pelos pais mais antigos da igreja, cuja fé cristã está acima de reprimenda.

III. DATA

Se Judas, irmão do Senhor, escreveu a carta, então não pode ser datado em posterior a 70 D.C. Provavelmente Judas não viveu mais que isso. Se esse Judas não a escreveu, então supomos que foi escrita nos começos do século II D.C., como um tratado contra o gnosticismo da época. Visto que é mencionado no cânon muratoriano, da última porção do século II D.C., o livro não pode ter sido escrito muito depois dos meados daquele século. Já que II Pedro incorpora grande parte do mesmo, então sua data deve ter precedido tal escrito. Se II Pedro pertence genuinamente a Pedro, então Judas teve de ser escrita realmente cedo. Em caso contrário, então o começo do século II D.C. é uma boa conjectura acerca da data da epístola de Judas, tão boa quanto qualquer outra conjectura.

IV. PROVENIÊNCIA E DESTINO

Proveniência. Não se pode afirmar, com qualquer certeza, onde essa epístola foi escrita. Porém, se argumentarmos que a segunda epístola de Pedro teve proveniência romana, então seria razoável a suposição que Judas proveio dali também, já que aquele livro de Pedro incorpora muito da epístola de Judas. E se a epístola de Judas foi conhecida primeiramente em Roma e cercanias, então poderia ser copiada ali. Outrossim, a primeira menção dessa epístola aparece no «cânon Muratoriano», e isso reflete um uso romano, perto do final do século II D.C. Já que essa epístola foi pela primeira vez usada e reconhecida nessa área, é razoável supormos que ali foi ela composta. Seu reconhecimento, da parte de Tertuliano e da igreja de língua latina, antes de qualquer confirmação proveniente de outras áreas, parece apontar para a mesma conclusão. Outras sugestões relativas à proveniência têm sido Jerusalém, a Palestina (na suposição que seu autor foi Judas, irmão do Senhor), a Síria, o Egito e a Ásia Menor. (Ver a segunda epístola de Pedro, em sua introdução, no ponto

IV, quanto a outros argumentos que talvez dêem a entender a proveniência romana para ambas essas epístolas—Judas e II Pedro).

Destino: A saudação é «...aos chamados, amados em Deus Pai e guardados em Jesus Cristo...» Essa é uma saudação muito geral, sem que qualquer indicação seja dada acerca de seus leitores originais. Provavelmente essa epístola tenha sido verdadeiramente «católica» ou «universal», não visando qualquer comunidade em particular, pois se destinava à igreja inteira, em todos os lugares, onde quer que houvesse dificuldades com o ataque gnóstico. A Ásia Menor estava infestada do ensino gnóstico, sendo possível que essa epístola foi enviada originalmente para aquela região, tal como o foram as epístolas joaninas e àquela dirigida aos Colossenses (todas as quais combatem o gnosticismo). A segunda epístola de Pedro também parece ter sido enviada para a Ásia Menor, por razões declaradas na secção IV da introdução daquele livro. Isso poderia servir de pequena indicação que Judas foi epístola que originalmente também foi posta a circular naquela região do mundo, pois, em algum sentido, a segunda epístola de Pedro é companheira desta epístola de Judas.

V. RELAÇÃO ENTRE II PEDRO E JUDAS

Reconhece-se universalmente que há certa dependência literária entre essas duas epístolas, e a maioria dos eruditos supõe que o trecho de II Ped. 2:1-18 foi copiado de Jud. 3-18, apenas com leves modificações. Esse problema é amplamente discutido, com ilustrações, na secção V da introdução à segunda epístola de Pedro.

VI. MOTIVO E PROPÓSITOS

Motivo. Quase todos os estudiosos, com razão, concordam que Judas foi epístola escrita para combater a heresia gnóstica que floresceu no segundo século da nossa era. A crise de falsos ensinamentos, que cercou a igreja, levou o autor sagrado a lançar um tratado que fora planejado para defender «...a nossa comum salvação...» Em seu lugar, ele pensou ser bom compor um violento ataque contra o gnosticismo. As doutrinas gnósticas específicas, que transparecem (sob ataque), nesta epístola de Judas, são as seguintes:

1. *Imoralidade* dos mestres gnósticos (ver o quarto versículo). Os gnósticos faziam da licenciosidade uma parte oficial de sua ética. Criam eles que a matéria é o princípio mesmo do mal; e assim, por participar da matéria, o corpo físico é o princípio do mal no homem. Também acreditavam que o sistema do mundo visa destruir a matéria, finalmente libertando o espírito para seu voo até à realidade espiritual e final. Supunham que devemos «cooperar» com o mundo nesse intuito, abusando do corpo. Isso faziam mediante ascetismo extremo (tipo de ética gnóstica combatida em Col. 2:15 e ss.) ou mediante a imoralidade extremada (tipo combatido nas epístolas pastorais, nas três epístolas joaninas e neste livro de Judas). Acreditavam os gnósticos que o espírito não se corrompe com aquilo que é feito através do corpo, tal como o ouro não perde sua essência e pureza se mergulhado na lama. Portanto, a imoralidade não somente era aceita, mas era encorajada. Isso contradizia radicalmente ao ponto de vista judaico-cristão da moralidade, pelo que os livros do N.T. que combatem o gnosticismo licencioso (mencionados acima), assediavam fortemente as imoralidades gnósticas.

2. Os gnósticos *negavam* a *expição* pelo sangue de Cristo (implícito no quarto versículo). Eles «negavam» a Deus e a nosso Senhor, Jesus Cristo. Criam eles que o «Espírito-Cristo» (o «aeon» ou emanção angelical, embora não o grande «Logos») meramente viera possuir o corpo do homem Jesus de Nazaré, quando de seu batismo, não se tendo «encarnado» realmente. Repeliam a encarnação como algo metafisicamente impossível e moralmente prejudicial. Se um espírito viesse a encarnar-se, ficaria corrompido pela matéria, o princípio do mal. Já que Cristo não se encarnara, e, por conseguinte, não sofrera e nem morrera, como poderia ter feito expiação? Quando o homem Jesus morreu, o «aeon» ter-se-ia afastado dele; e sua morte, portanto, teria sido meramente humana, sem qualquer valor expiatório. (Ver o trecho de II Ped. 2:1, que diz: «...até ao ponto de renegarem o Soberano Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição», o que é clara alusão à «expição»). E pode-se supor que em Jud. 4 há a mesma alusão.

3. Os gnósticos *negavam* a *Deus Pai* (ver o quarto versículo). Tinham um conceito «deísta» de Deus. Em outras palavras, Deus teria criado a tudo, mas seria tão

transcendental que nada mais teria a ver com a sua criação. Teria deixado sua criação entregue às leis naturais, não interferindo e nem recompensando e punindo. O cristianismo autêntico, porém, toma a posição «teísta», isto é, Deus não somente existe e criou a tudo, mas também intervém na história humana, recompensando e punindo. O fato que negavam os gnósticos a Deus, provavelmente também inclui a idéia que tinham vidas ímpias e imorais. Isso negava qualquer pretensão que tivessem de ser inspirados e guiados por Deus.

4. A *imoralidade e perversão* dos gnósticos era algo profundo (ver os versículos quinto a décimo nono). Essa porção da epístola descreve, nos termos mais horrendos, a natureza moral dos falsos mestres, fortalecida tal descrição com alusões ao A.T. e aos livros apócrifos do A.T. Foi a fim de combater tal imoralidade, que se fazia passar por «cristã», que esta epístola foi escrita.

5. Os gnósticos negavam que a *salvação plena* fosse oferecida aos homens (o que talvez fique refletido nos versículos vinte e um a vinte e três). Os gnósticos dividiam os homens em três classes: a. Os «*hilicos*» ou terrenos, que estariam tão mergulhados na matéria que nunca poderiam escapar, pelo que haveriam de perecer na grande conflagração que assinalaria o fim das «*emanações*», quando a criação retornaria ao seu «foco central», Deus. A maioria dos homens pertenceria a essa classe, pelo que seriam eles totalmente incapazes de receber a redenção. b. Os *psíquicos*. Estes seriam espirituais até certo ponto, como os profetas do A.T., os quais poderiam receber uma forma secundária de salvação, com base na «fé», que seria inferior ao «conhecimento». Todos os homens bons que não fossem «gnósticos» pertenceriam a essa classe. c. Finalmente, haveria os «*pneumáticos*», que seriam os indivíduos realmente espirituais, remidos através do «conhecimento», e, portanto, «gnósticos» (termo que procede do vocábulo grego «gnosis», «conhecimento»). Os indivíduos dessa última classe seriam, finalmente, reabsorvidos pelo Espírito divino, com a perda de sua identidade pessoal, em que o «ego» se tornaria em «superego».

Quase todos os gnósticos eram «*docéticos*» ou «*semidocéticos*». Supunham que Jesus, o Cristo, não teria corpo humano, mas tão-somente «pareceria» ser humano (do que se deriva o termo «*docetismo*», no grego, «*dokeo*», «parecer»). Isso expressa o «*docetismo puro*», a total negação de qualquer tipo de humanidade associada à pessoa de Cristo. Todavia, a maioria dos gnósticos era «*semidocética*». Acreditavam na teoria da «*possessão*». Um «*aeon*» (emanção angelical—o *Espírito-Cristo*) teria vindo possuir o homem Jesus de Nazaré quando de seu batismo, tendo-o abandonado por ocasião de sua morte. Não era humano e nem jamais se «encarnara». Mediante essa forma estranha de «*cristologia*», pois, os mestres gnósticos negavam o verdadeiro Cristo. (Ver o quarto versículo. Ver as notas completas sobre o «*gnosticismo*» em Col. 2:18, onde aparece a nota de sumário a respeito).

Propósitos: Pelo que é dito nas notas acima, o «*propósito*» do autor sagrado é claro. Ele escrevia contra a heresia do gnosticismo, esperando quebrar o encantamento exercido pelo mesmo sobre os crentes, trazendo-os de volta ao evangelho apostólico. Ao longo do caminho também queria dar instruções positivas sobre a natureza da verdadeira fé; e isso faz ao mencionar várias crenças cristãs, contrastando-as com a heresia que havia ao redor. Também os encorajou a «*lutarem*» pela fé cristã que vinha sendo atacada pelos hereges (ver o terceiro versículo), e isso «*diligentemente*», porquanto grande crise sobreviera à igreja cristã. Se o gnosticismo houvesse ganho nessa batalha, o cristianismo ter-se-ia transformado apenas em um outro culto misterioso. Contudo, durou somente cento e cinquenta anos; e a fé cristã triunfa até aos nossos dias.

Além desse propósito polêmico, o autor sagrado também quis consolar aos verdadeiros crentes (ver os versículos vinte em diante). Há uma fé revelada, na qual devemos confiar, e há orações a serem feitas no Espírito Santo. Também há o amor de Deus, que nos guarda e no qual nos devemos resguardar. E há a «*vida eterna*», a qual será obtida pelos fiéis, os que permanecerem na esfera da graça divina. E Deus é capaz de conservar-nos, impedindo-nos a queda, não nos deixando perecer, arrastados pelo encantamento de qualquer heresia. E, finalmente, ele nos apresentará diante de si mesmo sem falha e com incedível alegria. Por conseguinte, àquele que é o único Deus sábio, o nosso Salvador, seja a glória, a majestade, o domínio e o poder, tanto agora como para sempre. Assim seja.

Em contraste com a bem-aventurança de que desfrutaram os verdadeiros crentes, temos a «condenação» em que incorrem os falsos mestres. O autor sagrado mostra que assim como Deus julgou, no tempo passado, haverá de julgar novamente; e que o juízo divino inevitavelmente recairá sobre os que rejeitarem a Cristo. (Ver os versículos 5-7,14,15).

A apostasia sobreviera à igreja com poder repentino e eficaz. Isso poderia ter deixado confusos a alguns, em dúvida acerca da mensagem cristã. O autor sagrado mostra (sendo esse um dos propósitos desta epístola), que tudo isso fora predito (ver os versículos décimo sétimo e décimo oitavo), e que a apostasia era apenas um dos sinais dos «últimos tempos», nos quais a igreja cristã (conforme acreditava o autor sagrado) já vivia.

VII. CONTEÚDO

- I. Saudação (vss. 1,2)
- II. Propósito Central da Epístola (vss. 3,4)
- III. A apostasia não é nova: exemplos históricos (vss. 5-7)
- IV. Descrição dos hereges gnósticos (vss. 8-13)

Para que melhor compreenda esta epístola, o leitor deveria consultar primeiramente a introdução que aborda a questão da confirmação antiga, a autoria, a data, a proveniência e o destino, seu motivo e propósitos e suas relações para com a segunda epístola de Pedro.

Judas é uma das chamadas epístolas *católicas* ou «universais». E, em relação com certos livros do N.T., indica isso que eles foram escritos para a «igreja cristã em geral», e não para alguma pessoa ou congregação local. Para alguns eruditos, esse vocábulo significa «canônico», mas esse não é seu uso normal. Uma completa discussão sobre o termo «católico», quando aplicado aos livros do N.T., aparece nas notas introdutórias à epístola de Tiago, após a introdução formal e antes do começo das notas expositivas sobre o seu primeiro versículo. As «epístolas católicas» são as de Tiago, I e II Pedro, I, II e III João e Judas.

Homrighausen (introdução adicionada imediatamente após Judas 1:1) comenta sobre a *surpreendente* natureza de alguns dos documentos bíblicos. O livro de Ester, por exemplo, não menciona nunca o nome de «Deus», embora esteja repleto de exemplos da providência divina. Grande parte do livro de Eclesiástico foi escrito por um cínico declarado, mas que, devido ao seu cinismo, é forçado a achar a Deus. O livro de Apocalipse é um livro misterioso que desafia mas também atrai aos intérpretes, até aos nossos próprios dias. A epístola de Judas também é surpreendente. Possui um estilo original, enérgico, pitoresco; seu tom é intenso, veemente, denunciador. É judaico-cristão em seu ponto de vista, mas sua estrutura é aramaica, abundante de arranjos tríplexes, conforme o descreveu Frederick W. Farrar, em seu livro «The Messages of the Books», pág. 450. A epístola de Judas tem afinidades com a literatura apocalíptica, embora, historicamente, seja um sólido ataque contra a heresia. Seu conteúdo é sui generis, porquanto cita livros apócrifos do A.T. e atribui a queda dos anjos a pecados com mulheres mortais. Porém, sem levar em conta os seus elementos estranhos, trata-se de um necessário alarma, dirigido aos crentes, para que preservassem a fé ensinada pelos apóstolos.

A despeito de certas disputas acerca de sua autoria, e apesar de haver sido admitida tardiamente no «cânon» do N.T., não hesitamos em dizer, juntamente com Orígenes: «Apesar de consistir de alguns poucos versículos, contudo, está repleta de poderosas palavras de graça celestial».

I. Saudação (Vss. 1,2).

O autor sagrado se apresenta aqui a seus leitores. Seu herói é «Tiago», o irmão do Senhor. Escreve ele em honra a Judas, irmão de Tiago. Assim fazendo, queria que soubessem que ele defendia o evangelho apostólico contra os assédios da heresia gnóstica, além de exortar a seus leitores que reconheçam a urgência da defesa à fé cristã. Ele, e outros semelhantes a ele, salvaram a igreja primitiva de tornar-se apenas outra das religiões misteriosas greco-romanas, o que fatalmente teria sucedido, se o gnosticismo houvesse ganho a batalha.

1 Ἰούδας Ἰησοῦ Χριστοῦ δοῦλος, ἀδελφός δὲ Ἰακώβου, τοῖς ἐν θεῷ πατρὶ ἡγαπημένοις¹ καὶ Ἰησοῦ Χριστῷ τετηρημένοις κλητοῖς.

¹ 1 {B} ἡγαπημένοις p⁷² N A B Ψ 51 55 58* 330 436 451 629 630 1241 1505 1739 (2492 ἡγάπομεν) 2495 1441 it¹ 1442 1443 1444 1445 1446 1447 1448 1449 1450 1451 1452 1453 1454 1455 1456 1457 1458 1459 1460 1461 1462 1463 1464 1465 1466 1467 1468 1469 1470 1471 1472 1473 1474 1475 1476 1477 1478 1479 1480 1481 1482 1483 1484 1485 1486 1487 1488 1489 1490 1491 1492 1493 1494 1495 1496 1497 1498 1499 1500 1501 1502 1503 1504 1505 1506 1507 1508 1509 1510 1511 1512 1513 1514 1515 1516 1517 1518 1519 1520 1521 1522 1523 1524 1525 1526 1527 1528 1529 1530 1531 1532 1533 1534 1535 1536 1537 1538 1539 1540 1541 1542 1543 1544 1545 1546 1547 1548 1549 1550 1551 1552 1553 1554 1555 1556 1557 1558 1559 1560 1561 1562 1563 1564 1565 1566 1567 1568 1569 1570 1571 1572 1573 1574 1575 1576 1577 1578 1579 1580 1581 1582 1583 1584 1585 1586 1587 1588 1589 1590 1591 1592 1593 1594 1595 1596 1597 1598 1599 1600 1601 1602 1603 1604 1605 1606 1607 1608 1609 1610 1611 1612 1613 1614 1615 1616 1617 1618 1619 1620 1621 1622 1623 1624 1625 1626 1627 1628 1629 1630 1631 1632 1633 1634 1635 1636 1637 1638 1639 1640 1641 1642 1643 1644 1645 1646 1647 1648 1649 1650 1651 1652 1653 1654 1655 1656 1657 1658 1659 1660 1661 1662 1663 1664 1665 1666 1667 1668 1669 1670 1671 1672 1673 1674 1675 1676 1677 1678 1679 1680 1681 1682 1683 1684 1685 1686 1687 1688 1689 1690 1691 1692 1693 1694 1695 1696 1697 1698 1699 1700 1701 1702 1703 1704 1705 1706 1707 1708 1709 1710 1711 1712 1713 1714 1715 1716 1717 1718 1719 1720 1721 1722 1723 1724 1725 1726 1727 1728 1729 1730 1731 1732 1733 1734 1735 1736 1737 1738 1739 1740 1741 1742 1743 1744 1745 1746 1747 1748 1749 1750 1751 1752 1753 1754 1755 1756 1757 1758 1759 1760 1761 1762 1763 1764 1765 1766 1767 1768 1769 1770 1771 1772 1773 1774 1775 1776 1777 1778 1779 1780 1781 1782 1783 1784 1785 1786 1787 1788 1789 1790 1791 1792 1793 1794 1795 1796 1797 1798 1799 1800 1801 1802 1803 1804 1805 1806 1807 1808 1809 1810 1811 1812 1813 1814 1815 1816 1817 1818 1819 1820 1821 1822 1823 1824 1825 1826 1827 1828 1829 1830 1831 1832 1833 1834 1835 1836 1837 1838 1839 1840 1841 1842 1843 1844 1845 1846 1847 1848 1849 1850 1851 1852 1853 1854 1855 1856 1857 1858 1859 1860 1861 1862 1863 1864 1865 1866 1867 1868 1869 1870 1871 1872 1873 1874 1875 1876 1877 1878 1879 1880 1881 1882 1883 1884 1885 1886 1887 1888 1889 1890 1891 1892 1893 1894 1895 1896 1897 1898 1899 1900 1901 1902 1903 1904 1905 1906 1907 1908 1909 1910 1911 1912 1913 1914 1915 1916 1917 1918 1919 1920 1921 1922 1923 1924 1925 1926 1927 1928 1929 1930 1931 1932 1933 1934 1935 1936 1937 1938 1939 1940 1941 1942 1943 1944 1945 1946 1947 1948 1949 1950 1951 1952 1953 1954 1955 1956 1957 1958 1959 1960 1961 1962 1963 1964 1965 1966 1967 1968 1969 1970 1971 1972 1973 1974 1975 1976 1977 1978 1979 1980 1981 1982 1983 1984 1985 1986 1987 1988 1989 1990 1991 1992 1993 1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004 2005 2006 2007 2008 2009 2010 2011 2012 2013 2014 2015 2016 2017 2018 2019 2020 2021 2022 2023 2024 2025 2026 2027 2028 2029 2030 2031 2032 2033 2034 2035 2036 2037 2038 2039 2040 2041 2042 2043 2044 2045 2046 2047 2048 2049 2050 2051 2052 2053 2054 2055 2056 2057 2058 2059 2060 2061 2062 2063 2064 2065 2066 2067 2068 2069 2070 2071 2072 2073 2074 2075 2076 2077 2078 2079 2080 2081 2082 2083 2084 2085 2086 2087 2088 2089 2090 2091 2092 2093 2094 2095 2096 2097 2098 2099 2100 2101 2102 2103 2104 2105 2106 2107 2108 2109 2110 2111 2112 2113 2114 2115 2116 2117 2118 2119 2120 2121 2122 2123 2124 2125 2126 2127 2128 2129 2130 2131 2132 2133 2134 2135 2136 2137 2138 2139 2140 2141 2142 2143 2144 2145 2146 2147 2148 2149 2150 2151 2152 2153 2154 2155 2156 2157 2158 2159 2160 2161 2162 2163 2164 2165 2166 2167 2168 2169 2170 2171 2172 2173 2174 2175 2176 2177 2178 2179 2180 2181 2182 2183 2184 2185 2186 2187 2188 2189 2190 2191 2192 2193 2194 2195 2196 2197 2198 2199 2200 2201 2202 2203 2204 2205 2206 2207 2208 2209 2210 2211 2212 2213 2214 2215 2216 2217 2218 2219 2220 2221 2222 2223 2224 2225 2226 2227 2228 2229 2230 2231 2232 2233 2234 2235 2236 2237 2238 2239 2240 2241 2242 2243 2244 2245 2246 2247 2248 2249 2250 2251 2252 2253 2254 2255 2256 2257 2258 2259 2260 2261 2262 2263 2264 2265 2266 2267 2268 2269 2270 2271 2272 2273 2274 2275 2276 2277 2278 2279 2280 2281 2282 2283 2284 2285 2286 2287 2288 2289 2290 2291 2292 2293 2294 2295 2296 2297 2298 2299 2300 2301 2302 2303 2304 2305 2306 2307 2308 2309 2310 2311 2312 2313 2314 2315 2316 2317 2318 2319 2320 2321 2322 2323 2324 2325 2326 2327 2328 2329 2330 2331 2332 2333 2334 2335 2336 2337 2338 2339 2340 2341 2342 2343 2344 2345 2346 2347 2348 2349 2350 2351 2352 2353 2354 2355 2356 2357 2358 2359 2360 2361 2362 2363 2364 2365 2366 2367 2368 2369 2370 2371 2372 2373 2374 2375 2376 2377 2378 2379 2380 2381 2382 2383 2384 2385 2386 2387 2388 2389 2390 2391 2392 2393 2394 2395 2396 2397 2398 2399 2400 2401 2402 2403 2404 2405 2406 2407 2408 2409 2410 2411 2412 2413 2414 2415 2416 2417 2418 2419 2420 2421 2422 2423 2424 2425 2426 2427 2428 2429 2430 2431 2432 2433 2434 2435 2436 2437 2438 2439 2440 2441 2442 2443 2444 2445 2446 2447 2448 2449 2450 2451 2452 2453 2454 2455 2456 2457 2458 2459 2460 2461 2462 2463 2464 2465 2466 2467 2468 2469 2470 2471 2472 2473 2474 2475 2476 2477 2478 2479 2480 2481 2482 2483 2484 2485 2486 2487 2488 2489 2490 2491 2492 2493 2494 2495 2496 2497 2498 2499 2500 2501 2502 2503 2504 2505 2506 2507 2508 2509 2510 2511 2512 2513 2514 2515 2516 2517 2518 2519 2520 2521 2522 2523 2524 2525 2526 2527 2528 2529 2530 2531 2532 2533 2534 2535 2536 2537 2538 2539 2540 2541 2542 2543 2544 2545 2546 2547 2548 2549 2550 2551 2552 2553 2554 2555 2556 2557 2558 2559 2560 2561 2562 2563 2564 2565 2566 2567 2568 2569 2570 2571 2572 2573 2574 2575 2576 2577 2578 2579 2580 2581 2582 2583 2584 2585 2586 2587 2588 2589 2590 2591 2592 2593 2594 2595 2596 2597 2598 2599 2600 2601 2602 2603 2604 2605 2606 2607 2608 2609 2610 2611 2612 2613 2614 2615 2616 2617 2618 2619 2620 2621 2622 2623 2624 2625 2626 2627 2628 2629 2630 2631 2632 2633 2634 2635 2636 2637 2638 2639 2640 2641 2642 2643 2644 2645 2646 2647 2648 2649 2650 2651 2652 2653 2654 2655 2656 2657 2658 2659 2660 2661 2662 2663 2664 2665 2666 2667 2668 2669 2670 2671 2672 2673 2674 2675 2676 2677 2678 2679 2680 2681 2682 2683 2684 2685 2686 2687 2688 2689 2690 2691 2692 2693 2694 2695 2696 2697 2698 2699 2700 2701 2702 2703 2704 2705 2706 2707 2708 2709 2710 2711 2712 2713 2714 2715 2716 2717 2718 2719 2720 2721 2722 2723 2724 2725 2726 2727 2728 2729 2730 2731 2732 2733 2734 2735 2736 2737 2738 2739 2740 2741 2742 2743 2744 2745 2746 2747 2748 2749 2750 2751 2752 2753 2754 2755 2756 2757 2758 2759 2760 2761 2762 2763 2764 2765 2766 2767 2768 2769 2770 2771 2772 2773 2774 2775 2776 2777 2778 2779 2780 2781 2782 2783 2784 2785 2786 2787 2788 2789 2790 2791 2792 2793 2794 2795 2796 2797 2798 2799 2800 2801 2802 2803 2804 2805 2806 2807 2808 2809 2810 2811 2812 2813 2814 2815 2816 2817 2818 2819 2820 2821 2822 2823 2824 2825 2826 2827 2828 2829 2830 2831 2832 2833 2834 2835 2836 2837 2838 2839 2840 2841 2842 2843 2844 2845 2846 2847 2848 2849 2850 2851 2852 2853 2854 2855 2856 2857 2858 2859 2860 2861 2862 2863 2864 2865 2866 2867 2868 2869 2870 2871 2872 2873 2874 2875 2876 2877 2878 2879 2880 2881 2882 2883 2884 2885 2886 2887 2888 2889 2890 2891 2892 2893 2894 2895 2896 2897 2898 2899 2900 2901 2902 2903 2904 2905 2906 2907 2908 2909 2910 2911 2912 2913 2914 2915 2916 2917 2918 2919 2920 2921 2922 2923 2924 2925 2926 2927 2928 2929 2930 2931 2932 2933 2934 2935 2936 2937 2938 2939 2940 2941 2942 2943 2944 2945 2946 2947 2948 2949 2950 2951 2952 2953 2954 2955 2956 2957 2958 2959 2960 2961 2962 2963 2964 2965 2966 2967 2968 2969 2970 2971 2972 2973 2974 2975 2976 2977 2978 2979 2980 2981 2982 2983 2984 2985 2986 2987 2988 2989 2990 2991 2992 2993 2994 2995 2996 2997 2998 2999 3000 3001 3002 3003 3004 3005 3006 3007 3008 3009 3010 3011 3012 3013 3014 3015 3016 3017 3018 3019 3020 3021 3022 3023 3024 3025 3026 3027 3028 3029 3030 3031 3032 3033 3034 3035 3036 3037 3038 3039 3040 3041 3042 3043 3044 3045 3046 3047 3048 3049 3050 3051 3052 3053 3054 3055 3056 3057 3058 3059 3060 3061 3062 3063 3064 3065 3066 3067 3068 3069 3070 3071 3072 3073 3074 3075 3076 3077 3078 3079 3080 3081 3082 3083 3084 3085 3086 3087 3088 3089 3090 3091 3092 3093 3094 3095 3096 3097 3098 3099 3100 3101 3102 3103 3104 3105 3106 3107 3108 3109 3110 3111 3112 3113 3114 3115 3116 3117 3118 3119 3120 3121 3122 3123 3124 3125 3126 3127 3128 3129 3130 3131 3132 3133 3134 3135 3136 3137 3138 3139 3140 3141 3142 3143 3144 3145 3146 3147 3148 3149 3150 3151 3152 3153 3154 3155 3156 3157 3158 3159 3160 3161 3162 3163 3164 3165 3166 3167 3168 3169 3170 3171 3172 3173 3174 3175 3176 3177 3178 3179 3180 3181 3182 3183 3184 3185 3186 3187 3188 3189 3190 3191 3192 3193 3194 3195 3196 3197 3198 3199 3200 3201 3202 3203 3204 3205 3206 3207 3208 3209 3210 3211 3212 3213 3214 3215 3216 3217 3218 3219 3220 3221 3222 3223 3224 3225 3226 3227 3228 3229 3230 3231 3232 3233 3234 3235 3236 3237 3238 3239 3240 3241 3242 3243 3244 3245 3246 3247 3248 3249 3250 3251 3252 3253 3254 3255 3256 3257 3258 3259 3260 3261 3262 3263 3264 3265 3266 3267 3268 3269 3270 3271 3272 3273 3274 3275 3276 3277 3278 3279 3280 3281 3282 3283 3284 3285 3286 3287 3288 3289 3290 3291 3292 3293 3294 3295 3296 3297 3298 3299 3300 3301 3302 3303 3304 3305 3306 3307 3308 3309 3310 3311 3312 3313 3314 3315 3316 3317 3318 3319 3320 3321 3322 3323 3324 3325 3326 3327 3328 3329 3330 3331 3332 3333 3334 3335 3336 3337 3338 3339 3340 3341 3342 3343 3344 3345 3346 3347 3348 3349 3350 3351 3352 3353 3354 3355 3356 3357 3358 3359 3360 3361 3362 3363 3364 3365 3366 3367 3368 3369 3370 3371 3372 3373 3374 3375 3376 3377 3378 3379 3380 3381 3382 3383 3384 3385 3386 3387 3388 3389 3390 3391 3392 3393 3394 3395 3396 3397 3398 3399 3400 3401 3402 3403 3404 3405 3406 3407 3408 3409 3410 3411 3412 3413 3414 3415 3416 3417 3418 3419 3420 3421 3422 3423 3424 3425 3426 3427 3428 3429 3430 3431 3432 3433 3434 3435 3436 3437 3438 3439 3440 3441 3442 3443 3444 3445 3446 3447 3448 3449 3450 3451 3452 3453 3454 3455 3456 3457 3458 3459 3460 3461 3462 3463 3464 3465 3466 3467 3468 3469 3470 3471 3472 3473 3474 3475 3476 3477 3478 3479 3480 3481 3482 3483 3484 3485 3486 3487 3488 3489 3490 3491 3492 3493 3494 3495 3496 3497 3498 3499 3500 3501 3502 3503 3504 3505 3506 3507 3508 3509 3510 3511 3512 3513 3514 3515 3516 3517 3518 3519 3520 3521 3522 3523 3524 3525 3526 3527 3528 3529 3530 3531 3532 3533 3534 3535 3536 3537 3538 3539 3540 3541 3542 3543 3544 3545 3546 3547 3548 3549 3550 3551 3552 3553 3554 3555 3556 3557 3558 3559 356

indica dedicação absoluta, total outorga da alma aos seus cuidados. Paulo empregou esse termo, apontando para si mesmo, e, em Rom. 1:1, apresentamos as notas expositivas a respeito. Esse vocábulo subentende um «serviço» totalmente consagrado, pois um escravo, acima de tudo, deveria «trabalhar para seu senhor». O termo grego «doulos» (escravo) é usado por cento e vinte e cinco vezes nas páginas do N.T., em seu uso literal e metafórico. (Quanto a seu uso metafórico e espiritual, além da presente passagem, ver os trechos de Rom. 6:16,17,20; II Cor. 4:5; Gál. 1:10; 4:1,7; Fil. 1:1; 2:7—onde o termo é empregado ao próprio Cristo, apontando para a sua total dedicação à sua missão terrena; Tia. 1:1; I Ped. 2:16; II Ped. 1:1; 2:19; Apo. 1:1; 2:20; 7:3; 10:7; 11:18; 15:3; 19:2,5 e 22:3,6). Essa palavra também é usada em sentido negativo, conforme se vê na leitura dessas várias referências bíblicas. É possível alguém ser escravo do pecado, ser cativado pela vontade de Satanás, para detrimento de sua própria alma.

«...irmão de Tiago...» O apóstolo Tiago é o herói do autor sagrado. Ora, Tiago era o irmão do Senhor. (Quanto a todos os «Tiagos» que há no N.T., ver Atos 12:2; quanto a «Tiago, irmão do Senhor», ver Gál. 1:19). Sob o título «autoridade», na introdução à epístola de Tiago, há mais informações sobre ele, bem como em Tia. 1:1. É mediante o uso do nome de Tiago que o autor desta epístola identifica sua obra com a tradição e com o evangelho apostólico, mostrando assim o seu propósito de defender o evangelho contra os assédios da heresia gnóstica. Tiago foi o famoso «bispo» ou «supervisor» da igreja de Jerusalém, dotado de grande autoridade espiritual sobre a igreja. Todos quantos representassem o seu nome certamente expunham fielmente o evangelho de Cristo.

O autor sagrado não se chama «irmão do Senhor», provavelmente por humildade, ou então como alguns dizem, porque na realidade não era tal, porquanto tão-somente escrevia em honra a Judas (como o seu discípulo), não presumindo ao menos escrever tais palavras em sua epístola. Ver uma discussão completa sobre *autoria* na introdução ao livro.

«...aos chamados...» (Quanto ao «chamamento» do crente, através do qual ele aparece como um «eleito», ver Efê. 1:4 e Rom. 8:30, bem como as notas expositivas ali existentes). Os evangelhos sinópticos (ver Mat. 20:16 e paralelos) algumas vezes falam da «chamada» de Deus como algo que nem sempre é eficaz, contrastando isso com aqueles que foram meramente chamados, mas não são os eleitos. Porém, no restante do N.T. (como aqui), tal distinção não é feita. Os «chamados» são os mesmos «eleitos», e isso é visto como um convite divino que é eficaz em todos os casos. A «chamada» nos chama para fora do mundo e da lealdade ao pecado cósmico (investido em Satanás), para que nos tornemos parte do reino de Deus, de sua retidão, do processo de transformação segundo o seu Filho, o que é o destino de todos os eleitos de Deus. (Quanto ao tema da nossa «transformação segundo a imagem de Cristo», ver as notas expositivas em Rom. 8:29 e II Cor. 3:18). Por esse intermédio é que os remidos chegam a compartilhar da própria natureza e da divindade de Cristo (ver II Ped. 1:4), bem como da plenitude de Deus, tal como o Filho de Deus é possuidor dessa plenitude (ver Col. 2:10 e Efê. 3:19).

O autor sagrado queria mostrar que o fato que fomos chamados por Deus envolve grande responsabilidade moral, algo que os gnósticos ignoravam e que desconheciam. Assim também Paulo invocou os crentes a que andassem de modo «digno» de sua chamada e posição cristãs (ver Efê. 4:1).

«...amados de Deus Pai...» Os crentes são comumente intitulados «amados» porque, sobre eles, acima de todos os homens, o amor de Deus se tem derramado. Esse amor é a base de todo o bem-estar espiritual. (Ver as notas expositivas a esse respeito, em João 3:16, onde há poemas ilustrativos). Deus é amor (ver I João 4:8), pelo que tudo quanto ele faz é realizado tendo em mente o benefício de outros, porquanto o amor é altruísta em suas atitudes e ações. E até mesmo o juízo divino é apenas o dedo da mão amorosa de Deus.

Neste comentário há amplas notas expositivas sobre o «amor». Além do que se diz em João 3:16, ver acerca do «amor de Cristo», que nos constrange a viver como cristãos, em II Cor. 5:14; ver o «amor» como um dos aspectos do fruto do Espírito Santo, uma qualidade moral divinamente implantada, o solo bom onde medram todas as demais virtudes cristãs, em Gál. 5:22; e ver uma série de citações, que ilustram bem o princípio do amor, em I João 2:10.

O vocábulo «amados» é constantemente usado nas páginas do N.T. como título aplicado aos crentes, os quais são os amados de Deus (como se vê aqui) e de outros crentes. Há um amor e um interesse mútuos dentro da família de Deus. (Ver os trechos seguintes, onde também essa palavra é empregada: Rom. 1:7; 11:28; 12:19; 16:8,9,12; I Cor. 4:14,17; 10:14; 15:58; II Cor. 7:1; 12:19; Efê. 1:6; 6:21; Fil. 2:12; 4:1; Col. 3:12; 4:7,9,14; I Tes. 1:4; II Tes. 2:13; I Tim. 6:2; II Tim. 1:7; File. 1,2,16; Heb. 6:9; Tia. 1:16,19; 2:6; I Ped. 2:11; 4:12; II Ped. 1:17; 3:1,8,14,15,17; I João 3:2,21; 4:1,7,11; III João 2:5,11; Jud. 3:17,20 e Apo. 20:9).

«...Deus Pai...» Deus é nosso Pai. (Ver notas expositivas completas a esse respeito, em Efê. 1:3). Todas as bênçãos espirituais chegam aos homens da parte de nosso Pai celeste. Isso geralmente é idéia que figura nas 2 ἑλεος ὑμῖν καὶ εἰρήνη καὶ ἀγάπη πληθυνθεῖν.

2: Misericórdia, paz e amor vos sejam multiplicados.

As cartas antigas, após a saudação geral, traziam a expressão do desejo de boa saúde da parte daqueles que receberiam as mesmas. (Ver III João 2 quanto a essa fórmula). Mas, nas cartas do N.T., isso é substituído por sentimentos religiosos, por «valores espirituais», em lugar do mero desejo de saúde física. As epístolas de Paulo sempre trazem «graça e paz» como desejo expresso em favor de seus leitores originais. Nas epístolas pastorais temos «graça, misericórdia e paz», o que também aparece na segunda epístola de João. Neste ponto, entretanto, temos uma combinação *sui generis*, «misericórdia, paz e amor». Talvez a palavra «misericórdia» seja um

introduções às epístolas paulinas. (Quanto à «paternidade de Deus», ver as notas expositivas em Tia. 8:42 e Rom. 8:14-16, onde são dadas as notas gerais sobre esse tema).

A Polêmica

1. Os chamados também são «amados». Os gnósticos, contra os quais foi escrito este livro, criam no deísmo, o qual pode ser contrastado com o teísmo. O deísmo ensina que apesar de existir um poder divino ou cósmico, que a tudo criou, esse poder ou pessoa não mantém interesse pessoal por sua criação, não galardando e nem castigando, e nem fazendo intervenções na vida da humanidade. Deus, de acordo com essa definição, está divorciado de sua criação. O teísmo, em contraposição a isso, ensina que Deus criou e até agora continua presente em seu universo. Deus recompensa ao bem e pune ao mal, fazendo intervenções na história humana. Para que alguém seja «amado por Deus», como é óbvio, torna-se necessário que exista um Deus concebido aos moldes teístas.

2. O Filho é o mediador desse Deus, o que nega a existência dos muitos «aeons» (ou mediadores angelicais), criados pelos gnósticos (ver as notas a respeito, em I Tim. 2:5). O amor de Deus se expressa no Filho (ver Rom. 5:8).

O Significado Espiritual: Deus Como Pai

Notemos as palavras «amados em Deus Pai». Isso se dá mediante a comunhão mística com ele, estando ele identificado conosco como Pai, posto estarmos sendo transformados em filhos seus, segundo a imagem de seu Filho, o que nos confere todos os benefícios espirituais, pela mediação do amor. O original grego poderia ser traduzido por «por Deus, o Pai», se tivermos de entender o dativo como algo que indica agência. Ambos os sentidos são verdadeiros, mas o primeiro deve ser o tencionado. A palavra «em» pode significar «na presença de», em então «contemplado por». Todavia, apesar disso refletir a verdade do caso, a primeira possibilidade parece encerrar a idéia central. (Isso pode ser comparado com I João 2:24, onde se fala sobre a «permanência» no Pai e no Filho, o que também aponta para a comunhão mística). Essa comunhão é um poder transformador, conferindo-nos a imagem de Cristo, a sua semelhança e natureza (ver II Cor. 3:18, onde esse ensinamento é bem claro).

Alguns estudiosos acreditam que a preposição grega «en» (aqui traduzida como «em»), mediante repetidas transcrições ficou deslocada, porquanto originalmente estaria vinculada às palavras «Jesus Cristo». Assim pensava Hort, em sua obra *Selected Readings*, (pág. 106). Nesse caso, deveríamos ler este versículo como segue: «...queridos a Deus, o Pai, e... guardados mediante união 'com' Jesus Cristo». Pelo menos assim traduz Goodspeed. Porém, com ou sem a preposição, colocada antes de Cristo, o dativo desse vocábulo já deixa entendida a mesma coisa.

«...guardados...», isto é, qual tesouro precioso. Somos resguardados de todos os maus designios dos poderes malignos; somos preservados para um propósito específico e benéfico, tanto no caso dos resguardados, como no caso daquele que nos guarda. A segurança do crente fica aqui subentendida. (Ver as notas expositivas em Rom. 8:39, que exploram detalhadamente essa questão, e que também entram na questão do «problema da segurança eterna versus possibilidade eterna»). Com a preposição grega «en» ou sem ela em virtude do dativo), somos guardados devido à nossa comunhão mística com Cristo. Ele é a vinha e nós os ramos. A vida inteira consiste de permanecermos nele (ver João 15:4), e isso nos proporciona toda a segurança necessária. Isso pode ser comparado com a expressão paulina «em Cristo», que ele usa por nada menos de cento e sessenta e quatro vezes, dando a entender a comunhão mística com o Senhor através da mediação do divino Espírito, em nós residente. (Há notas expositivas completas sobre essa expressão, em I Cor. 1:4).

O fato que somos *guardados* dá-nos o poder de vencermos às tentações, de derrotarmos as heresias, de vivermos fielmente agora, e também de chegarmos à salvação eterna, em seus últimos estágios, conforme se vê no vigésimo quarto versículo.

«...em Jesus Cristo...» Podemos entender isso como «por», «em favor de» ou «em» Cristo. Provavelmente o sentido certo é a última dessas possibilidades, seguida por nossa versão portuguesa. Trata-se de uma comunhão mística com Cristo, a qual nos mantém seguros. Porém, as outras idéias, como é óbvio, também expressam verdades, pois Cristo é o «Ômega», todas as coisas são «para ele» (ver Col. 1:16). Cristo é, por semelhante modo, o poder espiritual que torna realidade a nossa segurança eterna.

Variante Textual. A palavra «amado» aparece nos mss P(72), Aleph, AB, Psi, 81 1789, na Vg, no Si(ph,h), no Cóp(sa,bo), no Ara, no Eti e nos escritos de Orígenes e Lúcir, o que forma uma evidência textual esmagadora em favor de sua genuinidade. Essa forma tem tanta autoridade que César tinha em Roma. Entretanto, os mss KLP e a maioria dos manuscritos minúsculos posteriores, principalmente da tradição bizantina, dizem «santificados». Esta última forma, mui provavelmente, se deriva de I Cor. 1:2, que teria sido usado como modelo. Provavelmente foi introduzido pela primeira vez a fim de evitar a difícil e incomum combinação apresentada pelo original, «en theo patri agapemenois».

2 2 Pe 1.2

sinônimo genuíno para «graça», conforme tal vocábulo algumas vezes era usado. Porém, o termo «amor» é uma nova e inicial bênção se não mesmo algo novo, que os escritores do N.T. desejavam em favor de seus leitores. (Comparar com Gál. 6:16, onde temos «paz e misericórdia», invocados sobre o «Israel de Deus»).

Podemos estar certos que o intuito do autor sagrado não foi meramente o de apresentar uma fórmula literária comum. Sendo ele um homem espiritual, ou para que tais bênçãos espirituais realmente fossem conferidas a seus leitores. O leitor deste comentário poderia consultar as notas abaixo, sobre as idéias alistadas:

1. *Misericórdia*. (Há notas expositivas completas sobre essa virtude, em Tito 3:5). Naquele texto, a misericórdia aparece paralela à graça. A misericórdia salva; e a graça também salva. E ambas resultam do vastíssimo amor de Deus (ver o terceiro versículo). O amor de Deus o inspira à bondade para com o homem, fazendo de Deus o Salvador (ver o quarto versículo). A misericórdia retém o julgamento e abre caminho para a graça derramar sobre nós bênçãos positivas. (Ver II João 1:3 quanto a notas expositivas sobre a «misericórdia» como saudação epistolar e como bênção). A vida terrena de Jesus de Nazaré foi a concretização suprema da misericórdia divina em favor dos homens. Os vários aspectos do «fruto do Espírito Santo», como a longanimidade, a gentileza, etc., repousam parcialmente sobre a sua misericórdia, pelo que quando um homem exerce misericórdia com coração livre, deve-se isso ao fato que ele está compartilhando da natureza moral de Deus, mediante o poder transformador do Espírito Santo, que nele veio residir.

2. *Paz*. (Quanto a essa virtude, como saudação epistolar e como bênção, ver Rom. 1:7). Nos escritos de Paulo, ela sempre vem «da parte de Deus», porquanto a reconciliação com Deus estabelece a paz entre Deus e o homem, embora por mediação de Cristo. (Ver as notas expositivas em Rom. 5:1 sobre a «paz», que nos vem em resultado da justificação; ver Col. 1:20 quanto à «paz através da cruz»; ver Gál. 5:22 quanto à «paz» como um dos aspectos do cultivo espiritual do Espírito; e ver João 14:27 e 16:33 quanto à «paz que Cristo dá». Essas notas expositivas são acompanhadas por poemas ilustrativos). A «paz» consiste de harmonia íntima e de grande compostura, com base na harmonia da alma remida com Deus, com suas leis, com suas exigências e com seu Cristo. Trata-se de uma qualidade espiritual, que transcende aos ditames das circunstâncias externas.

II. Propósito Central da Epístola (Vss. 3,4).

O autor sagrado não perde tempo para chegar a declarar o propósito de sua epístola. Ele queria escrever, ansiosamente, um tratado sobre a nossa «comum salvação», instruindo a seus leitores sobre as graças e glórias da fé cristã. Porém, ao observar o grande sucesso que os mestres gnósticos vinham obtendo, infiltrando-se como estavam na igreja e obtendo convertidos às suas doutrinas falsas, que degradam a Cristo, seu dever se lhe tornou claro. Ele voltou toda a sua energia a uma denúncia amarga e cortante contra a heresia gnóstica, especialmente porque os mestres gnósticos encorajavam e praticavam a imoralidade. (Ver as notas expositivas completas sobre o gnosticismo, em Col. 2:18. Quanto à situação local das igrejas para as quais Judas escreve, ver a seção VI da introdução à presente epístola). O autor sagrado conclamou aos crentes para que seguissem o seu exemplo, tornando-se leais e poderosos na defesa da fé.

3 Ἀγαπητοί, πᾶσαν σπουδὴν ποιούμενος γράφειν ὑμῖν περὶ τῆς κοινῆς ἡμῶν² σωτηρίας ἀνάγκην ἔσχον γράψαι ὑμῖν παρακαλῶν ἐπαγωνίζεσθαι τῇ ἀπαξ παραδοθείσῃ τοῖς ἀγίοις πίστει.

² 3 [B] ἡμῶν ^p72 N A B Ψ 81 88 326 436 614 630 1739 2412 ^h syr^{ph} b cop^m arm Lucifer Cyril Bede Theophylact / μῶν 104 1505 1881 2495

itar.c.dem.div.p vg cop^{bo} Hilary Ephraem // omit 1 P 049 056 0142 181 330 451 620 945 1877 2127 2492 Byz Lect ^{199.62} Cassiodorus Ps-Oecumenius

3 παρακαλῶν ἐπαγωνίζεσθαι 1 Tm 1:18

Entre ἡμῶν e ὑμῶν, a primeira é fortemente apoiada por excelentes testemunhos como ^p72 N A B Ψ 81 614 1739 sir (ph,h) cop (sa) ara ^{al}, ao passo que a última figura em apenas alguns poucos manuscritos e na vg cop (bo) Hilário Efraem. A omissão do pronome, em K L P 049 Byz Lect provavelmente reflete o desejo de dar à idéia um caráter universal.

3: Amados, enquanto eu empregava toda a diligência para escrever-vos acerca da salvação que nos é comum, senti a necessidade de vos escrever, exortando-vos a pelejar pela fé que de uma vez para sempre foi entregue aos santos.

«...Amados...» O autor sagrado aplica essa expressão indicativa dos crentes por três vezes nesta epístola (ver os versículos terceiro, décimo sétimo e vigésimo). (Há notas expositivas completas sobre o pensamento assim expresso, no primeiro versículo, onde já vimos que os crentes foram chamados «amados» por Deus). Os crentes são amados uns dos outros porque o amor de Deus se tornou um poder eficaz em suas vidas. Mediante a transformação dada pelo Espírito, o que lhes dá a imagem de Cristo «cultivando os seus frutos», os crentes chegam a expressar uns para os outros, em certa medida, aquilo que Deus tem expressado para a humanidade. (Quanto ao «amor» como guia da família divina, ver as notas expositivas em João 14:21 e 15:10, onde há poemas ilustrativos). Esse vocábulo é usado por cerca de sessenta vezes nas epístolas neotestamentárias. Na primeira epístola de João, por exemplo, ver I João 3:2,21; 4:1,7,11; III João 2,5,11; Rom. 1:7; 9:25; 11:28; 12:19; 16:8,12. Comparar também com I Ped. 2:11; 4:12; Tia. 1:16; I Cor. 15:58; Fil. 4:1; Col. 4:7,9.

Deve-se observar os três usos centrais do vocábulo «amado», no N.T.: 1. Fala de Jesus como o objeto especial do amor de Deus, sobretudo na qualidade de Filho a cumprir sua missão messiânica (ver Mat. 3:17; 12:18; 17:5; Marc. 1:11; 9:7; Luc. 3:22). 2. Esse vocábulo expressa o amor de Deus para com todos quantos se reconciliam consigo através de Cristo (ver Rom. 1:7; 11:28; Col. 3:12; I Tes. 1:4). 3. Também é usado esse termo para falar do relacionamento altruísta ideal que os crentes devem ter uns com os outros (ver Rom. 12:19; I Cor. 4:14; File. 1; Heb. 6:9; Tia. 1:16 e II Ped. 3:1).

«...empregava toda diligência...» Provavelmente essas palavras indicam o fato que o autor sagrado tinha planejado, reunira material e talvez tivesse começado uma obra acerca das glórias da fé cristã, um tratado não-polêmico, que tencionaria exortar, encorajar e ensinar aos crentes. Para ele não foi prazer abandonar esse tipo de esforço, a fim de lançar uma severa advertência à igreja, concernente à heresia gnóstica.

«...nossa comum salvação...» Consideremos aqui os pontos seguintes: 1. O perdão dos pecados; 2. o arrependimento; 3. a fé inicial; 4. a vida de fé; 5. a santificação; e 6. a glorificação. Isso conduz à transformação segundo a imagem moral de Cristo (ver Gál. 5:22,23), o que, por sua vez, nos confere sua imagem metafísica (ver II Cor. 3:18 e Rom. 8:29), a fim de que compartilhem de sua própria natureza, de modo a virmos a ser cheios de toda a plenitude de Deus (ver Ef. 3:19 e Col. 2:10), com o resultado que chegaremos a participar do mesmo tipo de vida que Deus possui (ver João

3. *Amor*. Essa é a virtude básica de todos os dons divinos, a virtude inspiradora de tudo quanto é nobre. Pois, à semelhança da morte, o amor transforma a tudo. Está aqui em foco o amor de Deus pelos homens, o que, por sua vez, inspira os homens ao amor. Todo o verdadeiro amor vem de Deus, porque até mesmo quando os homens sem regeneração amam, isso se deve à influência do Espírito Santo neste mundo. (Ver I João 2:10 quanto a uma série de citações acerca do amor; ver Gál. 6:22 acerca do «amor» como um dos aspectos do «fruto do Espírito»; ver João 3:16 acerca da nota expositiva geral sobre o «amor de Deus», a fonte de todo o amor. Ver ainda I João 4:8 quanto a «Deus como amor»). Tudo quanto Deus faz de alguma forma qualquer expressa a sua natureza amorosa. A bondade e a gentileza de Deus se derivam do seu amor. E até mesmo o seu juízo é apenas um dedo da mão amorosa, porquanto tudo é decretado a fim de instruir e disciplinar, ou seja, eventualmente, para beneficiar, e não meramente para impor retribuição.

«...vos sejam multiplicados...» Que essas virtudes fossem derramadas com abundância, e não com parcimônia. Essa expressão (mas acompanhada da palavra «graças») também pode ser vista nos trechos de I Ped. 1:2 e II Ped. 1:2. Evidentemente isso era uma fórmula epistolar.

Essa mesma saudação aparece em uma carta enviada aos Sirneanos, escrita a fim de descrever o martírio de Policarpo (escrito datado de cerca de 156 D.C.). Isso pode refletir ou não conhecimento da epístola de Judas. Esta presente epístola provavelmente foi escrita antes disso, seja como for. (Ver as notas expositivas sobre a «data» da escrita desta epístola, na introdução, seção III). O amor e a misericórdia, uma vez mais, aparecem combinados no vigésimo primeiro versículo, com a «vida eterna», com o grande benefício produzido por aquelas duas virtudes.

Ele queria escrever, ansiosamente, um tratado sobre a nossa «comum salvação», instruindo a seus leitores sobre as graças e glórias da fé cristã. Porém, ao observar o grande sucesso que os mestres gnósticos vinham obtendo, infiltrando-se como estavam na igreja e obtendo convertidos às suas doutrinas falsas, que degradam a Cristo, seu dever se lhe tornou claro. Ele voltou toda a sua energia a uma denúncia amarga e cortante contra a heresia gnóstica, especialmente porque os mestres gnósticos encorajavam e praticavam a imoralidade. (Ver as notas expositivas completas sobre o gnosticismo, em Col. 2:18. Quanto à situação local das igrejas para as quais Judas escreve, ver a seção VI da introdução à presente epístola). O autor sagrado conclamou aos crentes para que seguissem o seu exemplo, tornando-se leais e poderosos na defesa da fé.

3 Ἀγαπητοί, πᾶσαν σπουδὴν ποιούμενος γράφειν ὑμῖν περὶ τῆς κοινῆς ἡμῶν² σωτηρίας ἀνάγκην ἔσχον γράψαι ὑμῖν παρακαλῶν ἐπαγωνίζεσθαι τῇ ἀπαξ παραδοθείσῃ τοῖς ἀγίοις πίστει.

itar.c.dem.div.p vg cop^{bo} Hilary Ephraem // omit 1 P 049 056 0142 181 330 451 620 945 1877 2127 2492 Byz Lect ^{199.62} Cassiodorus Ps-Oecumenius

Entre ἡμῶν e ὑμῶν, a primeira é fortemente apoiada por excelentes testemunhos como ^p72 N A B Ψ 81 614 1739 sir (ph,h) cop (sa) ara ^{al}, ao passo que a última figura em apenas alguns poucos manuscritos e na vg cop (bo) Hilário Efraem. A omissão do pronome, em K L P 049 Byz Lect provavelmente reflete o desejo de dar à idéia um caráter universal.

5:25,26 e 6:57), ou seja, a própria «natureza divina» (ver II Ped. 1:4).

Qual É A Natureza Da Salvação?

1. A salvação começa quando da conversão (ver as notas em João 3:3), inclui o arrependimento (ver Atos 2:38) e prossegue na santificação (ver as notas em I Tes. 4:3).

2. Pode ser definida mediante o vocábulo «filiação» (ver Heb. 2:10).

3. Do ponto de vista da eternidade, a salvação consiste da glorificação, um processo sem fim, no qual as almas humanas remidas estarão sendo transformadas segundo a imagem do Filho, assumindo os seus atributos, tudo baseado na participação em sua própria natureza (ver as notas sobre esse conceito em II Cor. 3:18).

4. Aqueles que participarem da plenitude do Filho (em sua natureza e atributos; ver as notas em Col. 2:10), necessariamente participarão também da plenitude do Pai (ver Ef. 3:19), tal como dela participa o Filho.

5. Por conseguinte, a salvação é a duplicação do Filho nos filhos de Deus, de maneira bem real e literal.

6. A diferença da natureza que pertence ao Pai e ao Filho e a natureza dos filhos, não poderá ser medida em termos de «qualidade», mas somente em termos de extensão. Em outras palavras, a natureza é a mesma, trata-se da mesma «modalidade de vida». Mas os filhos de Deus participarão da divindade apenas finitamente (ver II Ped. 1:4 e suas notas), ao passo que o Pai e o Filho participam infinitamente dessa forma de vida. Jamais poderá haver estagnação nesse particular. O vaso (a alma) é imerso no oceano da divindade. Não pode conter o oceano, mas pode ir aumentando em suas dimensões, passando a conter maior e maior porção do oceano.

O Senhor, pois, aumentará para sempre os limites de sua habitação nos remidos. O alvo de toda existência é Cristo. E isso será sempre uma verdade.

«...obrigado...» Por quê? Porque os gnósticos estavam obtendo êxito em sua campanha de adquirir adeptos tirados da igreja, com sua doutrina insidiosa. Os gnósticos ensinavam que Cristo era apenas um «aeon» (uma emanção angelical), e não o Verbo ou mesmo um elevado poder espiritual, porquanto era apenas um dentre muitos mediadores e pequenos salvadores. Negavam também a encarnação, dizendo ser isso uma impossibilidade moral e metafísica. Negavam a humanidade de Cristo, reduzindo ainda a sua «divindade» ao mero nível de algum pequeno «deus» entre muitos. Negavam a expiação do pecado pelo sangue de Cristo. E faziam da imoralidade uma parte oficial de seu sistema ético. (Ver a seção VI da introdução a este livro quanto ao desenvolvimento dessas idéias, com documentação). Foi esse tipo de sistema religioso que forçou o autor

sagrado a entrar na ofensiva, produzindo a escaldante denúncia que temos à frente.

«...*exortando-vos a batalhardes diligentemente...*» No grego temos «*epagonidzomai*», «lutar», «combater». Deriva-se esse termo da raiz «agon», originalmente um «lugar de reunião», onde havia as competições atléticas. Finalmente, em sua forma verbal, aponta para a «agonia» da luta dos contendores. Judas, pois, exorta-nos a «agonizarmos» em prol da fé cristã, isto é, a nos dedicarmos à sua defesa e propagação, em face da oposição. Isso deveríamos fazer «diligentemente», idéia essa expressa na forma intensificada do verbo grego (com um prefixo preposicional).

«...*pela fé...*» A palavra «fé» é usada essencialmente de três maneiras diferentes nas páginas do N.T., a saber: 1. A fé subjetiva, isto é, a fé que nós mesmos exercemos, nossa outorga pessoal aos cuidados de Cristo. (Isso é comentado em Heb. 11:1, sendo usado mais abundantemente acerca dos conceitos associados à «fé», nas páginas do N.T.). 2. A fé também aparece como uma qualidade subjetiva, na ação diária (o viver «de fé em fé», segundo se lê em Rom. 1:7), que é virtude espiritual. (Ver também o trecho de Gál. 5:22 quanto a essa forma de fé). Trata-se do fortalecimento e do cultivo diário da confiança em Cristo, que nos leva a viver de modo dedicado a ele. Isso é o «viver segundo a dimensão eterna». 3. Também há a «fé objetiva», isto é, «aquilo em que cremos», o credo ou sistema do cristianismo, a «fé cristã». Esse é uso aqui tencionado por Judas. Fora deste livro, porém, tal uso só se encontra nas «epístolas pastorais», e isso com frequência. (Ver as notas expositivas sobre a «fé objetiva» em I Tim. 1:2).

Na primeira epístola de João transparece o fato que os gnósticos negavam as doutrinas fundamentais da encarnação, da fusão das naturezas divina e humana na pessoa de Jesus Cristo, de sua autêntica missão salvadora e de seu senhorio, do fato que Deus é o Salvador (pois os gnósticos eram «deístas»), da expiação pelo sangue (pois o «Cristo», conforme diziam eles, não poderia nem sofrer e nem morrer). Podemos supor que a mesma doutrina era defendida pelos falsos mestres atacados nesta epístola. Essa questão é ventilada na seção V da introdução à mesma. Essa é a «fé» aqui aludida. Em favor desse credo cristão é que o autor sagrado exortou os seus leitores a agilizarem.

«...*uma vez por todas foi entregue...*» Os mestres gnósticos haviam introduzido um novo evangelho, que na realidade não era «evangelho». O autor sagrado assevera que não pode haver nenhum «novo» evangelho, mais ou menos como Paulo faz em Gál. 1:7-9. Cristo trouxe-nos a revelação final de Deus. Se maiores revelações porventura tiverem de ser dadas, terão de estar centralizadas em Cristo. A declaração diz que Cristo é a revelação final do N.T. Aquilo que degrada de sua divindade, de sua humanidade, de seu senhorio e de seu poder de salvar é que é automaticamente falso. O

4 παρεισέδυσαν γάρ τινες ἄνθρωποι, οἱ πάλαι προγεγραμμένοι εἰς τοῦτο τὸ κρίμα, ἄσεβεις, τὴν τοῦ θεοῦ ἡμῶν χάριτα μετατιθέντες εἰς ἀσέλγειαν καὶ τὸν μόνον δεσπότην^a καὶ κύριον ἡμῶν^a Ἰησοῦν Χριστὸν ἄρνούμενοι.

a maior, a none: R V^{mss} ASV^{mss} NEB^{mss} // different text: TR AV Jer^{mss}

^a 4 a none, a none: WH Bov Nes BF² RSV^{mss} Zür Luth Jer Seg // a none, a minor: RV ASV RSV NEB TT //

4 παρεισέδυσαν...ἄνθρωποι Ga 2.4 τὴν...ἀρνούμενοι 2 Pe 2.1

4 παρεισέδυσαν B.; R] -δυσαν tell ε | Δεσπότην (, R^{mss}) add Θεον KLP al ε | Κυρ.] praem τον 223 255

A fim de evitar a ambigüidade de se *δεσπότην* se refere a Cristo (como em II Ped. 1:1) ou a Deus (como noutros pontos do N.T.), o Textus Receptus, seguindo K L P Ψ 69 1739 maioria dos minúsculos sir (ph,h) adiciona *θεόν*. A forma mais breve, sem a interpolação, é decisivamente apoiada por p⁷² N A B C 218 255 337 436 462 642 808 927 1737 1845 vg cop (sa,bo) ara etí Efraem Lúçifer Dídimo Cirilo.

4: Porque se introduziram furtivamente certos homens, que já desde há muito estavam destinados para este juízo, homens ímpios, que convertem em dissolução a graça de nosso Deus, e negam o nosso único Soberano e Senhor, Jesus Cristo.

Este versículo apresenta-nos várias características negativas dos mestres gnósticos, a saber: 1. Eles eram falsos mestres, os quais secretamente obtinham admissão à igreja por métodos desonestos e distorcidos, apresentando-se como se fossem autênticos meros cristãos, embora ensinassem uma doutrina totalmente estranha ao evangelho. 2. Eles eram falsos profetas que somente cumpriam as predições bíblicas de que apóstatas haveriam de entrar na igreja, os quais tinham sido «reprovados» por Deus desde o começo.

A Reprovação

1. O versículo à nossa frente, parece ensinar a idéia da *reprovação ativa*. Trata-se do conceito oposto ao da eleição. Assim sendo, alguns pensam que Deus elegeu alguns por um ato positivo seu, e, similarmente, que rejeitou a outros. Isso, entretanto, faria Deus tornar-se o autor do mal.

2. Outros intérpretes acreditam na idéia da *reprovação passiva*. Deus não causaria a perdição dos homens, mas deixaria a alguns de lado, permitindo que caíssem na perdição, sem ajudá-los a saírem de sua condição voluntária. Parece-me, todavia, que esse conceito é contrário à idéia do Deus que «amou o mundo de tal maneira». Não parece ser uma atitude passiva. (De que maneira a reprovação pode exprimir uma verdade, ver notas completas sobre o assunto, em Rom. 9:10).

A maioria dos intérpretes, para evitar a severidade do que aqui é dito, fazem dessas palavras uma «reprovação passiva». Os homens se endurecem devido à sua própria perversidade, e então Deus «deixa-os» nesse estado, pelo que o resultado natural é que eles se tornam candidatos apropriados ao juízo condenatório. Porém, até mesmo essa doutrina da «reprovação passiva» é duvidosa. Deus é o Salvador de todos, e quer que todos sejam salvos (ver I Tim. 2:3,4). Esse é o sentido da cruz e do evangelho. O primeiro capítulo da epístola aos Efésios volta-se distintamente contra qualquer forma de «reprovação», e este comentário não apóia tal pensamento teológico. Contudo, o versículo à nossa frente dá certamente a impressão de refletir a antiga teologia judaica, onde a «reprovação», de alguma maneira qualquer, era uma doutrina aceitável. Se

autor sagrado não fecha a porta da investigação na verdade, mas contende que toda a verdade deve estar centralizada no Cristo anunciado pelos apóstolos. Gerações sucessivas têm o dever de transmitir a outros o que os apóstolos nos legaram. Ninguém, entretanto, é o guardião de toda a verdade divina, e podemos «ir crescendo» na doutrina de Cristo, sendo-nos dado um maior e mais profundo discernimento quanto à sua significação cósmica.

Abaixo transcrevemos algumas idéias de vários comentadores, acerca do que vínhamos dizendo acima:

«A linguagem de Judas acerca da fé é altamente dogmática, altamente ortodoxa, altamente zelosa. Seu tom é o de um bispo do século IV... Os homens que usavam tais frases criam apaixonadamente em um credo» (Bigg, *in loc.*).

«A fé: a súpula daquilo em que creem os crentes». (Vincent, *in loc.*).

«O vocábulo 'fé' não é usado aqui em seu sentido primário de um sentimento ou confiança subjetivos, mas no sentido secundário daquilo em que se crê, a verdade do evangelho, conforme se vê abaixo, no vigésimo versículo e também em Gál. 1:23; 3:23 e Fil. 1:27». (Mayer, *in loc.*).

«...uma vez por todas...» No grego temos o termo «apaks», usado em seu sentido clássico de «uma vez por todas», tal como se vê no quinto versículo desta epístola e em Heb. 6:4. «Isso exclui as novidades dos libertinos». (Mayer, *in loc.*).

«...entregue...» pelos apóstolos, que transmitiram a outros o que tinham recebido diretamente da parte de Jesus Cristo, como também através de revelações subseqüentes, dadas pelo Espírito Santo, as quais, finalmente, vieram a fazer parte do nosso N.T., embora não haja aqui qualquer alusão a algum documento escrito.

«Nenhuma outra 'fé' será dada». (Bengel, *in loc.*).

«...santos...» Um título comumente aplicado aos crentes, o que mostra que devem ser santificados, pois, de outra maneira, não serão crentes, porque «sem a santificação ninguém verá a Deus» (ver Heb. 12:14). O trecho de Rom. 1:7 traz as notas expositivas detalhadas sobre essa questão, incluindo sua origem hebraica e o seu emprego nesse idioma original. (Ver também Col. 1:2 quanto a ilustrações dessa palavra).

Variante Textual. A palavra «nossa», antes de comum salvação, figura nos mss P(72), Aleph, AB, Psi, 81, 614, 1739, no Siph(h), no Cóp(sa) e no Ara. Certamente isso é a forma original, pois conta com uma evidência textual avassaladora. Alguns poucos manuscritos minúsculos posteriores no grego, a Vg e o Cóp(bo), além dos escritos dos pais Hilário e Efraem, dizem «vossa comum salvação». Os mss KLP, 049, Byz Lect, entretanto, omitem qualquer pronome, provavelmente com o intuito de tornar essa declaração mais universal em seu caráter.

explicarmos que Deus, finalmente, «entrega» tais indivíduos ao sabor da própria perversidade deles (conforme é indicado no primeiro capítulo da epístola aos Romanos), e que eles endurecem a si mesmos, e que o julgamento deles é causado por eles mesmos, então estaremos dizendo a verdade.

A Heresia Que Estava Sendo Atacada

1. O autor sagrado, utilizando-se de citações indiretas extraídas de I Enoque, ataca os falsos líderes que se haviam infiltrado na igreja. Mas profecias como as de Enoque 81:8; 106:19 e 108:7, dificilmente poderiam ter sido a «causa» de uma apostasia ocorrida na Ásia Menor, nos dias de Judas. Entretanto, pode ser que essas profecias descrevam os falsos líderes.

2. Quanto a notas completas sobre o «gnosticismo», a heresia aqui atacada, ver Col. 3:18.

Além disso, os falsos mestres gnósticos eram homens ímpios, em sua doutrina e vida diária. Transformavam a graça de Deus em lascívia. Isso é uma direta referência à imoralidade oficialmente aprovada do sistema gnóstico. Os gnósticos criam que a matéria é o princípio mesmo do mal, e que o corpo participa da matéria. Assim sendo, o corpo seria totalmente poluído e incapaz de ser remido. E o desígnio do sistema cósmico seria destruir finalmente a matéria. Os gnósticos também criam que podemos ajudar ao sistema do mundo nesse propósito, abusando de nossos corpos. Esse abuso pode ser perpetrado através do ascetismo extremo (forma de gnosticismo atacado em Col. 2:15 e ss.), ou através da imoralidade exagerada, que enfraquece e degrada ao corpo (tipo de gnosticismo combatido nas epístolas pastorais, nas epístolas joaninas e nesta epístola). Dessa maneira, pois, os gnósticos faziam da imoralidade algo não somente desejável, mas também legal. Assim é que pervertiam à «graça de Deus», ou seja, o «evangelho transmitido mediante a graça», além de aplicarem erroneamente a lei da liberdade. Não há que duvidar, conforme a história o demonstra, que aquelas passagens paulinas que tratam de «coisas indiferentes» (ver o décimo quarto capítulo da epístola aos Romanos, o oitavo capítulo da primeira epístola aos Coríntios, etc.), permitindo «liberdade» para que certas coisas sejam feitas ou não, como a observância de dias religiosos e a ingestão de certos tipos de alimentos e bebidas, eram torcidas pelos mestres gnósticos, a fim de que supostamente ensinassem que podemos fazer qualquer coisa que queremos com nossos corpos, pois são «realmente indiferentes» para com a saúde da alma. Os gnósticos se utilizavam da ilustração do mergulhar o ouro na lama. Assim fazendo-se, o

ouro não é corrompido, pois a lama não pode penetrar no mesmo. E, desse modo, os gnósticos imaginavam, loucamente, que a alma mergulhada no pecado não é prejudicada. A mensagem dos mestres gnósticos, por conseguinte, não envolvia «exigências morais». Alguns deles eram místicos, e totalmente pensavam que suas supostas experiências místicas tornavam a moralidade algo desnecessário. Bem pelo contrário, sabemos que o misticismo autêntico purifica-nos a moralidade.

Cumpra-nos observar que os críticos de Paulo pervertiam as suas idéias, atribuindo a ele idéias que os gnósticos é que defendiam. Paulo teve de defender-se dessa distorção de sua doutrina de liberdade. (Ver Rom. 3:5-8; 6:1,2,15-23; I Cor. 6:12-15; 10:23; Gál. 5:13-24). A doutrina cristã diz que a santificação é absolutamente necessária para a salvação (ver as notas expositivas a respeito, em II Tes. 2:13 e Rom. 6:22).

Os gnósticos também negavam que Jesus, o Cristo, fosse o «único Mestre e Senhor». Isso faziam reduzindo-o a um dentre muitos «aeons» ou emanções angelicais, não querendo admitir fosse ele o «Logos». Seria apenas um salvador, um mediador, um deus entre tantos outros que teriam contacto com a terra. Também faziam isso negando a validade da encarnação. Segundo eles, nenhum «aion» (como o *Espírito-Cristo*) poderia encarnar-se. Isso seria metafisicamente impossível, pois não poderia haver tal mudança de um «tipo» de vida para outro, e nem coabitação de duas naturezas em um único ser. Também diziam que tal «moralidade» não é possível, porquanto a matéria seria o princípio mesmo do mal, e a encarnação envolveria a poluição. Daí os gnósticos concluíam que Cristo não foi um homem; foi ou um *aion* que fingia ser homem, mas cujo corpo era apenas um fantasma (posição *docética*, proveniente de *dokeo*), termo grego que significa «parecer». Ou então diziam eles que o «aion-cristo» meramente viera possuir o corpo de Jesus de Nazaré, quando de seu batismo, tendo-o abandonado quando de sua crucificação (expressando uma forma modificada de docetismo, posição mantida pela maioria dos gnósticos). Naturalmente, pois, a «expição» seria ilegítima, porque somente Jesus de Nazaré teria morrido. Cristo não poderia ter sofrido e nem morrido. (Ver II Ped. 2:1 sobre a «negação», por parte dos gnósticos, do «Senhor que os comprara», uma alusão direta à expiação pelo sangue de Cristo. Comparar isso com o trecho de I João 2:2, onde é salientada a idéia da «propiciação» contra o erro gnóstico. Ao reduzirem o Cristo a apenas um dentre muitos «aeons», a apenas um dentre muitos mediadores entre Deus e os homens, os gnósticos degradavam o «senhorio» de Cristo. No entanto, ninguém pode ter a Jesus como Salvador se também não o tem como seu Senhor. Ver Rom. 1:4 acerca do «senhorio» de Cristo. Finalmente, negando a encarnação, os gnósticos negavam tanto a autêntica humanidade de Cristo como a fusão das naturezas divina e humana em sua pessoa, ou seja, potencialmente, a capacidade de recebermos a natureza divina (ver II Ped. 1:4), o objeto mesmo da salvação. Por conseguinte, negavam a natureza verdadeira da salvação, conforme ela é ensinada no sistema cristão.

Abaixo damos outras idéias e interpretações sobre tudo isso, extraídas de outros comentários:

1. O termo *Soberano* (no original grego, «despotes»), usualmente se refere a Deus (ver Luc. 2:29; Atos 4:24; Apo. 6:10), pelo que, em alguns manuscritos é adicionada a palavra «Deus», neste texto. (Ver a nota textual que há abaixo). A negação de Deus, o «Senhor dos Espíritos», é um pecado

III. A Apostasia não é nova: Exemplos Históricos (Vss. 5-7).

Alguns dos primeiros discípulos poderiam ter pensado ser estranho que a igreja cristã pudesse corromper-se, que Deus pudesse permitir que falsos mestres entrar e obter adeptos. O autor sagrado mostra-nos, portanto, que a apostasia não era nenhuma novidade, pois desde há muito penetrara até mesmo nas dimensões angelicais, tendo aparecido nas civilizações humanas antigas. Por conseguinte, torna-se óbvio que a correção espiritual e a segurança não é algo automático, nem mesmo dentro da igreja cristã, mas antes, deve ser produto de uma atenção e de uma disciplina sem interrupções. Até mesmo os salvos podem cair devido à incredulidade, retornando ao pecado e à degradação (comparar com Mat. 12:45,45; Luc. 11:24,26; João 5:14; Heb. 6:4-8 e 10:26-31). Talvez não apreciemos essa teologia, mas parece ter sido essa a atitude do autor sagrado. (Quanto à reconciliação entre os versículos que ensinam a «segurança eterna dos crentes» e os versículos que ensinam a possibilidade de queda, ver as notas expositivas sobre Col. 1:23).

Este comentário toma a posição que os grandes problemas teológicos, quais aparentes paradoxos — como a liberdade humana versus o determinismo divino, e as suas subcategorias, como a segurança e a possibilidade de queda — são doutrinas que figuram nas páginas do N.T., não sendo meros produtos de desenvolvimentos teológicos posteriores. Não sabemos como reconciliar entre si esses paradoxos, mas estamos convencidos que cada lado da questão apresenta um aspecto da verdade. Porém, como isso pode ser, não sabemos compreender e muito menos explicar. Não nos devemos admirar que existam verdades tão profundas que não possamos entendê-las com perfeição. Aceitamos a divindade e a humanidade de Cristo, em uma só pessoa; porém, como isso pode ser, não sabemos dizê-lo.

«Todas as ilustrações empregadas mostram como pessoas, antes espiritualmente privilegiadas, podem naufragar na vida. Judas queria advertir aos crentes em geral que a profissão de fé não garante a imunidade do perigo. Os que erram nesse ponto, e que são apenas ilustrações contemporâneas, são sua audiência apenas indiretamente» (Barnett, *in loc.*).

ἡ Ὑπομνήσαι δὲ ὑμᾶς βούλομαι, εἰδότας ἅπασι πάντα, ὅτι [ὁ] κύριος ἅπασι λαὸν ἐκ γῆς Αἰγύπτου σώσας τὸ δευτέρου τοὺς μὴ πιστεύσαντας ἀπώλεσεν,

³⁵ ἅπασι πάντα, ὅτι Ἰησοῦς A B 33 81 it² ^{div} vg eth Jerome Cyril // ἅπασι πάντα, ὅτι κύριος Ephraem // ἅπασι πάντα, ὅτι ὁ θεὸς C² // ἅπασι πάντα, ὅτι θεὸς Χριστὸς P² // ἅπασι τοῦτο, ὅτι ὁ κύριος (K 056 τοῦτο ἅπασι) 049 (0142 τοῦτο ὑμᾶς) 104 181 326 330 436 451 629 945 1877 2127 Byz Lect ^{16, 10, 10} Ps-Oecumenius Theophylact // πάντα, ὅτι Ἰησοῦς

atacado no livro apócrifo de Enoque (ver Enoque 38:2; 41:2; 45:2; 46:7 e 48:10). É possível, pois, que a «negação» referida nesta epístola de Judas também deva ser entendida como algo que envolvia Deus Pai. Nesse caso, Deus é negado como Salvador, pois os gnósticos tinham um conceito deísta de Deus, o que significa que Deus emanara um ou muitos universos, mas nada tem a ver agora com sua «criação», pois seria um ser totalmente transcendental, não podendo ter qualquer contacto com a matéria, exceto através de uma quase interminável sucessão de sombrios «aeons», pois de outro modo ficaria contaminado. O cristianismo, em contraste com isso, é religião altamente «teísta», ou seja, ensina que Deus se faz presente na história humana, recompensando e condenando. Além disso, a negação de Deus importa em negar a seu Filho e ao evangelho. Por isso é que I João 2:23 mostra que a negação ou o não-reconhecimento da verdadeira natureza e missão do Filho é, ao mesmo tempo, a negação do Pai. Ora, aquele que nega ao Pai e ao Filho é «anticristo», conforme se vê no vigésimo segundo versículo daquele capítulo.

2. Há outros intérpretes que pensam que «Soberano» se refere a Cristo, o que seria defesa extremamente enfática de seu Senhorio verdadeiro e sem-par. Isso concorda com a doutrina cristã padronizada, desde os primeiros séculos. (Ver Col. 1:15 e ss. quanto à maior defesa neotestamentária do «senhorio absoluto de Cristo e seu valor cósmico»). Inácio referiu-se aos mestres hereses chamando-os de «bestas em forma humana», porquanto consideravam a humanidade de Jesus apenas uma «aparência» (docetismo). (Ver Inácio, *Sym.* 2:1 e 4:1,2). Essa era uma das maneiras pelas quais os mestres gnósticos «negavam nosso Soberano e Senhor». É óbvio que nenhuma salvação de almas humanas pode ser produzida por um «aion-Cristo» que não fosse real Soberano e que não tivesse feito expiação pelo pecado.

«...antecipadamente pronunciados...» No grego é «*prographo*», que literalmente significa «escrever de antemão», embora também significasse «exibir» ou «proclamar publicamente». O propósito de Deus evidentemente é referido aqui como algo que operava desde a antiguidade, o que foi confirmado nos escritos dos profetas e na pregação dos apóstolos, que avisavam sobre a vinda dos apóstatas, o que era aludido até mesmo nos escritos apócrifos, como no livro de Enoque, tudo o que asseverava que os apóstatas serão conduzidos a «julgamento», ou «krima». Os intérpretes falam sobre como Deus «previra» o aparecimento dos mestres ímpios, ou seja, Deus «predisse» e «afirmou», desde os tempos antigos, o seu juízo. Isso está de acordo com os fatos; mas não é certo que o autor sagrado não defenda aqui alguma forma da doutrina da «reprovação». Isso já foi comentado nos parágrafos anteriores sobre este mesmo versículo. Os intérpretes mais calvinistas vêem aqui a idéia da «reprovação eterna», produzida pela «cegueira judicial»; mas isso dificilmente está em consonância com aquilo que sabemos acerca do amor de Deus, bem como acerca dos seus propósitos no evangelho.

Variante Textual: Os mss KLP, Psi, 69, 1739 e a maioria dos manuscritos minúsculos, principalmente da tradição bizantina, adicionam a palavra «Soberano» — o termo «Deus». Isso é uma glosa interpretativa, procurando livrar o versículo da ambiguidade se o termo «Soberano» se refere ao Pai ou ao Filho. Porém, os mss P(72), Aleph, ABC, 218, 255, 337, 436, 642, 808, 927, 1837, 1845, a Vg, o Cóp(sa,bo), o Ara, o Etí e os escritos dos pais da igreja Efraem, Lúcler, Didimo e Cirilo não trazem tal adição. E isso certamente representa o texto original.

ἅπασι (88 ὁ Ἰησοῦς) 1241 1739 1881 it² cop^(sa) ^{bo} // [D] πάντα, ὅτι κύριος ἅπασι Ν Ψ (C² 630 1505 2412 2495 ὁ κύριος) (sy¹ πάντας) // πάντα, ὅτι ὁ θεὸς ἅπασι 2492 it² (sy¹ πάντας) arm (Lucifer omi ἅπασι) // see ἅπασι πάντα, ὅτι κύριος λαὸν...σώσας Westcott-Hort¹²¹ and ἅπασι πάντα, ὅτι ὁ λαὸν...σώσας Westcott-Hort c^j

5 Ὑπομνήσαι...πάντα 2 Pe 1:12 Ἰησοῦς...σώσας Ex 12:51

5 τοὺς...ἀπώλεσεν Nu 14:29-30, 35; 1 Cor 10:5

Apesar da importante confirmação em apoio a Ἰησοῦς (A B 33 81 322 323 424 (c) 665 1241 1739 1881 2298 2344 vg cop (sa,bo) etí Orígenes Cirilo Jerônimo Bede; ὁ Ἰησοῦς em 88 915), a maioria da comissão opinou que a forma era difícil ao ponto de ser impossível, e explicou sua origem em termos de descuido de cópia (κc foi confundido com ic). Também foi

observado que em nenhuma outra porção o autor emprega Ἰησοῦς isoladamente, mas sempre Ἰησοῦς Χριστός. A colocação ímpar θεός Χριστός que figura em P (72) (o escriba tencionava escrever θεοῦ χριστός. «o ungido de Deus»?) provavelmente é um equívoco escríbal; de outra maneira, esperar-se-ia que Χριστός fosse representada também em outros testemunhos.

A grande maioria de testemunhos diz ὁ antes de κύριος, mas, em face de sua ausência em N Ψ e da tendência dos escribas de adicionarem o artigo, julgou-se melhor deixar ὁ entre colchetes.

(Princípios da crítica textual parecem exigir a adoção de Ἰησοῦς, que se admite ser a forma melhor confirmada entre os testemunhos gregos e as versões (ver acima). Admirados ante a estranha e ímpar menção de Jesus, em uma declaração sobre a saída do Egito (contudo, cf. a alusão de Paulo a Χριστός em I Cor. 10:4), copistas teriam substituído isso por (ὁ) κύριος ou ὁ θεός. É possível, porém, que (conforme Hort conjecturava) “o texto original tivesse apenas ὁ, e que ΟΤΙΟ foi lida como ΟΤΙΙC ou talvez como ΟΤΙΚC” (Notes on Select Readings, ad loc.).

A origem das variações na posição de ἀπαξ pode ser melhor explicada supondo-se que originalmente estava após εἰδότης (tal como em P (72) A B C (2) L 049 33 81 104 181 326 330 436 451 629 945 1877 2127 a); entretanto, já que o termo não parecia adaptar-se a εἰδοτάς, e porque o τὸ δεύτερον seguinte parecia exigir uma palavra como πρῶτον, o vocábulo ἀπαξ —foi movido para dentro da cláusula ὅτι-a fim de qualificar σώσας.¹ B.M.M. e A.W.).

1. Quanto a maiores discussões ver Allen Wikgren, «Some Problems in Jude 5», em *Studies in the History and Text of the New Testament in Honor of Kenneth Willis Clark*, ed. por Boyd L. Daniels e M. Jack Suggs (= *Studies and Documents*, vol. xxix; Salt Lake City, 1967), págs. 147-152.

5: Ora, quero lembrar-vos, se bem que já de uma vez para sempre soubestes tudo isto, que, havendo o Senhor salvo um povo, tirando-o da terra do Egito, destruiu depois os que não creram;

(Ver Núm. 14:29,30 quanto à narrativa acerca disso). Neste ponto cabe o comentário de Homrighausen (in loc.): «Judas percebeu que os crentes podem saber tudo sobre sua ‘comunicação salvadora’, conhecendo até mesmo algo sobre os inimigos da santa fé, mas na realidade nada compreenderam da mesma de modo vital. Tal como Pedro, ele queria lembrar a seus leitores (ver o quinto versículo), queria abalar o conhecimento deles, pondo-os em ação, acerca dessas questões. A lembrança, neste caso, não era um mero trazer à memória; antes, visava levar à ação dirigida pelo discernimento (ver Heb. 4:7 e ss. e I Cor. 10:5). Não é necessário alguém ser ‘alguém... plenamente informado’, pois os crentes precisam ser perenemente lembrados dessas mesmas coisas. E devem ser lembrados do fato que até mesmo depois que Deus salvou um povo da servidão no Egito, alguns dos libertados podem perder-se, devido à sua incredulidade. O fato que alguém é membro da comunidade salva não garante que não possa esse alguém ser sutilmente tentado a assumir atitude de ceticismo para com Deus, sem que disso tenha consciência. Ou pode acontecer—conforme se tem dado com tantos crentes, daquela época e de eras subsequentes, que alguns se considerem crentes reais simplesmente porque foram membros batizados da igreja cristã. Em virtude de sua vinculação externa, reputam-se seguros de qualquer perigo. Esse falso senso de segurança é perigoso, pois torna o crente lasso no tocante às suas obrigações morais. (Ver o vigésimo versículo).»

«...cientes de tudo uma vez por todas...» Os leitores originais já sabiam aquilo de que o autor sagrado estava prestes a falar, a saber, que a privilegiada nação de Israel veio à ruína devido à incredulidade. Seus mestres lhes tinham sido fiéis; conheciam a verdade, mas nem mesmo isso poderia impedi-los da ruína, se persistissem nos caminhos dos apóstatas.

Variante Textual: O termo grego «apaks» aparece em diversas posições, nessa sentença, em manuscritos vários. Nos mss P(72), ABC(2)L, 049, 33, 81; 104, 181, 326, 330, 436, 451, 629, 945, 1877, 2127 aparece após «eidotás», «cientes». Isso dá o seguinte resultado: «...fostes uma vez plenamente informados...». Porém, nos mss Aleph, 68, Si e Bo o termo foi transferido para a cláusula com «oti», ficando ligado a «sosas», «salvo» ou «libertado». E isso resulta em: «...o Senhor de uma vez por todas salvou o povo das mãos do Egito...». Obviamente, isso é um texto secundário. Quando os crentes recebem a «fé» que «de uma vez por todas foi entregue» a eles, também recebem uma lição enfática sobre como a segurança é preservada—através da disciplina espiritual-mais diligente e incansável. Esse é o intuito do autor sagrado.

Os desviados licenciosos estão particularmente em foco aqui, como aqueles que perecem como o povo que fora libertado do Egito; e a clara intenção do autor sagrado, neste ponto, é advertir aos verdadeiros crentes

6 ἀγγέλους τε τοὺς μὴ τηρήσαντας τὴν ἐαυτῶν ἀρχὴν ἀλλὰ ἀπολιπόντας τὸ ἴδιον οἰκητήριον εἰς κρίσιν μεγάλης ἡμέρας δεσμοῖς αἰδίοις ὑπὸ ζόφον τετήρηκεν

6 2 Pe 2,4,9

6 δεσμοῖς] add αλυστοῖς καὶ 33 [υπο ζοφον] praet αγίων αγγελων m Lcf: add αγίων (sic) αγγελων Cl

6: eos anjos que não guardaram o seu principado, mas deixaram a sua própria habitação, ele os tem reservado em prisões eternas na escuridão para o juízo do grande dia,

«...anjos...» (Quanto a notas expositivas completas sobre os «anjos», ver Luc. 4:10 e Atos 1:10). O N.T. contém a crença que há muitas ordens angelicais e muitas regiões ocupadas pelos anjos (ver Col. 1:16 e Efê. 1:21). Essa é uma teologia judaica helenista comum, que transparecia até mesmo nas religiões pagãs, embora não haja razão alguma para a rejeitarmos. Os mestres gnósticos também defendiam essa doutrina, identificando os anjos postulados pelos hebreus como as neoplatônicas «emanações de Deus», ou seja, os anjos seriam os mesmos «aeons» (emanações angelicais de Deus), a sua «plenitude» (ver Col. 1:19 e 2:9,10, bem como as notas ali expostas), em que cada um deles teria alguma partícula ou partículas da natureza e dos atributos divinos.

O autor sagrado mostra que algumas ordens angelicais caíram. E talvez tenha querido dar a entender que os gnósticos andavam perto de adorar a anjos malignos, com sua doutrina que fazia de Cristo apenas um dentre muitos aeons. O trecho de Col. 2:18 mostra-nos que os gnósticos adoravam aos anjos. O trecho de Col. 1:15 e ss. foi escrito a fim de mostrar que

que não se aliam aos tais. Tanto os crentes como os que se desviam devem aprender igualmente a lição que o juízo divino recai sobre aqueles que retrocedem, abandonam a fé e se tornam amigos deste mundo ímpio. «Somente a disciplina espiritual rigorosa e contínua supre a base de segurança». (Barnett, in loc.).

Autêntico conhecimento espiritual. Consideremos o que diz o livro apócrifo de Enoque: «Sei de tudo da parte dos lábios do Senhor... Sei tudo e escrevi tudo nos livros» (Enoque xl.1,2). Praticamente a nação inteira de Israel pereceu no deserto, exceto os fiéis Calebe e Josué. Reconhecemos isso! O verdadeiro Josué, que é Jesus, espera que lhe demos a nossa lealdade. Disso depende a nossa segurança. Os mestres gnósticos afirmavam possuir um «conhecimento» superior, através do que julgavam que poderiam ser remidos. Mas essa porção do verdadeiro conhecimento espiritual lhes faltava, para sua própria destruição.

«...incredulidade...» Essa é a fonte de todos os males e desvios. Os gnósticos não prestavam lealdade ao verdadeiro Cristo, mas substituíam-no por um «aeon». Não aceitavam as doutrinas da encarnação, da fusão das naturezas divina e humana em Jesus, e nem da expiação. Se algum crente aceitar tais negações, torna-se um incrédulo. Porém, a fé é a outorga da alma aos cuidados de Cristo (ver as notas expositivas a respeito, em Heb. 11:1). A fé não é mero assentimento intelectual com certo número de determinadas doutrinas. A incredulidade equivale à desobediência, porque, em si mesma, é uma forma agravada de incredulidade, bem como é a origem da desobediência moral. (Ver II Tes. 1:8).

Variantes Textuais: As palavras «sabeis disso» aparecem nos mss CKL e na maioria dos manuscritos minúsculos posteriores. Mas «de tudo» é a forma que aparece nos mss P(72), Aleph, ABC(2), na Vg, no Si, no Cóp, no Eti, no Ara e nos escritos da maioria dos pais da igreja. Certamente isso representa a forma correta. O autor sagrado enfatiza o «completo» conhecimento da verdade que tinham seus leitores originais e edifica sobre isso sua advertência, e não apenas sobre o conhecimento de que o antigo e incrédulo povo de Israel foi julgado, após ter sido libertado do Egito.

Os mss AB, 33, 81; 322, 323, 424(c), 665, 1241, 1739, 1881, 22, 98, 1344, a Vg, co Cóp(sa,bo), o Eti e os escritos dos pais da igreja Orígenes, Cirilo, Jerônimo e Bede dizem «Jesus» (libertou). Os mss 88 e 915 adicionam o artigo a isso. E o ms P(72) diz «Jesus Cristo». «Senhor» é a forma que aparece nos mss Aleph, KL e na maioria dos manuscritos minúsculos posteriores, embora essa evidência seja claramente secundária. É possível que a forma abreviada dos mss KC, «Senhor», tenha sido substituída por acidente pela forma similar, «Jesus», dos mss IC, porquanto é bem provável que tivessem sentido alguns escribas que seria muito estranho dizer que «Jesus» salvara a Israel do Egito. Portanto, isso foi substituído por «Deus» (o Pai). Temos de admitir que isso é estranho; mas comparemos com o uso da palavra «Cristo» por parte de Paulo, em I Cor. 10:4, onde ele é chamado a «Rocha» que seguia a Israel. Devotos autores crentes não hesitariam em falar da preeminência de Cristo no antigo povo de Israel; e «Jesus», como seu título, pode ser usado sem criar qualquer problema teológico.

somente Cristo merece essa adoração, porquanto ele é o Alfa e o Ômega da criação, a qual veio da parte dele, por meio dele e é para ele. A passagem de Col. 1:20 mostra-nos que até mesmo alguns anjos precisam de redenção, ao passo que o primeiro capítulo da epístola aos Efésios mostra-nos que toda a criação, incluindo os anjos, precisa ser reorientada em volta de Cristo, a fim de encontrar nele uma razão para a sua existência.

O autor sagrado talvez tenha querido dar a entender que os «aeons» ou emanações angelicais, que os gnósticos tinham em tão grande estima, eram seres caídos, tal como o homem, sendo seres malignos. Por conseguinte, não lhes devemos prestar qualquer honraria. Outrossim,—o fato que esses elevados poderes serão julgados mostra-nos que elevados poderes espirituais podem «cair», sendo levados a «juízo». Quanto mais sucederá isso aos mortais que seguirem pela vereda tortuosa dos mesmos. Satanás enganou aos anjos (ver Apo. 12:4), não havendo dúvidas que ele pode enganar a homens pretenciosos e aos discípulos destes.

«...não guardaram o seu estado original...» Qual estado? O lugar de honra, de bem-estar e de domínio que eles possuíam nos lugares celestiais, nas esferas espirituais da existência. (Ver as notas expositivas em Efê. 1:3 acerca dos «lugares celestiais»). Antes tais anjos contavam com o favor

divino, pois eram espiritualmente puros e tinham um poder imenso. Eram instrumentos da glória de Deus, mas caíram. Os homens também podem cair, e com muito menor esforço.

«...abandonaram o seu próprio domicílio...» Isso sucedeu propositadamente. Fizeram uma louca e má decisão; preferiram Satanás a Deus. Os trechos de I João 2:15, 16 e 3:8, 10 mostram que todo o pecado, até mesmo o pecado humano, é participação, em última análise, na maldade cósmica, inspirada pelo príncipe da maldade, da mesma maneira que o bem, em última análise, é inspirado por Deus.

— Quão grande é a perda do homem quando ele se alia às forças satânicas, quando negligencia a Cristo, o verdadeiro alvo dos anjos da alma.

O que os anjos tinham e o que perderam, é ilustrado na literatura judaica. Além das habitações celestes pertencerem a eles, a tradição judaica lhes atribuiu governos (por detrás das cenas) sobre várias nações e outras regiões da criação que nos são desconhecidas. Supunham também que sete grandes anjos governavam os sete planetas ou estrelas vagabundas. Na sua ignorância sobre assuntos astronômicos, supunham que essas «estrelas errantes» (sentido da palavra «planeta») tinham saído das órbitas que lhes tinham sido destinadas, pelo que os anjos que controlavam esses mundos foram castigados, tendo sido acusados de romperem com a ordem que lhes fora dada. (Ver *Enoque* xviii.13 e ss. quanto a essa tradição). Os comentários sobre Deut. 32:8 fazem aquele versículo referir-se, ao menos em parte, aos governos dados aos anjos por Deus. O judaísmo posterior misturava tudo isso com a astrologia, porquanto pensavam que as estrelas fossem os «corpos» de seres angelicais ou, pelo menos, os lugares da habitação dos mesmos; e, além disso, supunham que esses «corpos» e os poderes angelicais a eles associados exerciam certa influência sobre as vidas humanas. (Ver Col. 2:8, acerca da astrologia no judaísmo posterior, nas notas expositivas ali existentes). A queda dos anjos, pois, arruinou tudo aquilo de que desfrutavam aqueles anjos poderosos, deixando-os em má situação perante o Senhor Deus.

«...ele tem guardado sob trevas, em algemas eternas...» Essas descrições são tomadas por empréstimo diretamente do livro apócrifo de *Enoque* (ver 10:4-6, 11, 12; 54:3-5; 12:4-6 e 15:5-6). Consideremos os pontos seguintes: 1. *Enoque* pinta os anjos como quem estaria amarrado de pés e mãos, lançados nas trevas, debaixo de grande pilha de pedras brutas e desordenadas, conservando-os cativos. No dia do julgamento teriam de sofrer o fogo (ver *Enoque* 10:4-6, 11, 12). Estariam lançados no abismo, amarrados com «correntes extremamente pesadas» (ver *Enoque* 54:3-5). 2. A ofensa dos anjos que caíram é descrita como o abandono de sua glória original, e o seu crime é considerado como algo irremediável (ver *Enoque* 12:4-6). 3. Deus não dera esposas a eles porque eles eram santos e antes verdadeiramente espirituais. A sua missão consistia de serem «atalaias» e «guardiães» da criação de Deus, incluindo a sua porção terrena. No entanto, começaram a participar de concupiscências tipicamente humanas, e buscaram sofregamente mulheres terrenas, e assim caíram em todas as

7 ὡς Σόδομα καὶ Γόμορρα καὶ αἱ περὶ αὐτὰς πόλεις, τὸν ὁμοιον τρόπον τούτοις ἐκπορνεύσασαι καὶ ἀπελθοῦσαι ὀπίσω σαρκὸς ἐτέρας, πρόκεινται δὲ πῦρ αἰωνίου δίκην ὑπέχουσai.

b b 7 b none, b none: TR WH Bov Nes BF² // b minor, b none: AV RV ASV (RSV) (NEB) TT Zür (Luth) Jer Seg // b none, b minor: RV^{mg} ASV^{mg}

7 Gn 19:4-25; 2 Pe 2:6, 10

7: assim como Sodoma e Gomorra, e as cidades circunvizinhas, que, havendo-se prostituído como aqueles anjos, e ido após outra carne, foram postas como exemplo, sofrendo a pena do fogo eterno.

O autor lança mão, aqui, de um outro exemplo «terreno». — As cidades de Sodoma e Gomorra se distinguiram pela extrema perversidade de seus habitantes, especialmente nas questões sexuais. E eles servem aqui de bom exemplo, visto que os mestres gnósticos eram indivíduos amorais. Seus habitantes sofreram juízo juntamente com os habitantes de outras cidades próximas. Josefo diz que foram atingidas quatro cidades daquela área. Por semelhante modo, os gnósticos haverão de sofrer juízo, pois são os filhos espirituais de anjos e de homens cheios de concupiscência. As cidades de Sodoma e Gomorra provavelmente foram sugeridas à mente do autor sagrado porque sua condenação se deveu ao mesmo tipo de pecado que fora cometido por aqueles anjos, a concupiscência. Os que se deixam levar pela concupiscência cairão. Os falsos mestres não serão uma exceção. Afinal, como poderia haver qualquer exceção no universo de Deus? Se porventura houvesse alguma exceção, então o «caos», e não a justiça, é que triunfaria.

«...Sodoma e Gomorra...» Esses nomes eram usados proverbialmente, na literatura judaica, para cidades que merecem seu julgamento, devido à sua especial perversidade. Ver Sabedoria de Salomão 10:7; Gên. 13:10 e ss. e os capítulos dezoito e dezenove desse livro; Mat. 10:15 e ss.; 11:23, 24; Marc. 6:11; Luc. 10:12; 17:29; II Ped. 2:6; Apo. 11:8. As notas sobre Mat. 10:14 fornecem mais detalhes sobre essa questão.

Mas a iniquidade dos nossos próprios dias é tão grande, que alguém escreveu: «A gente, vivendo hoje, não pode deixar de ter saudade daqueles tempos em que a humanidade era mais pura e inocente, como em Sodoma e Gomorra.» (Millor Fernandes).

«...cidades circunvizinhas...» Havia cinco cidades. Admá e Zeboim foram julgadas ao mesmo tempo, mas Zoar foi poupada. (Ver Deut. 29:23 e Osé. 11:8). O juízo divino pode ter tomado a forma de uma catástrofe natural, como uma ação vulcânica com explosão de gases. Mas há quem creia que se tratou de uma explosão atômica. Seja como for, foi um juízo de Deus contra uma insuportável iniquidade, sem importar como isso foi administrado. Deus julgará novamente aos homens, de maneira horrenda e prodigiosa, ao fim deste século XX, segundo tudo parece indicar. Ver o artigo existente na introdução ao comentário, sobre *A Tradição Profética e a Nossa Era*.

modalidades de imoralidade (ver *Enoque* 15:4-6 e o sétimo versículo desta epístola).

A queda dos anjos. Na literatura judaica essa queda é variegadamente descrita, como segue: 1. Teriam caído juntamente com Lúcifer, na remota eternidade passada (ver Isa. 14:12 e ss.). 2. Teriam caído por terem desejado mulheres terrenas (ver Gên. 6:1-4 e o trecho já referido do livro apócrifo de *Enoque*). 3. Teriam caído por participarem da tentação e da queda do homem, sobre o que se lê no terceiro capítulo do livro de Gênesis.

Os falsos mestres, que incluíam a imoralidade como parte oficial de suas doutrinas, tinham-se tornado aliados espirituais dos anjos caídos, os quais haviam caído através da concupiscência. Sua mensagem amoral, portanto, levava os homens à queda, e não a redenção.

O autor sagrado ensina que até mesmo os anjos, poderosos e inteligentes como eram, «podiam» cair e «realmente» caíram. Os homens também são passíveis de queda, embora conheçam a verdade. O julgamento deles é horrível. Fugamos da ira de Deus!

Ali os deuses titânicos, às sombras tristes
Condenados pela vontade de Jove, entre nuvens,
Jazem, escondidos nas regiões más.
(Hesíodo, *Teogonia*, v.729).

«...eternas...» No grego é «aidios», usualmente um sinônimo de «aionios». No trecho de *Enoque* 12:4-6 esses anjos caídos são retratados como quem continuamente roga misericórdia, embora essa nunca lhes seja conferida.

«...juízo do grande dia...» Isso focaliza o grande dia em que Deus houver de julgar às suas criaturas, aquele dia mais importante de todos. Temos aqui uma expressão rabínica que indica o julgamento final. (Ver Col. 3:6 sobre a «ira de Deus»; e ver Apo. 14:11 sobre o julgamento. Ver também II Ped. 2:4; Atos 2:20; Apo. 6:17 e 16:14, que são versículos similares).

As cadeias. Elas representam «empecilhos». As forças satânicas estão amarradas, ou, pelo menos, assim se acham alguns de seus elementos mais maliciosos. Isso os tolhe e preserva, ao mesmo tempo. Finalmente serão levados a juízo. Todavia, há outras forças satânicas que estão soltas, e Satanás não tem permissão de transformar a vida humana em um inferno total, como certamente gostaria de fazer, se isso lhe fosse permitido. O Espírito de Deus o restringe, e, de outro modo, a vida humana nesta terra seria qual a existência em uma selva caótica, violenta e sem misericórdia.

Alguns estudiosos têm pensado que o lugar onde tais anjos estão confinados é o centro da terra ou a atmosfera em redor da terra. Pelo menos tais poderes têm um acesso limitado à terra, embora estejam «amarrados». É provável que a maioria desses anjos mais maliciosos e poderosos não tenham permissão de tocar nos homens em nenhum sentido, pois ninguém poderia oferecer-lhes resistência. A misericórdia de Deus protege até mesmo os homens ímpios. Mas o livro de Apocalipse dá-nos a entender que, nos últimos dias, essas forças espirituais extremamente negativas terão a permissão de atacar os homens; e então é que os homens aprenderão a lição que o caminho de Deus realmente é melhor, e que sua alternativa é horripilante.

7 (δὲγμα πῦρ. αἱ.] δ., π. α., ε ρ¹: δ. π. α., ρ^m)

«...prostituição...» Estão em foco males morais como depravações, homossexualismo, concupiscências e apego exagerado ao sexo. Os anjos que foram aprisionados caíram por causa disso. Os habitantes das cidades das planícies fizeram outro tanto. Os gnósticos, com uma mensagem sem moral, imitavam aos tais, tornando-se seus filhos espirituais. E aquele que se alia aos tais terá de sofrer sua punição. O termo grego aqui usado vem de «porne», «prostituta», mas indica todas as formas de imoralidade, e não meramente a «fornicação», o pecado sexual antes do casamento, conforme dizem erroneamente algumas traduções. O verbo indica agir como uma prostituta, modelar a própria vida nos moldes da prostituição, abandonando todas as restrições morais.

«...como aqueles...», isto é, os habitantes das «cidades circunvizinhas», que imitavam os moradores de Sodoma e Gomorra. Eles sofrerão igual julgamento. Mas todos eles imitavam aos anjos caídos, que é a história que estava na mente do autor sagrado e que provocou a ilustração do sétimo versículo.

«...outra carne...», ou seja, «concupiscências desnaturais», como o homossexualismo, ou como o crime de um ser angelical que queria ter uma mulher mortal como companhia. Essas perversões sexuais aprofundaram a culpa de seus crimes. Eles se «entregaram» a essas coisas. Prostituíram-se ansiosamente.

«...para exemplo...» Qual exemplo? que o mal moral inevitavelmente traz o juízo. Os gnósticos, que imitavam o exemplo dos moradores de Sodoma, compartilhavam da sorte destes últimos; e isso sucederá a todos quanto seguirem a mesma vereda negativa na vida. (Ver as notas expositivas em I Cor. 11:1 sobre o «poder do exemplo»). Devemos três coisas a nossos semelhantes, sobretudo a nossos irmãos na fé: exemplo... exemplo... exemplo. Seremos contados como responsáveis pelo tipo de exemplo que estivermos dando aos outros.

«...do fogo eterno...» Os ímpios são julgados no fogo, o que antecipa as chamas eternas do juízo final. O autor sagrado tomou por empréstimo, do livro de *Enoque*, os símbolos que usou—eles sofrem em chamas subterrâneas, mas isso é apenas uma prelibação do fogo eterno que haverá no lago do fogo (ver Apo. 19:20; 20:10 e 21:8; comparar também com Heb. 10:26, 27, que diz «...já não resta sacrifício pelos pecados; pelo contrário, certa expectativa horrível de juízo e fogo vingador, prestes a consumir os

adversários »). Essas palavras são tão simbólicas como as «trevas» e a «morte», indicando aquele estado onde a «vida», a «luz» e a «glória» de Deus não se fazem presentes, mas onde os homens nunca atingem o alvo para o qual foram criados, sem importar o nível de restauração que venham a experimentar em Cristo, por ser ele o Senhor cósmico.

O ponto de vista deste comentário, sobre a natureza do juízo, reflete-se nas notas expositivas em Col. 3:6 e I Ped. 3:18. A verdadeira tragédia do juízo eterno é que os homens são impedidos de participarem da «filiação», na plenitude de Deus, em sua natureza e atributos (ver Efé. 3:19 e Col. 2:10), ficando assim aquém do propósito para o qual foram criados. Sua tragédia é que não atingem a imensa salvação, a «filiação», que é oferecida aos homens. Seus sofrimentos terão efeitos disciplinadores e restauradores, pois até mesmo o julgamento será um dedo da mão amorosa de Deus. No entanto, uma vez que sejam julgados, quando da vinda de Cristo, jamais poderão abandonar a região do juízo, da morte espiritual (a qual consiste da IV. Descrição dos Hereges Gnósticos (Vss. 8-13).

1. Não tinham objetos santos (vs. 8-10).

No quarto versículo e suas notas expositivas, já vimos várias descrições acerca dos hereges gnósticos, em seus aspectos doutrinário e moral. As secções em seguida descrevem, com horrendos detalhes, a imoralidade e perversidade deles.

8 Ὅμοιως μέντοι καὶ οὗτοι ἐνυπνιαζόμενοι σάρκα μὲν μαίνουσιν, κυριότητα δὲ ἀθετοῦσιν, δόξας δὲ βλασφημοῦσιν.

8 σάρκα...βλασφημοῦσιν 2 Pe 2:10

8: Contudo, semelhantemente também estes falsos mestres, sonhando, contaminam a sua carne, rejeitam toda autoridade e blasfemam das dignidades.

«...estes...» são os mesmos «certos», referidos no quarto versículo, que eram falsos mestres astuciosos, desonestos e doutrinariamente corruptos. Não eram ortodoxos nem nas doutrinas e nem na prática.

«...da mesma sorte...» Essas palavras estão ligadas a «...contaminam a carne...», aludindo às mesmas formas de depravação praticadas pelos habitantes de Sodoma e Gomorra. Portanto, assim como os homens depravados da antiguidade, que há pouco foram descritos, e que não tinham qualquer lei moral, assim também os hereges gnósticos não tinham qualquer restrição moral como parte de seu sistema doutrinário.

«...sonhadores alucinados...» Há muitas formas de misticismo. Os tradutores ou revisores (tradução AA) dão aqui uma falsa impressão. O termo grego, «*enupniadzomai*», significa apenas «sonhar» (como em IB) ou «ter visões», não havendo qualquer sugestão de alucinação nessa palavra. Provavelmente está em foco aqui a asserção gnóstica de que eles tinham visões e profecias, ou então, de modo geral, suas experiências místicas. O autor sagrado não quis dizer que eles não tinham tais experiências. O trecho de Col. 2:18 também admite que eles tinham experiências místicas, na forma de visões. Naquele caso, os escribas e intérpretes também não puderam deixar o versículo conforme aparece no original, alterando-o de forma a dar a impressão que suas reivindicações místicas eram falsas. Mas todos aqueles que têm estudado o misticismo sabe que o mesmo não respeita fronteiras denominacionais, além do que sempre fez parte das culturas humanas, até mesmo sem vinculações religiosas.

Com base no N.T., tais visões, embora aceitas como reais, são chamadas: 1. ou de derivadas de fontes espirituais malignas; ou 2. derivadas de fontes puramente humanas, do espírito humano, que certamente possui certos poderes místicos, sem a intervenção de qualquer espírito externo, angelical ou demoníaco. Na primeira dessas categorias podemos incluir os anjos maus, os demônios e outras forças malignas desconhecidas.

Os estudos no campo da parapsicologia têm mostrado abundantemente qual o alcance do poder da personalidade humana. Está provado que um homem é facilmente capaz de produzir curas, de ter visões, de profetizar, etc., sem que isso transcenda aos limites de seu próprio ser. Tais experiências, porém, podem ter significação religiosa ou não para o produtor das mesmas. Em outras palavras, não é fora de lugar a idéia que até mesmo os «dons espirituais», em alguns casos, sejam apenas o uso de qualidades humanas inerentes. Se Deus quiser que um homem desenvolva tais capacidades, que podem ser usadas em favor do bem e para progresso do evangelho, então, embora estritamente humanas, na realidade são «dons espirituais», sendo legitimamente empregadas para a glória de Deus.

O homem é um ser espiritual, e Orígenes provavelmente tinha razão ao dizer que a alma do homem, o que a humanidade era antes da queda, não era inferior aos seres que chamamos de «espíritos angelicais». Portanto, o homem possui a capacidade inata de fazer qualquer coisa que um anjo pode fazer. Em Cristo, os remidos serão elevados bem acima dos anjos, pois os remidos são filhos de Deus, tal como o Filho o é, pelo que participarão da natureza divina (ver II Ped. 1:4) e de toda a «plenitude de Deus» (ver Efé. 3:19 e Col. 2:10), ao que os anjos têm um acesso bastante limitado.

Provavelmente é correto dizer que alguns dons espirituais são angelicamente mediados, pelo que imitações espúrias podem ter os demônios como mediadores. Então, em casos especialíssimos, o próprio Espírito Santo pode inspirar e empregar o seu poder nos remidos, produzindo dons espirituais de admirável natureza. Essas altíssimas manifestações, em casos especiais, entretanto, podem ser imitadas por influência satânica direta em alguns indivíduos, conforme se dará no caso do anticristo, o qual será possuído pela forma espiritual negativa mais poderosa, a saber, pelo próprio Satanás. Com base nesta discussão, pois, pode-se ver que os falsos mestres, ocasionalmente, são capazes de exercer poderes admiráveis, com base em capacidades humanas inatas, ou devido à influência de poderes angelicais ou de Satanás. Também se sabe hoje em dia que certas drogas são capazes de produzir experiências místicas, algumas vezes de ordem elevada. Tais experiências podem ter a natureza de alucinações, mas é bem possível que provoquem alterações no estado da consciência, abrindo caminho para experiências místicas de nível

não-participação do tipo de vida que Deus tem), das trevas (que consistem da não-participação no reino luminoso de Deus e em sua própria pessoa, que é luz—ver I João 1:5) e do fogo (o estado de existência destituída das plenas bênçãos espirituais de Deus, que nos são dadas por meio de Cristo).

O vale de Hinom (no grego, *geena*), o monturo de Jerusalém, onde havia chamas permanentes que consumiam o lixo da cidade, incluía uma área adjacente ao mar Morto, não muito distante do local das antigas cidades ímpias. Os judeus criam que havia um fogo subterrâneo debaixo desse vale. (Ver «*Hinom*», no vigésimo sétimo capítulo do livro de *Enoque*, e também *Enoque* Lxvii.4 e ss., onde se vê um quadro descritivo dos anjos, conservados em um «vale em chamas»). O extremo sul do mar Morto, conforme pensam muitos estudiosos, cobre o local daquelas cidades da planície que sofreram o julgamento divino mencionado neste texto.

★ ★ ★

8 κυριότητα] -της Ν arm sa Or

puramente humano. Seriam, por assim dizer, asserções da alma. Ou então tais drogas deixem os homens em um estado que possibilite a «influência» exercida por entidades espirituais invisíveis. O misticismo provocado pelo uso de drogas é obviamente imoral e anti-espiritual, além de ser perigoso.

Misticismo Falso E Misticismo Verdadeiro

1. Difícilmente alguém conseguirá negar de maneira válida a realidade do misticismo. Existem sonhos e visões que predizem corretamente o futuro e descrevem situações desconhecidas, mas reais. Também há muitas alucinações entre supostos místicos, bem como um misticismo prejudicial e espúrio, cuja influência procede dos demônios.

2. Praticamente todas as fés religiosas estão alicerçadas sobre experiências místicas. O profeta recebe uma visão ou revelação. Isso é, subseqüentemente, passado para a forma escrita. Com a passagem do tempo, os livros sagrados são canonizados e assim se tornam os documentos oficiais de alguma organização religiosa. A validade de tal organização depende da veracidade das revelações originais. Filosofias e comentários são acrescentados a esses documentos originais, mas o âmago da questão continuará sendo aquelas revelações.

3. Existem certos testes comprobatórios do misticismo autêntico:

a. Nenhuma revelação será imoral em si mesma, e nem encorajará ações imorais.

b. As verdadeiras revelações tendem por inspirar-nos à correta ação moral. Elas são moralmente revolucionárias.

c. Revelações subseqüentes devem ser coerentes com as revelações anteriores, embora possam transcendê-las. Deve haver uma correspondência razoável entre elas.

d. Alguns estudiosos supõem que apesar das revelações ou experiências místicas poderem transcender, à lógica humana, nem por isso serão irracionais. Todavia, essa é uma regra bastante fraca, se é que ao menos serve de regra. A razão não pode conter a fé, e nem pode conter a experiência religiosa. Sem embargo, pode agir como um guardião.

e. O trecho de Col. 2:8 e ss., mostra-nos que o misticismo autêntico promove a glória de Cristo, o qual é o arquétipo da salvação humana.

O autor sagrado não se deixava impressionar pelas declarações dos gnósticos, que afirmavam ter passado por estados de êxtase—«Tenho visto, tenho visto!» Pois o que tinham visto, embora talvez estranho, espantoso, jubilador, não os transformara moralmente. Qualquer crença ou experiência religiosa que não envolva aplicação moral não é válida. O Espírito Santo nos está transformando espiritualmente (ver Gál. 5:22,23; Mat. 5:48 e II Tes. 2:13), a fim de que possamos compartilhar da imagem metafísica de Cristo (ver Rom. 8:29 e II Cor. 3:18). O misticismo deve fazer parte dessa transformação, e a verdadeira definição de «misticismo», segundo os moldes cristãos, é o contacto genuíno com o Espírito Santo.

«...contaminam a carne...» Tais seres foram «após carne estranha», tal como fizeram os habitantes de Sodoma e Gomorra. Tornaram-se perversos sexuais, efeminando-se; desconheciam qualquer lei ou limite para suas atividades sexuais deturpadas. O misticismo deles não salvava os gnósticos desse tipo de deturpação. (Isso pode ser comparado com o que se lê em II Ped. 2:10, que quase certamente foi copiado daqui). Os falsos mestres «maculam» seus corpos com o pecado—essa é a idéia básica, transmitida por essas palavras. Eles se corrompem a si mesmos. Os mestres gnósticos não criam que os pecados corporais podem prejudicar à alma, tal como o ouro, ao ser mergulhado na lama, não tem sua natureza alterada. Chegavam mesmo a imaginar que ajudavam ao sistema cósmico em seu desígnio de destruir a matéria, ao contaminarem os seus próprios corpos, que participavam da matéria. Supunham mesmo que a alma, ou parte essencial do homem, é impecável (ver I João 1:8,10), a despeito dos abusos praticados com o corpo. Porém, o cristianismo autêntico requer a consagração tanto do corpo como da alma. (Ver Rom. 12:1,2).

«...rejeitam governo...» No grego esta última palavra é «*kuriotes*». Talvez a declaração seja geral—governos humanos. Pensavam que estavam acima das restrições humanas, pessoais ou coletivas (sociais). Também reduziam o estado e o propósito dos poderes «angelicais», não mostrando por eles o respeito devido, tal como, na cidade de Sodoma, os homens tornaram-se culpados de desrespeitar aos anjos (ver Gên. 19:1 e ss.). A doutrina gnóstica pervertia a verdade acerca dos «anjos», pois estes haviam sido

transformados em uma quase interminável sucessão de sombrios «aeons», supondo que podiam chamá-los a seu serviço, como se a missão dos mesmos fosse confirmar a autenticidade de sua mensagem falsa. Os «docéticos» (e quase todos os mestres gnósticos eram docéticos, em um grau ou outro) chamavam os «aeons inferiores», que teriam criado a matéria e manteriam contato com a mesma, de espíritos de moralidade duvidosa, pois seriam maculados pelo pecado tal como os homens o são. Também rejeitavam a autoridade e o governo de Cristo, pois repeliavam seu senhorio, reduzindo-o a um dos «aeons», apenas.

«...difamam autoridades...» No grego temos o verbo «blasphemeo», «blasfemar», «falar injuriosamente contra», das maneiras sugeridas no parágrafo acima. Alguns mestres gnósticos eram tão ousados que afirmavam que a redenção pode ser recebida somente pela experiência de todas as formas de situação, incluindo a depravação. Diziam que os anjos os «encorajavam» a ter experiências perversas, acompanhando-os na execução das mesmas, a fim de que adquirissem o conhecimento necessário para obterem a redenção. Desse modo, todos os pecados se tornavam «meios necessários» para a salvação. Isso era o mais puro paganismo a existir-se sob a bandeira cristã. Mediante tais doutrinas os mestres gnósticos degradavam o conceito inteiro dos anjos, blasfemando, tornando-os perversos como eles mesmos eram perversos.

9 ὁ δὲ Μιχαὴλ ὁ ἀρχάγγελος, ὅτε τῷ διαβόλῳ διακρινόμενος διελέγετο περὶ τοῦ Μωϋσέως σώματος, οὐκ ἐτόλμησεν κρίσιν ἐπενεγκεῖν βλασφημίας, ἀλλὰ εἶπεν, Ἐπιτιμῆσαι σοι κύριος.

9 Assumption of Moses^{acc.} to Clement, Origen, Didymus ὁ δὲ... ἀρχάγγελος Dn 10.13, 21; 12.1; Re 12.7 οὐκ... βλασφημίας 2 Pe 2.11 Ἐπιτιμῆσαι σοι

κύριος Zech 3.2

9 O δε] Οτε (= δ τε) B vg Cl et ote] τότε B: om vg Cl

9: Mas quando o arcanjo Miguel, discutindo com o Diabo, disputava a respeito do corpo de Moisés, não ousou pronunciar contra ele juízo de maldição, mas disse: O Senhor te repreenda.

«...o arcanjo Miguel...» Essas palavras mostram que certos livros apócrifos do A.T. foram usados nos escritos do novo pacto. Agora entramos diretamente em um pouco da angeologia comum aos livros e às crenças do judaísmo helenista, conforme isso se reflete nos livros apócrifos do A.T. e nos livros místicos ou «pseudepígrafes». A afirmação comum de que o N.T. nunca cita os livros apócrifos do A.T. quando sujeita a investigação, mostra ser falsa. Algumas das chamadas «epístolas católicas», como a de Tiago, a segunda epístola de Pedro e a presente, dependem pesadamente do que está contido naqueles livros, incorporando boas parcelas de seu material. O autor sagrado que compôs esta epístola de Judas tinha à sua frente, continuamente, o livro apócrifo de Enoque. Eusébio, o grande historiador cristão, criticou Clemente de Alexandria por ter-se utilizado de livros «disputados», como o da Sabedoria de Salomão, Enoque, Judas, Epístola de Barnabé e outras composições apócrifas do N.T. Alguns dos primeiros pais da igreja rejeitaram especificamente ao livro de Judas porque o mesmo lança mão de livros apócrifos do A.T.

No entanto, nosso julgamento não precisa ser tão severo. Apesar de admitirmos que a aceitação desta epístola de Judas foi tardia (não obteve larga aceitação e nem posição «canônica» senão perto dos fins do século IV D.C.), contudo, o seu valor intrínseco, a despeito (ou mesmo por causa) de suas fontes informativas, é suficiente para conferir-lhe posição canônica. Há coisas boas nos livros apócrifos e nas «pseudepígrafes» do A.T., e apesar de não podermos aceitar «literalmente» algo de seus ensinamentos, quase sempre o seu ensinamento «simbólico» ou «místico» nos traz benefício. O autor sagrado não hesitou em empregar livros apócrifos do A.T. Isso não nos deveria surpreender. Somente o ramo palestino da comunidade judaica é que rejeitava aos livros apócrifos. Fora da Palestina quase sempre esses livros eram tidos como parte do A.T., em sua forma traduzida, a Septuaginta, traduzida para o grego. E visto que a igreja cristã primitiva lia quase sempre o A.T. na Septuaginta, e que o crescimento da igreja desde quase o começo se verificou também em regiões fora da Palestina, a maioria dos crentes primitivos usava uma Bíblia (e a respeitava, conforme podemos supor) que continha os livros apócrifos do A.T. Somente os crentes judeus estritamente palestinos é que rejeitavam a esses livros. Assim é que, neste ponto, vê-se um autor cristão a empregar porções de livros apócrifos do A.T.

As pseudepígrafes: Há dois livros apócrifos (ambos apocalípticos) escritos como que baseados na vida de Enoque. Nenhum deles veio a ficar na coletânea atualmente conhecida como livros apócrifos do A.T.; mas ambos fazem parte da atividade literária que chamamos de apócrifa ou pseudepígrafe. (Ver as notas expositivas sobre o décimo quarto versículo, quanto à descrição desses dois livros intitulados «Enoque»). O autor da presente epístola faz alusões ao primeiro. Os eruditos bíblicos, ao classificarem os livros de Enoque, normalmente se referem aos mesmos como elementos das pseudepígrafes, e não dos livros apócrifos. Outros famosos livros pseudepígrafes são Jubileus (135 A.C.), Epístola de Aristeas (150 A.C.), Livros de Adão e Eva (provavelmente da era cristã, mas de data incerta), Martírio de Isaias (1-50 D.C.), Testamentos dos Doze Patriarcas (109-107 A.C.), Oráculos Sibílicos (século II A.C.), Assunção de Moisés (7-30 D.C.), Apocalipse Siríaco de Baroque ou II Baroque (data incerta), Apocalipse Grego de Baroque ou III Baroque (data incerta), Quarto Livro de Ezra ou II Esdras (primeiro século de nossa era), Salmos de Salomão (data incerta, mas antes de 70 D.C.). Algumas listas de livros pseudepígrafes também incluem o livro de IV Macabeus, a História de Aquicar, Pirque Aboth ou Santos dos Pais. Tudo isso representava uma atividade religiosa e piedosa não sendo estranho que alguns autores do N.T. tenham encontrado valor suficiente, em alguns deles, para fazerem referências aos mesmos, tomando por empréstimo idéias e lições extraídas desses livros.

Miguel: O livro de Enoque dá os nomes de sete arcanjos, a saber, Uriel, Rafael, Raquel, Miguel, Saracael, Gabriel e Remiel. Segundo é dito ali, a cada um deles Deus entregou uma província sobre a qual reina (ver Enoque

As autoridades aqui referidas são, especificamente, as de natureza «espiritual», como os anjos ou a pessoa de Cristo, embora, uma vez mais, essa idéia possa ser suficientemente ampla para incluir a blasfêmia contra autoridades terrenas, as quais estão investidas de autoridade da parte de Deus (ver o décimo terceiro capítulo da epístola aos Romanos). Porém, o termo grego «doksai» aponta principalmente para elevados seres espirituais, particularmente os «anjos». (Ver Filo, *Spec. Leg.*, 145; Ex. 15:11, na Septuaginta e Testamento de Judá 25:2, quanto ao uso desse vocábulo, que aponta para poderes angelicais). É possível que uma parte do que está envolvido nisso seja a forma sensual pela qual alguns elementos gnósticos se comportavam nas festas religiosas, sobretudo no «agape», a antiga celebração da Ceia do Senhor (ver o décimo segundo versículo, onde a questão é salientada). Os primitivos cristãos acreditavam que os anjos observam a adoração dos crentes. Neste caso, os mestres gnósticos, ao se embebedarem e ao se mostrarem loucos sensuais nessas ocasiões, somente desonravam aos anjos, que se faziam presentes, embora invisíveis. (Ver I Cor. 11:10 e Mat. 18:20, trechos que podem ser interpretados como passagens bíblicas que confirmam a doutrina da «presença dos anjos» nas reuniões dos crentes. Quanto a outras notas expositivas, que adicionam pormenores ao que é dito aqui, e que também comentam sobre as «skuríotes» ou «autoridades» e sobre as «doksai» ou «glórias», ver II Ped. 2:10).

20:1-8). A província de Miguel seria autoridade «sobre a melhor porção da humanidade e sobre o caos». Os escritos judaicos fazem dele o protetor de Israel como nação. As referências bíblicas a ele aparecem em Dan. 10:13,21; Jud. 9 e Apo. 12:7. Seu nome significa «Aquele que é como Deus». No livro de Daniel, Miguel é visto como guardião dos israelitas. E aqui, na epístola de Judas, ele é visto a contender com o diabo. Evidentemente é inferior a ele em poder, pois trata cautelosamente com ele, precisando da autoridade do próprio Deus a fim de obter a sua vitória. Talvez o trecho de Atos 7:38 se refira a Miguel como o anjo envolvido na doação da lei. No livro de Apocalipse, ele é visto como o general que conduz os exércitos angelicais contra as forças de Satanás. É óbvio, pois, que suas atividades são as mais variadas, envolvendo uma vastíssima área. Isso nos fornece algum discernimento quanto ao pensamento piedoso e suas revelações no tocante ao ministério dos anjos.

Cremos que espíritos humanos glorificados, já participantes da natureza divina, pelo que foram elevados acima da posição dos mais elevados anjos, exerceram governos diversos, realizando missões ainda mais notáveis que as dos anjos. Esse pensamento nos confere alguma compreensão sobre o que estará envolvido na eternidade. Todo homem é ímpar, e também terá uma missão sem-par, tanto neste plano terreno como nos lugares celestiais.

«...arcanjo...» Expressão usada somente aqui e em I Tes. 4:6, em todo o N.T., embora muito comum na literatura judaica. (Ver Dan. 10:13,20 e 12:1). Designa algum altíssimo poder angelical, dotado de autoridade sobre larga área, celestial ou terrena. Os «principados» (ver Col. 1:16) provavelmente são tipos de arcanjos. As explicações judaicas dadas sobre esse tema indicam que tais anjos têm, sob suas ordens, vastos números de seres espirituais. São quais «reis celestiais», com multíssimos súditos; mas eles mesmos estão, naturalmente, sujeitos a Deus, o Grande Rei.

«...contenda com o diabo...» (Há notas expositivas sobre «Satanás», em Luc. 10:18 e João 8:44). Por toda a parte o N.T. subentende a existência do príncipe do mal, a epitome de toda a maldade, uma pessoa real, tal como dá a entender a existência do Príncipe do bem, Deus, o qual é uma pessoa real. Orígenes informa-nos que a história da contenda sobre o corpo de Moisés derivou-se do livro apócrifo ou pseudepígrafe, chamado *Assunção de Moisés* (ou «Ascensão de Moisés»). (Ver o seu *Primeiros Princípios*, III.2.1, onde ele menciona especificamente que a história de Judas se baseou nesse livro). Esse ponto de vista tem sido confirmado por traduções de fragmentos gregos existentes sobre essa obra. (Ver *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the O. T. in English*, Oxford: Clarendon Press, 1913, vol. II). Um sumário dessa história que envolve Moisés, é o seguinte: 1. O diabo não queria permitir que Miguel sepultasse a Moisés, alegando que o corpo de Moisés pertencia à ordem material e que ele fora homicida, pelo que não merecia um sepultamento decente. 2. Miguel responde a essa primeira acusação, alegando que o Senhor é o criador e governador do mundo material, pelo que Satanás nada tinha a dizer acerca do que ocorresse com o corpo de Moisés. Ignora a segunda acusação. 3. Afinal de contas, Miguel, pelo poder da razão ou pela ajuda direta de Deus, consegue sepultar o corpo de Moisés nas montanhas, e conduz consigo o seu espírito para os céus. (Ver *The Assumption of Moses*: Londres, Adam and Charles Black, 1897, págs. 105-110).

A lição central que Judas quer extrair dessa história, sua razão para seu uso, é que até mesmo tão grande e santo poder como Miguel, um arcanjo, mostrou respeito pelos seres sobrenaturais, até os malignos, como é Satanás. Ele exerceu restrição e não «blasfemou» contra Satanás. Em contraste, os falsos mestres gnósticos não hesitavam em blasfemar e degradar os poderes angelicais bons ou maus. Não há qualquer indicio que eles negassem a existência de tais. Certamente não eram «céticos» como os saduceus que negaram a existência da alma e dos espíritos. Simplesmente tinham pontos de vista inferiores sobre os anjos, e em sua doutrina realmente blasfemavam deles, tal como blasfemavam do próprio Cristo, reduzindo-o à posição de apenas um dos «aeons», um pequeno deus, salvador ou mediador.

«...O Senhor te repreenda...» Miguel deixou nas mãos de Deus o «repreender» a Satanás. Somente Deus pode fazer isso. Assim os gnósticos

supunham um poder tão alto que fazia o que somente Deus pode fazer.

A lição geral deste versículo é que devemos ter respeito por elevadas autoridades e poderes espirituais. Devemos respeitar o invisível. Isso compreende tanto o ceticismo como a doutrina falsa.

Clemente, *Alex. Str.* vi. par. 132, sec. 807, (segundo Filo) declara que Calebe e Josué foram testemunhas da ascensão de Moisés, quando seu corpo foi sepultado entre as pedras da montanha. Provavelmente isso é apenas um adorno adicionado àquele livro apócrifo do A.T., descrito acima, embora esse detalhe possa ter sido acrescentado pelos comentadores judeus, ou por algum antigo escritor que não conhecemos.

Bengel vê uma comum lição moral nessa narrativa: «A modéstia é uma virtude angelical». O Talmude ensina uma moral similar à do presente 10 οὔτοι δὲ ὅσα μὲν οὐκ οἶδασιν βλασφημοῦσιν, ὅσα τοῦτοις φθείρονται. 10 2 Pe 2.12

10: Estes, porém, blasfemam de tudo o que não entendem; e, naquilo que compreendem de modo natural, como os seres irracionais, mesmo nisso se corrompem.

Os gnósticos, conforme o autor sagrado nos informa, abusavam tanto da esfera das coisas que não compreendiam (como a questão inteira dos poderes celestiais), como também da esfera das coisas que compreendiam (aquilo acerca das coisas terrenas e de seus próprios corpos). Este versículo é um tipo de sumário das idéias dos versículos oitavo e nono. Blasfemavam dos poderes invisíveis; e abusavam de seus corpos. Eram corruptos tanto no corpo como no espírito.

A todo o tempo aqueles hereges afirmavam possuir um conhecimento «superior», pois eram «gnósticos» (derivada essa palavra de «gnosis», «conhecimento»). «Judas assevera acidamente que só tinham algum conhecimento 'o que poderiam saber por instinto, como animais irracionais', e com tal conhecimento 'eles eram destruídos'. Os sentidos eram sua única orientação. Isso explica como se esqueciam das realidades que devem ser 'espiritualmente discernidas' (ver I Cor. 2:14). Assim como os dirigentes deste mundo habitualmente se têm perdido devido à sua ignorância acerca da oculta sabedoria de Deus, assim também os hereges são destruídos pelos seus sonhos espúrios (comparar com I Cor. 2:6-16, onde Paulo mostra plenamente o contraste implícito no décimo versículo desta epístola, entre os 'espirituais' e aqueles que 'receberam o Espírito da parte de Deus'). (Barnett, *in loc.*)

«Eram eles culpados... de blasfemarem ou de zombarem do que não entendiam. Contudo, obedeciam aos seus instintos. Neste ponto o entendimento é contrastado com os instintos naturais. Zombavam do que é honroso; e condenavam ao verdadeiro cristianismo, que não compreendiam. Bem poderiam dar ouvidos à advertência do arcanjo, que se recusava até mesmo a blasfemar do diabo, devido à sua insolência. Quem, pois eram aquelas pessoas superiores que pensavam tão superficialmente acerca dos anjos que fazem o que Deus manda? Afirmando possuir discernimento superior sobre coisas celestiais, faziam tudo por 'instinto'. E isso mostraria ser a razão de sua perdição. Tal como Caim, cuidavam apenas de si mesmos e realmente não se interessavam pelos outros; à semelhança de Balaão, estavam interessados somente em usar outros para obterem lucro; tal como Coré, tinham por intuito somente usurpar a autoridade santa que pertence a outros e a Deus». (Homrighausen, *in loc.*)

Blasfemavam do espírito e abusavam da carne. Asseveravam ser os mais espirituais dentre os homens, mas suas obras e palavras revelavam a IV. Descrição dos Hereges Gnósticos (Vss. 8-13).

2. São denunciados (vs. 11-13).

Já tendo descrito os pecados doutrinários e morais dos gnósticos (ver o quarto versículo), e também seu caráter maligno e perverso, o autor agora os denuncia de forma cortante. Ele salienta mais particularmente suas maldades morais, comparando-os com Caim, Balaão e Coré, aqueles antigos e infames apóstatas depravados. Aqueles personagens tipificavam, na literatura judaica, uma larga gama de corrupções e perversões. Os gnósticos dividiam os homens em três classes:

1. Os totalmente terrenos ou «hílicos», que estariam tão envolvidos na matéria que nunca poderiam deslindar-se da mesma, tendo de perecer, finalmente, juntamente com ela, quando a grande conflagração que era esperada consumisse toda a matéria, o próprio princípio do mal.
2. Os «psíquicos» ou semi-espirituais (guiados pela alma), os quais, mediante a «fé», atingiriam uma redenção inferior.
3. Os «pneumáticos», ou homens verdadeiramente espirituais, os quais, mediante o «conhecimento», haverão de atingir a mais completa redenção, a saber, a reabsorção em Deus, no Espírito divino, com a perda da identidade pessoal, em que o «ego» seria absorvido pelo «superego». Irineu esclarece que os gnósticos usavam «Caim» como ilustração para os «hílicos», «Abel» como ilustração para os «psíquicos» e «Sete» como ilustração para os «espirituais». (Contra Heresias 1.7.5). É deveras interessante, por conseguinte, que o autor sagrado se tenha utilizado de Caim para ilustrar os gnósticos. É como se ele tivesse dito: «Esses, na realidade, é que são os 'hílicos', acerca de quem eles falam, professando-se «ser os 'pneumáticos'».

11 οὐαὶ αὐτοῖς, ὅτι τῇ ὁδῷ τοῦ Κάιν ἐπορεύθησαν, καὶ τῇ πλάνῃ τοῦ Βαλαὰμ μισθοῦ ἐξεχύθησαν, καὶ τῇ ἀντιλογίᾳ τοῦ Κόρε ἀπώλοντο. 11 τῇ ὁδῷ τοῦ Κάιν Gn 4:3-8; 1 Jn 3.12 τῇ πλάνῃ...μισθοῦ Nu 22:7; 31:16; Re 2:14 τῇ ἀντιλογίᾳ...ἀπώλοντο Nu 16:19-35

11: Ai deles! porque foram pelo caminho de Caim, e por amor do lucro se aferraram ao erro de Balaão, e pereceram na rebelião de Coré.

«...Ai deles!...» Essa expressão é uma imprecação. O autor sagrado invoca o castigo divino. (Comparar com I Cor. 9:16). Isso mostra quão profundos eram seus sentimentos acerca da heresia que vinha prejudicando à igreja e ao evangelho dos apóstolos. (Isso pode ser comparado com a denúncia do Senhor Jesus contra os líderes religiosos de seus dias, em Mat. 23:13 e ss.: «Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas!... Ai de vós, guias cegos!... Insensatos e cegos!... Cegos!... Guias cegos!... Fariseu cego!... por dentro estais cheios de hipocrisia e de iniquidade... Serpentes, raça de víboras! como escapareis da condenação do inferno?»

versículo: «Não é legal a um homem proferir reprimendas ignominiosas, até mesmo contra espíritos iníquos». (*Sohar*, par. 92, nota 6, segundo é aludido por Adam Clarke, *in loc.*). O Targum de Jônatas sobre Deut. 34:6 declara que Miguel foi feito guardião do sepulcro de Moisés. Talvez a idéia tenha sido que o corpo de Moisés poderia ter sido recuperado, ou até mesmo alguns de seus ossos, que Israel transformaria em objeto de adoração. Portanto, o arcanjo foi ali postado, para impedir a idolatria.

Alguns intérpretes pensam ter havido a «preservação» do corpo de Moisés, de tal modo que, em forma ressurrecta, ele pudesse aparecer quando da transfiguração de Cristo; mas essa é uma interpretação fantasiosa. Pois foi o espírito glorificado de Moisés, e não uma forma corpórea, que fez tal aparição.

δὲ φυσικῶς ὡς τὰ ἄλογα ζῶα ἐπίστανται, ἐν

falsidade de suas reivindicações. Este versículo pode ser comparado com II Ped. 2:12, que nele se alicerça: «Esses, todavia, como brutos irracionais, naturalmente feitos para presa e destruição, falando mal daquilo em que são ignorantes, na sua destruição também hão de ser destruídos».

«...instinto natural...» Todo o animal irracional tem consciência de seu corpo e de seus possíveis prazeres. Esses animais, que agem por instinto, não têm qualquer lei moral, e se dão licença exagerada, buscando prazeres sensuais, sem nenhuma restrição da consciência. Do mesmo modo agiam os mestres gnósticos. (Isso pode ser comparado com II Tim. 3:6). Tornavam oficiais as suas imoralidades, e tentavam seduzir as mulheres crentes.

Notemos que o fato que os gnósticos falavam sobre «coisas invisíveis» confirma a interpretação acerca do oitavo versículo, que as «doksai» (glórias) são seres angelicais; e, nesse caso, provavelmente são os «poderes» ou «autoridades» (aludidos naquele versículo), os quais são invisíveis para nós, mas nem por isso menos reais.

«...se corrompem...» Esse termo, que no grego é «phtheiro», também pode significar «destruir»; e a destruição do juízo, provocada pela corrupção moral, provavelmente é a que está em foco. Essa é a interpretação de II Ped. 2:12, com base no presente versículo: «...na sua destruição também hão de ser destruídos». Quanta ironia, pois, que aqueles que afirmavam possuir um conhecimento superior se corrompessem exatamente naquilo que melhor conheciam—o corpo—de modo a se encaminharem para a perdição do julgamento, ao invés de avançarem na posição da redenção, o suposto alvo de seu «conhecimento», já que, para eles, a redenção seria obtida pelo «conhecimento», e não pela «fé». Para os gnósticos, a fé era algo bom, embora inferior, sendo exercido por homens de menor espiritualidade, que não poderiam aspirar à redenção superior, dada exclusivamente aos «gnósticos», que tinham «gnosis» ou «conhecimento».

É difícil, se não mesmo impossível, encontrar qualquer inimigo obstinado da religião cristã que, no curso que seguem, não vivam em contradição franca ou secreta aos princípios mesmos da religião natural. O apóstolo compara os tais a animais irracionais, embora com frequência tais indivíduos se considerem, se não os mais sábios, mas pelo menos os mais espertos elementos da humanidade». (Matthew Henry, *in loc.*)

«Aquilo que não conheciam e não podiam mesmo conhecer, era por eles vilipendiado através da mais grosseira irreverência; e aquilo de que sabiam, não podendo mesmo deixar de saber, abusavam, mediante a mais grosseira licenciosidade». (Plummer, *in loc.*)

«...caminho de Caim...» Os mestres gnósticos usavam o nome de Caim para ilustrarem os «hílicos», isto é, aqueles que estão imersos na matéria (a qual matéria seria o princípio mesmo do mal), os quais formariam a maioria dos homens, e que, devido à sua total identificação com o que é terreno, jamais poderiam esperar ser remidos. O trecho de I Tim. 2:1-6 foi escrito, pelo menos em parte, a fim de refutar a essa crença. Todos os homens podem ser remidos, e Cristo é o nosso redentor. O autor sagrado chama agora aos gnósticos, os supostos homens «pneumáticos» ou «espirituais», de filhos espirituais de Caim. Portanto, eles é que seriam os verdadeiros «hílicos» ou terrenos. (Ver a declaração introdutória ao presente versículo, quando à divisão dos homens em três grupos, feita pelos gnósticos).

Caim simboliza a traição, a concupiscência, a avareza e a auto-indulgência, conforme se vê pelo que diz dele a literatura judaica, como em Sabedoria de Salomão 10:3; Jubileus 4:1-5; Apocalipse de Moisés 3:2; Testamento dos Doze Patriarcas, Benjamim, 7:3-5; Filo em *Sobre os Querubins*, XX, Sacrifício de Abel e Caim X,xiv; e Posteridade e Exílio de Caim xv.

As descrições de Irineu sobre os gnósticos nos dão algum entendimento sobre quão grande era a depravação deles. Disse ele: «Eles também afirmam, como Carpócrates, que os homens não podem ser salvos enquanto não passam por toda a forma de experiência. Segundo afirmam, um anjo os acompanha em todas as suas ações pecaminosas e abomináveis, impulsionando-os a se aventurarem em audácia e incorrerem em poluições. Qualquer que seja a natureza de sua ação, afirmam que o praticam em nome do anjo... E afirmam ser isso um 'conhecimento perfeito', não se furtando nem mesmo em praticar aquelas ações cujo simples nomear é ilegítimo». (Contra as Heresias 1.7.5). Há algo similar a isso em Eusébio. *História Eclesiástica* III.29. E Clemente de Alexandria, falando sobre essa mesma gente, diz: «...usam palavras impias continuamente... e assim nem entram no reino dos céus e nem permitem que aqueles que têm iludido cheguem à verdade». Os que assim fazem, ao invés de se mostrarem leais para com a autêntica tradição cristã, como fazem seus membros legítimos, «arrombam suas paredes» como fazem os ladrões comuns, os quais em épocas passadas eram chamados «escavadores de lama», porque entravam nas casas escavando as paredes. (Ver Misc. VII.17). Tanto Irineu como Clemente chamaram tais homens de «cainitas». (Ver I João 3:12 acerca do exemplo negativo de Caim, e onde os gnósticos também são assim descritos. Naquele ponto há notas expositivas que desenvolvem melhor essa ilustração).

O Targum judaico, em Gên. 4:7, apresenta Caim como o primeiro cético e sofista. Não tinha ele respeito pelo mundo eterno, e nem sabia exercer controle sobre si mesmo. Era um assassino, pelo que perdeu o respeito pela humanidade, por igual modo. Devido à raiva e ao orgulho, «caiu da sabedoria», conforme diz Sabedoria da Salomão x.3. passagem que talvez estivesse na mente do autor sagrado, ao escrever o sétimo versículo desta epístola.

Os antigos intérpretes afirmam que Caim, por ter sido assassino de seu próprio irmão, tipificava os falsos mestres, que assassinavam as almas dos homens.

Na heresia dos gnósticos ofitas, os quais tinham os heróis do A.T. como vilões, ao passo que seus vilões seriam os verdadeiros heróis espirituais, Caim e Coré eram objetos de reverência especial. Para eles, a serpente simbolizava a sabedoria e a bondade verdadeira, e Caim e seus sucessores seriam os autênticos campeões. (Ver as notas expositivas completas sobre o «gnosticismo», em Col. 2:18).

«...erro de Balaão...» Este versículo quase certamente dá a entender que Balaão é símbolo da cobiça. A fim de ganhar um prêmio em dinheiro, da parte de Balaque, ele perverteu aos jovens do povo de Israel, agindo contra a própria consciência. (Ver Núm. 22-24; 31:16; Nee. 13:2; Josefo, *Antiq.* IV.6.5-9). No judaísmo posterior, Balaão se tornou símbolo dos falsos mestres, os quais dessemencinham ou pervertem à juventude. Por isso é que se lê em *Pirke Aboth* (5:21,22): «Todo aquele que a muitos torna virtuosos, o pecado não vem por seu intermédio; e todo aquele que leva muitos a pecarem, não lhe dão oportunidade de arrepender-se. Todo aquele que tem três coisas é um dos discípulos de Abraão, nosso pai. E todo aquele que tem três outras coisas é um dos discípulos de Balaão, o ímpio. Se alguém tem olho bom, alma humilde e espírito manso, então é discípulo de Abraão, nosso pai. Mas se alguém tem um olho mau, uma alma jactanciosa e um espírito altivo, é dos discípulos de Balaão, o ímpio... Qual é a diferença entre os discípulos de Abraão... e os discípulos de Balaão? Os discípulos de Balaão herdam a geena e descem ao abismo da destruição... Mas os discípulos de Abraão... herdarão o mundo por vir».

Nosso texto, portanto, ensina-nos que o erro de Balaão consiste da

12 οὗτοι εἰσιν οἱ ἐν ταῖς ἀγάπαις ὑμῶν σπυλάδες^c συνευχούμενοι^c ἀφόβως,^c ἐαυτοὺς ποιμαίνοντες, νεφέλαι ἀνυδροὶ ὑπὸ ἀνέμων παραφερόμεναι, δένδρα φθινοπωρινὰ ἄκαρπα δις ἀποθανόντα ἐκρίζωθέντα,

^c 12 c none, c none; minor: Bov Nes BF² Luth // c none, c minor, c none; WH (AV) RV ASV // c minor, c none, c minor: TR RSV (NEB) Zür

(Jer) // c minor, c none, c none; Seg // c none, c minor, c major: TT

12 ὑπὸ ἀνέμων παραφερόμεναι Eph 4:14

12 αὐ] om N^{*}K al vg s

12 οὗτοι...συνευχούμενοι 2 Pe 2:13 ἐαυτοὺς ποιμαίνοντες Eze 34:8

A vg [(σπυλάδες), R] [(ἀφοβως),], ἀφοβ. R)

12 οὗτοι...συνευχούμενοι 2 Pe 2:13 ἐαυτοὺς ποιμαίνοντες Eze 34:8

Ao invés de *ἀγάπαις*, que é fortemente confirmada por N B K L maioria dos minúsculos vg cop (sa,bo) sir (h,hgr) ara etí Efraem Lúçifer Agostinho Paládio al. vários testemunhos, influenciados pelo texto prevalente de II Ped. 2:13, dizem *ἀπάταις* (82 378 460) e dois deles dizem *εὐχάιαις* (6 224 (c)).

12: Estes são os escolhidos em vossas *ἀγάπαις*, quando se banqueteam convosco, pastores que se aposentam a si mesmos sem tumor; são novatos sem água, levados pelos ventos; são árvores sem folhas sem fruto, duas vezes mortas, desarraigadas;

Algumas traduções dizem aqui *μάκulas* ou *manchas*, como tradução do termo grego «*spilades*»; mas a tradução «*rochas*» é melhor. Contudo, ambas as traduções são possíveis para essa palavra grega. Ver Homero, *Odisséia* iii.298, quanto à palavra aqui usada, ali com o sentido de «*rochas*». Não eram meras máculas corruptoras nas «*festas de amor*» (o «*agape*», a Ceia do Senhor), mas eram ameaças ocultas de destruição, que podem «*afundar*» a espiritualidade de qualquer homem, levando uma congregação cristã inteira ao naufrágio. O trecho de II Ped. 2:13 menciona os levantes feitos pelos gnósticos, por ocasião das «*festas de amor*». Traziam alcoolismo e imoralidade para essas ocasiões.

Vários intérpretes preferem a tradução «*máculas*», «*manchas*», neste ponto, porquanto as festas de amor eram «*corrompidas*», pelas práticas

disposição e sofreguidão em corromper espiritual e moralmente aos homens, visando vantagens financeiras. (Ver II Ped. 2:15 acerca do «*caminho de Balaão*»; e ver Apo. 2:14 acerca da «*doutrina de Balaão*»). O «*caminho de Balaão*» é próprio de um pastor alagado ou mercenário. Ele procura ganhar dinheiro com seus dons e habilidades; seu coração não se firma em sua profissão religiosa, pois esta última, em sua concepção, é apenas uma maneira de ganhar a vida. Tendo tal forma de atitude, cai no «*erro de Balaão*», inclinando-se por corromper a outros, devido à sua ganância. E a «*doutrina de Balaão*» consiste da idéia que o povo em pacto com Deus pode contaminar-se e separar-se do Senhor, abandonando seu caráter de peregrinos no mundo. Tal doutrina macula a igreja e o mundo. (Quanto a notas expositivas completas sobre a «*cobiça*», ver Col. 3:5). A cobiça é uma idolatria espiritual. Balaão fazia do dinheiro o seu deus, e o resultado é que ele arruinou a missão que, de outra maneira, poderia ter tido, no exercício de seus dons espirituais.

O trecho de I Tim. 6:5 mostra que essa atitude de cobiça, em que um indivíduo usa seu ministério a fim de ganhar dinheiro, ao invés de usá-lo para servir a outros, é uma atitude característica dos mestres gnósticos. Esses supõem que a piedade é um «*lucro*», ou que a piedade é um meio de ganhar dinheiro.

«...se precipitaram...» Literalmente, «*foram derramados*», embora com a significação de «*correram ansiosamente após*», «*abandonar-se a*». Os gnósticos não se envergonhavam de sua ganância pelo dinheiro e nem de seu tipo pervertido de conhecimento. Desde o tempo dos sofistas os homens vinham vendendo conhecimentos e tirando grande lucro de seus discípulos. Os gnósticos trouxeram essa prática à igreja. Ao assim fazerem, tornaram-se os filhos espirituais de Balaão, porquanto eram não somente cobiçosos, mas corrompiam a mensagem que anunciavam.

«...pereceram na revolta de Coré...» (Ver a narrativa em Núm. 16:3 e ss.). Coré foi o líder da revolta contra Moisés, reunindo um grupo de malcontentes. Mostraram-se orgulhosos e arrogantes, presumindo arrancar o poder das mãos de Moisés. Coré, pelo menos durante algum tempo, conseguiu grande número de adeptos, e não fora a verdadeira chamada e autoridade de Moisés, e teria ele destruído a estrutura inteira de poder e de lei que Deus estabelecera. Lemos que o resultado final ocorreu quando a terra se abriu e engoliu a companhia inteira de rebeldes. A terra, debaixo de suas tendas, «...abriu sua boca e os engoliu... e todos os homens que seguiam a Coré... e assim desceram vivos ao inferno... e pereceram da comunidade (Núm. 16:1-34)». (Josefo, *Antiq.* IV.2.1-4.2).

Os gnósticos estavam efetuando uma revolta similar contra a igreja cristã apostólica, enganando a uma massa de malcontentes e algumas poucas pessoas inocentes, que eram enganadas e encantadas por sua doutrina. A segunda epístola de João menciona um certo Diótrefes, que foi um dos líderes dessa revolta (ver II João 9, 10). Os gnósticos se revoltaram contra a doutrina apostólica, criando um novo «*evangelho*»; revoltaram-se contra a moralidade apostólica e contra a tradição apostólica inteira na igreja. Se porventura tivessem ganho a batalha, o cristianismo ter-se-ia tornado apenas outra religião misteriosa greco-romana.

Coré representa o cisma, a usurpação da autoridade legítima e a revolta, heresias essas que causam divisões eclesásticas, contendas que dividem os irmãos na fé. Todos quanto se ocupam dessas coisas são os filhos espirituais de Coré. Consideremos o caso de Diótrefes (II João 9 e ss.), de Alexandre, o latoeiro (ver II Tim. 4:14), de Himeneu (ver I Tim. 1:20) e de Janes e Jambres (II Tim. 3:8).

O julgamento divino paira sobre todos os tais, incluindo a condenação do hades: «A condenação daqueles que se levantam contra a verdadeira fé e excitam outros contra a Igreja de Deus, consiste de serem engolidos pela terra, permanecendo no abismo embaixo, juntamente com Coré, Datá e Abirá». (Irineu, IV.43).

Notemos os tripletes, no oitavo versículo e no presente: ali os gnósticos aparecem como pecadores, de três maneiras diferentes; e neste ponto os gnósticos aparecem como quem segue três maus exemplos.

12 οὗτοι εἰσιν οἱ ἐν ταῖς ἀγάπαις ὑμῶν σπυλάδες^c συνευχούμενοι^c ἀφόβως,^c ἐαυτοὺς ποιμαίνοντες, νεφέλαι ἀνυδροὶ ὑπὸ ἀνέμων παραφερόμεναι, δένδρα φθινοπωρινὰ ἄκαρπα δις ἀποθανόντα ἐκρίζωθέντα,

12 οὗτοι...συνευχούμενοι 2 Pe 2:13 ἐαυτοὺς ποιμαίνοντες Eze 34:8

12 οὗτοι...συνευχούμενοι 2 Pe 2:13 ἐαυτοὺς ποιμαίνοντες Eze 34:8

12 οὗτοι...συνευχούμενοι 2 Pe 2:13 ἐαυτοὺς ποιμαίνοντες Eze 34:8

12 οὗτοι...συνευχούμενοι 2 Pe 2:13 ἐαυτοὺς ποιμαίνοντες Eze 34:8

12 οὗτοι...συνευχούμενοι 2 Pe 2:13 ἐαυτοὺς ποιμαίνοντες Eze 34:8

12 οὗτοι...συνευχούμενοι 2 Pe 2:13 ἐαυτοὺς ποιμαίνοντες Eze 34:8

12 οὗτοι...συνευχούμενοι 2 Pe 2:13 ἐαυτοὺς ποιμαίνοντες Eze 34:8

12 οὗτοι...συνευχούμενοι 2 Pe 2:13 ἐαυτοὺς ποιμαίνοντες Eze 34:8

12 οὗτοι...συνευχούμενοι 2 Pe 2:13 ἐαυτοὺς ποιμαίνοντες Eze 34:8

12 οὗτοι...συνευχούμενοι 2 Pe 2:13 ἐαυτοὺς ποιμαίνοντες Eze 34:8

12 οὗτοι...συνευχούμενοι 2 Pe 2:13 ἐαυτοὺς ποιμαίνοντες Eze 34:8

12 οὗτοι...συνευχούμενοι 2 Pe 2:13 ἐαυτοὺς ποιμαίνοντες Eze 34:8

12 οὗτοι...συνευχούμενοι 2 Pe 2:13 ἐαυτοὺς ποιμαίνοντες Eze 34:8

12 οὗτοι...συνευχούμενοι 2 Pe 2:13 ἐαυτοὺς ποιμαίνοντες Eze 34:8

12 οὗτοι...συνευχούμενοι 2 Pe 2:13 ἐαυτοὺς ποιμαίνοντες Eze 34:8

12 οὗτοι...συνευχούμενοι 2 Pe 2:13 ἐαυτοὺς ποιμαίνοντες Eze 34:8

12 οὗτοι...συνευχούμενοι 2 Pe 2:13 ἐαυτοὺς ποιμαίνοντες Eze 34:8

passo que eles mesmos comiam gulosamente. Em tudo isso lhes faltava totalmente a consciência e o temor. Nada havia de amor fraternal ou de espírito comunitário neles. O fato que podiam corromper assim à Ceia do Senhor, «sem temerem», mostra a ascendência que tinham ganho sobre certas congregações locais, além de ser uma reprimenda contra tais igrejas, por permitirem a continuação de tal situação.

«...pastores que a si mesmos se apascentam...» O termo «pastores» não se acha no original grego, embora possa ser derivado do verbo. Tais indivíduos pastoreavam-se a si mesmos, ao mesmo tempo que permitiam que os pobres continuassem a passar fome. Quando um pastor é autêntico cuida dos interesses das ovelhas, sobretudo de sua alimentação espiritual. Mas os falsos pastores cuidam somente de si próprios, tanto quanto ao alimento literal, por ocasião da Ceia do Senhor, como no tocante a outras questões. Eram indivíduos egoístas, que buscavam somente aos seus próprios interesses. Nada sabiam acerca do amor fraternal. Isso pode ser contrastado com a atitude do «Bom Pastor» e com a atitude de seus subpastores, conforme se vê refletido em João 10:11; Eze. 34:8; Mat. 26:31; I Cor. 9:7; Heb. 13:20; I Ped. 2:25.

«...nuvens sem água...» Das nuvens é que vem o sustento para a vida vegetal e animal, pois delas é que nos chega o suprimento de água potável, através da chuva. Os falsos mestres, entretanto, «prometem» dar vida, mediante seus ensinamentos, mas terminam sem derramar nenhuma gota de água. A figura de linguagem aqui usada pelo autor sagrado é extraída dos capítulos dois a cinco do livro de Enoque, onde se faz o contraste entre os fenômenos constantes da natureza e a instabilidade dos homens, que se mostram imprevisíveis. Os homens não são «constantes» nos mandamentos do Senhor. Porém, apesar da figura de linguagem ter sido tomada por empréstimo do livro de Enoque (com uma aplicação diferente), o significado é o de Pro. 15:14, que diz: «Como nuvens e ventos que não trazem chuva, assim é o homem que se gaba de dádivas que não fez». (Isso pode ser confrontado com II Ped. 2:17, onde se lê sobre «fontes sem água», o que certamente é uma adaptação da idéia que encontramos aqui).

«...impelidas pelos ventos...» As nuvens se reúnem formando uma massa; prometem a mui necessária chuva. Mas eis que vem um vendaval e as dispersa rapidamente, e nenhuma chuva cai. Assim também sucedia com os gnósticos, em suas pretensões, os quais prometiam vida eterna e bem-estar a seus seguidores, embora suas promessas fossem vazias, secas e estéreis. Praticavam apenas o engodo; sua conduta era traiçoeira. «Dos mestres esperamos a chuva benfícida da doutrina e do exemplo: mas esses homens erram como nuvens que não dão chuva e somente escondem o sol». (Bigg, *in loc.*)

«...árvores em plena estação dos frutos...» Eram aqueles mestres quais árvores que poderiam ter fruto, mas que se secava antes de provir dali qualquer bem. Eram «árvores infrutíferas no fim do outono», cuja estação produtiva viera e se fora sem qualquer resultado positivo. Por ocasião da estação da «colheita», no outono, quando os homens saem para apanhar frutos, estavam tais árvores inteiramente despidas de seu fruto, pelo que eram árvores completamente sem valor. Tal como na metáfora anterior, é salientada a idéia da «expectação desapontada». O grego original diz aqui *phthinoporinos*, vocábulo derivado de «phthino», «desperdiçar», e de «opora», «outono». Eram «árvores outonais» que deveriam estar carregadas de frutas, mas que, na realidade, estavam despidas delas. Eram «infrutíferas», por natureza.

Algumas árvores produzem fruto no outono, sendo esse o tempo de ficarem elas carregadas. Outras árvores dão fruto em período anterior, pelo que, no outono, elas estão despidas de fruto e parecem mortas. Não há certeza sobre qual figura de linguagem o autor sagrado queria que compreendêssemos. Seja como for, no outono, essas árvores estavam sem fruto, sem importar se alguém esperava ou não encontrar fruto nelas naquela estação do ano.

«...desprovidas...» No grego temos apenas «akarpa», «infrutíferas». Os homens pensavam em encontrar naqueles mestres fruto espiritual em abundância; no entanto, tinham de afastar-se desapontados. Nada obtinham naqueles mestres falsos, porquanto estes nada mostravam da

13 κύματα ἄγρια θαλάσσης ἐπαφρίζοντα τὰς ἑαυτῶν αἰσχύνas, ἀστέρες πλανῆται οἷς ὁ ζόφος τοῦ σκότους εἰς αἰῶνα τετῆρηται.

13: ondas furiosas do mar, espumando as suas próprias torpezas; estrelas errantes, para as quais tem sido reservado para sempre o negrume das trevas.

«...ondas bravias do mar...» As ondas bravias são traiçoeiras, destruindo e espalhando sujidades, mas também representam a instabilidade. (Isso pode ser comparado com Tia. 1:6: «...pois o que duvida é semelhante à onda do mar, impelida e agitada pelo vento». Os falsos mestres não têm fé firme, que possa ser aprovada por Deus, mas vivem em constante agitação, tornando-se destruidores).

«Mas os perversos são como o mar agitado, que não se pode aquietar, cujas águas lançam de si lama e lodo. Para os perversos, diz o meu Deus, não há paz» (Isa. 57:20,21).

«...espumam as suas próprias sujidades...» A turbulência e agitação dos falsos mestres resulta no fato que propalam atos e palavras impuros, a imundícia da carne, atos desonrosos, tal como a força das ondas sobre uma praia faz espumar toda a espécie de imundície.

«As duas ilustrações anteriores, os escolhos e as nuvens, referem-se à profissão falsa dos libertinos e o engodo que provocam; e a terceira ilustração, a das árvores mortas, salienta a condição miserável deles; a quarta e a quinta fornecem-nos excelente descrição de sua impiedade e falta de vergonha, bem como seu destino eventual. A frase 'agria kumata' (ondas bravias) encontra-se em Sabedoria xiv. 1. A palavra rara, 'epaphridzo' (espumar) é usada acerca do mar, em Mosco v.5. Refere-se à vegetação

magnificência de Cristo, o qual é nossa vida; pelo contrário, degradavam de Cristo, substituindo-o por muitos «aeons», muitos pequenos deuses, salvadores e mediadores. Assim sendo, nada mostravam do exemplo de Cristo, nem o tinham como o seu grande alvo (ver Heb. 2:10; Efé. 1:23; Rom. 8:29; II Cor. 3:18; Col. 1:6 acerca de Cristo como o «Alfa e o Ômega» da criação).

«...duplamente mortas...» Essa expressão tem provocado várias interpretações da parte dos estudiosos, a saber:

1. Eles são infrutíferos e *parecem* mortos, como uma árvore no fim do outono ou do inverno. É como se o sinal da morte tivesse aparecido neles. Na realidade, porém, estavam «realmente» mortos, e não só na aparência. E assim a «segunda morte» já transparecia neles. Esta interpretação tem a vantagem de preservar o estrito simbolismo da *árvore frutífera*, que é estéril; mas a maior parte dos intérpretes se sente justificada por não limitar-se à sugestão da metáfora da «árvore».

2. Talvez esteja subentendido que, antes de professarem a Cristo, estavam «mortos», em transgressões e pecados (a primeira morte). Desde que o professaram, visto não se terem verdadeiramente convertido, e estando agora na apostasia, estavam novamente «mortos», o que seria uma confirmação da primeira morte. Essa interpretação salienta que estão realmente mortos agora, tendo abandonado o único meio de vida.

3. O autor sagrado talvez queira dizer que antes estavam espiritualmente mortos, antes de sua conversão, tendo recebido vida verdadeira, em Cristo, por ocasião de sua conversão; subseqüentemente, porém, na apostasia, eles tinham abandonado essa vida, morrendo novamente.

4. É certo, pelo menos, que o autor sagrado está descrevendo o fim natural dos apóstatas. (Ver Heb. 6:4-6; 10:26,27; Apo. 20:14,15 e 21:8 quanto a idéias paralelas, embora com o uso de outros termos). Quando abandonam a Cristo, «morrem», embora, de certa feita, tenham realmente vivido. Essa «primeira morte» é seguida pela «segunda morte», a do julgamento eterno (ver Apo. 20:14). A segunda morte é o resultado da primeira, a qual é causada pela rejeição a Cristo. Aqueles que rejeitam a vida de Cristo, estando mortos, entram no ambiente da morte espiritual. (Ver Col. 3:6 quanto ao significado da morte e do juízo espiritual). Essa morte consiste essencialmente de ser o indivíduo barrado do verdadeiro destino do homem, o qual é a participação no próprio «tipo de vida» de Deus, ou seja, a participação em sua natureza e atributos. Esse é o verdadeiro alvo do homem; e, se chegar a falhar nisso, então tornar-se-á espiritualmente morto; sem importar o que Deus, em sua misericórdia, faça por ele. (Ver II Ped. 1:4; Col. 2:10; II Cor. 3:18 quanto a esses conceitos).

5. Alguns pensam que essas palavras são adverbiais, como se dissessem que eles estão *completamente* mortos, «duplamente mortos», realmente mortos nos seus pecados, porque têm abandonado a Cristo, a origem de toda a vida real.

«...desarraigadas...» Tais árvores estavam mortas; ocupavam o espaço inutilmente. Tinham de ser arrancadas. Isso pode ser comparado com a metáfora usada por Jesus, acerca da vinha e dos ramos. Aqueles ramos que perdem o contacto vital com a vinha, que dá a seiva de vida, logo se ressecam e morrem. Então são cortados e lançados no fogo (ver João 15:1-6). Permanecer na vinha dá vida; isso indica a comunhão mística com Cristo, mediante o Espírito Santo, o qual nos infunde a vida divina. Cristo é a raiz que confere vida à árvore. Mas o tronco deve ter conexão vital com o ramo.

Variante Textual. As palavras «festas de amor» figuram nos mss Aleph, ABKL, na maioria dos manuscritos minúsculos, na Vg, no Cóp(sa,bo), no Si(h,gr), no Ara, no Etí e nos escritos de Efraem, Lúçifer, Agostinho e Paládio. Ao invés disso, o termo «apatais» (semelhante à forma daqueles manuscritos, «agapais»), nos mss 82, 378, 460, que não têm qualquer autoridade. Essa segunda forma significa «em seu engodo» (eles se banqueteariam juntos em seu engodo, em seus desejos enganadores, em seus prazeres). Tal forma acompanha a forma mais proeminente de II Ped. 2:13, onde aparece o mesmo intercâmbio das duas palavras, sendo provável que vários escribas quisessem imitar aquela passagem. E os mss 6 e 224(c) traz ainda outra modificação, a saber, «euochiais», ou seja, «festas», «banquetes». Mas isso também não representa qualquer autoridade.

13 κύματα...αἰσχύνas Is 57.20 οἷς...τετῆρηται 2 Pe 2.17

13 ἐπαφρίζοντα] ἀπαφρ- 33 al

marinha e outros restos trazidos pelas ondas e lançados nas praias, com o que se compara a produção abundante da impiedade (ver Sal. 17:4), ao mesmo tempo que tais indivíduos transformam a graça de Deus em uma capa para sua licenciosidade (ver o quarto versículo). (Mayer, *in loc.*)

«...estrelas errantes...» O autor sagrado se refere a uma crença dos antigos, segundo a qual os «planetas» (palavra essa que significa «vagabundos») seriam estrelas que errariam pelo firmamento, pois, contrariamente às demais estrelas, estariam em movimento, mudando constantemente de posição. Não tinham consciência que os planetas não têm luz própria, estando em órbita ao redor do sol, o que explica seu percurso pelo firmamento. Os antigos, por misturarem a angelologia e a astrologia com sua incipiente e errônea astronomia, supunham que as estrelas fossem os corpos físicos de grandes seres espirituais, ou, então, os lugares onde habitavam esses seres. As «estrelas errantes» (planetas) seriam esses seres espirituais, ou mesmo seus lugares de habitação, que se teriam tornado culpado de agir contrariamente à ordenança de Deus, passando a errar pelo firmamento. O trecho de Enoque 18:12-16, que reflete essa crença, fala sobre o julgamento dessas estrelas (seres angelicais), devido a esse tipo de curso errante. «E para além do abismo vi um lugar que não tinha firmamento nos céus acima, e nem terra firmemente fixada abaixo... era um lugar desértico horrível. Vi ali sete estrelas, como grandes montanhas em fogo, e quando interroguéi a respeito, o anjo me disse: 'Este lugar é o fim dos céus e da terra: tornou-se uma prisão para as estrelas... E

as estrelas que rolam por sobre o fogo são aquelas que transgridem os mandamentos do Senhor no começo de seu surgimento, porque não surgem no tempo determinado.

Judas faz aqui alguma modificação, pois, em lugar do fogo, ele fala sobre a comum expressão judaica *trevas inferiores*, uma alusão ao *hades*, as regiões obscuras debaixo da terra, que servem de prisão para as almas perdidas, angélicas ou humanas. Algumas pessoas se surpreendem ao ver essa astronomia errônea, misturada com conceitos astrológicos e angelológicos, nas Escrituras Sagradas, desculpando-as e dizendo que o próprio autor sagrado não cria em tais tolices, mas tão-somente as usou como base da expressão de suas idéias ou como linguagem simbólica. Mui provavelmente, porém, o autor sagrado realmente cria em tais idéias, tendo-as empregado para finalidades espirituais. Seja como for, a questão não é importante. Ele ensina verdades espirituais, sem importar os defeitos de sua ciência e de sua metafísica. Não obstante, foi devido ao uso desse material que antigos pais da igreja, melhor informados cientificamente e metafisicamente, não permitiram que esta epístola de Judas ocupasse lugar no «cânon» das Escrituras. No entanto, não nos devemos preocupar exageradamente acerca dos «veículos» de expressão, pois um homem naturalmente reflete as crenças de sua época. O que importa é a verdade espiritual assim transmitida. Neste caso, a verdade é que os falsos mestres que se afastam das linhas estabelecidas por Deus, e fazem do próprio «eu» seu deus e guia, não podem escapar a um severo julgamento.

O trecho de Isa. 14:12 encerra uma alusão ao pecado dos planetas. Tal passagem compara Satanás, o filho da manhã, com a estrela da manhã, Vênus, porquanto o diabo caiu devido ao orgulho, e, tal como um planeta, afastou-se da órbita divina.

«...negridão das trevas...» As estrelas errantes, por terem desafiado a ordem estabelecida por Deus, por terem rejeitado sua autoridade, ao invés de terminarem em fogo (conforme diz a passagem de Enoque, acima citada,

V. A Profecia Inspirada Descrevera aos Falsos Mestres e seu Julgamento (Vss. 14-16)

Os leitores originais de Judas são ensinados que a apostasia não é nenhuma novidade (ver os versículos quinto a sétimo). Portanto, não deveria surpreender a ninguém, se surgem agora apóstatas (ver o oitavo versículo). De fato, cumpre-nos esperar pelo surgimento dos mesmos, porque isso foi predito acerca de nossos tempos. O livro apócrifo de Enoque (que o autor sagrado, ao que parece, considerava inspirado) prediz acerca do aparecimento dos apóstatas, falando ainda sobre as condições e sobre o juízo necessário dos mesmos.

Notemos que o autor sagrado não hesita em usar os escritos pseudo-epígrafes do A.T., crendo, obviamente, que pelo menos o livro de Enoque era inspirado. E ele já usara uma parte do antigo livro apócrifo *assunção de Moisés* (ver o nono versículo), pelo que deveria ter simpatia por vários dos livros pseudepígrafes. (Ver as notas expositivas sobre o nono versículo desta epístola, acerca dessa questão, onde há uma lista dos mais bem conhecidos dentre esses livros). Não nos devemos olvidar que somente os judeus da Palestina rejeitavam os livros apócrifos e outras obras místicas e escritos apocalípticos. A comunidade judaica da dispersão sempre incluiu os livros «apócrifos» em seu A.T., o que se vê na versão da Septuaginta, até mesmo nas versões impressas modernas, a qual inclui catorze livros apócrifos. Os crentes que viviam fora da Palestina, porquanto adotavam o A.T. grego, naturalmente possuíam e usaram tais livros; e as epístolas católicas — Tiago, II Pedro e Judas — não hesitam em incorporar algumas das idéias dos mesmos, aludindo a eles ou citando indiretamente alguns de seus dizeres. E a mesma coisa fizeram com alguns livros «pseudepígrafes».

Na passagem à nossa frente, Judas extrai seu material dos trechos de *Enoque* 1:9; 5:4; 27:2; 60:8 e 93:2. Algo similar se acha em Jubileus 7:38,39, que era outro livro da mesma classe. Por causa da incorporação de tal material nesta epístola de Judas, alguns dos primeiros pais da igreja a rejeitavam como canônica. Eusébio criticou de Alexandria devido ao uso de livros «disputados», como alguns dos livros apócrifos do A.T., Sabedoria de Salomão, etc., além de obras apócrifas do N.T., como as epístolas de Barnabé e de Judas. Isso nos mostra, pois, o que Eusébio pensava sobre a questão. (Ver sobre isso sua «História Eclesiástica» II.23.24,24). Entretanto, sempre houve certa tendência de ver com bons olhos o livro de Enoque, conforme se vê nos escritos de Jerônimo, por ter sido usado nesta epístola de Judas. Jerônimo aceitava tanto Enoque como esta epístola como livros inspirados. Todavia, essa atitude não era geral, pelo que foi somente já perto do fim do século IV d.C. que esta epístola veio a fazer parte do «cânon», e mesmo isso se tornou motivo de disputa, em certos segmentos da igreja cristã. (ver a seção I da introdução, sobre a «Confirmação Antiga» desta epístola de Judas, que traça a história de seu uso e de sua canonicidade, na igreja cristã primitiva).

14 Προεφήτευσεν δὲ καὶ τούτοις ἑβδομος ἀπὸ Ἀδὰμ Ἐνώχ λέγων, Ἴδού ἦλθεν κύριος ἐν ἀγίαις μυριάσιν αὐτοῦ, 14 ἑβδομος... Ἐνώχ En 60.8 ἦλθεν... αὐτοῦ Dt 33.2; Zeh 14.5; Mt 25.31 14-15 ἦλθεν... ἀρεβείν En 1.9

14 Εποφ. B*(N); K} Προφ. tell 5

14: Para estes também profetizou Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que veio o Senhor com seus milhares de santos,

«...profetizou Enoque...» Há dois livros antigos de nome *Enoque*, embora ambos sejam apocalípticos e post-vetotestamentários em seu caráter. Ambos narram as viagens de Enoque, por orientação divina, pela terra inteira e pelos sete céus, mediante o que lhes foram dadas revelações divinas sobre os mistérios dos céus e da terra, a fim de que ele, por sua vez, os revelasse à humanidade. O livro mais antigo e mais volumoso, usualmente intitulado I Enoque foi de autoria conjunta, tendo sido escrito na Palestina, provavelmente em aramaico, entre o terceiro e o primeiro séculos A.C., tendo sido preservado em sua totalidade somente em sua tradução etíope, embora alguns fragmentos da tradução grega também existam até hoje. II Enoque provavelmente foi escrito no Egito, em grego, durante a primeira metade do século I D.C. Tem sobrevivido somente na sua tradução eslavônica. O autor sagrado desta epístola valeu-se do primeiro desses dois livros.

Enoque, o personagem histórico, foi o sétimo dos patriarcas antediluvianos, conforme se vê no quinto capítulo do livro de Gênesis. O registro bíblico mostra-nos que ele viveu por trezentos e sessenta e cinco anos, tendo sido homem especialmente piedoso, porquanto «andava com Deus», até que finalmente foi «arrebatado», sem ter experimentado a morte física. Foi apenas natural, portanto, que alguns livros místicos tivessem sido escritos acerca das contemplações de tal personagem.

«...eis que veio o Senhor entre suas santas miríades...» Os anjos são

e que é seguida de maneira geral), são confinadas ao obscuro mundo exterior, abaixo da superfície da terra, o «sheol» ou *hades*. Provavelmente a alteração feita, naquilo que diz o livro de Enoque, não foi arbitrária, mas tornou-se a base do trecho de Isa. 14:9-15, acerca de Lúcifer, a «estrela da manhã», o qual, devido à sua altivez, desceu ao «sheol», ao «recesso do abismo».

Os mestres são apresentados como «luzes» no mundo (ver Fil. 2:14,15; Mat. 5:14-16; 6:23; Luc. 16:8 e João 5:35). Aqueles que se recusam a operar assim, espalhando trevas, ao invés de luz, merecem o juízo das trevas exteriores, porquanto isso se adapta a seu caráter. Judas advertia que a apostasia haverá de incluir, finalmente, um julgamento amargo. As «estrelas» erravam; os apóstatas são vagabundos espirituais, que não guiam outros a nenhuma pátria certa, a nenhuma vitória espiritual, a nenhum triunfo moral, e nem à salvação final. Pelo contrário, são «estrelas caídas», as quais, tendo-se destacado da ordem determinada por Deus, finalmente deixam sua luz e a luz de seu universo e chegam a ser lançados na prisão das trevas. O simbolismo é muito vívido e instrutivo, embora com base em algumas idéias astronômicas simples e errôneas.

As interpretações que pensam que essas «estrelas» seriam «cometas» ou «estrelas cadentes» (meteoritos) se originaram da ignorância dos antigos, os quais denominavam os planetas de «estrelas errantes», e esse é o sentido inerente ao vocábulo «planeta». O termo grego «planao» significa «errar», «vaguear». Bengel, entretanto, leva muito longe o simbolismo do termo «planeta», supondo que o autor sagrado sabia que os planetas não têm luz própria, pelo que não são, realmente, corpos luminosos, mas antes, tomam por empréstimo a luz que refletem. E isso seria excelente aplicação aos falsos mestres, os quais não possuem luz própria. Todavia, tal explicação é um refinamento exagerado do texto, porquanto dificilmente teria estado na mente do autor sagrado.

V. A Profecia Inspirada Descrevera aos Falsos Mestres e seu Julgamento (Vss. 14-16)

Os leitores originais de Judas são ensinados que a apostasia não é nenhuma novidade (ver os versículos quinto a sétimo). Portanto, não deveria surpreender a ninguém, se surgem agora apóstatas (ver o oitavo versículo). De fato, cumpre-nos esperar pelo surgimento dos mesmos, porque isso foi predito acerca de nossos tempos. O livro apócrifo de Enoque (que o autor sagrado, ao que parece, considerava inspirado) prediz acerca do aparecimento dos apóstatas, falando ainda sobre as condições e sobre o juízo necessário dos mesmos.

Notemos que o autor sagrado não hesita em usar os escritos pseudo-epígrafes do A.T., crendo, obviamente, que pelo menos o livro de Enoque era inspirado. E ele já usara uma parte do antigo livro apócrifo *assunção de Moisés* (ver o nono versículo), pelo que deveria ter simpatia por vários dos livros pseudepígrafes. (Ver as notas expositivas sobre o nono versículo desta epístola, acerca dessa questão, onde há uma lista dos mais bem conhecidos dentre esses livros). Não nos devemos olvidar que somente os judeus da Palestina rejeitavam os livros apócrifos e outras obras místicas e escritos apocalípticos. A comunidade judaica da dispersão sempre incluiu os livros «apócrifos» em seu A.T., o que se vê na versão da Septuaginta, até mesmo nas versões impressas modernas, a qual inclui catorze livros apócrifos. Os crentes que viviam fora da Palestina, porquanto adotavam o A.T. grego, naturalmente possuíam e usaram tais livros; e as epístolas católicas — Tiago, II Pedro e Judas — não hesitam em incorporar algumas das idéias dos mesmos, aludindo a eles ou citando indiretamente alguns de seus dizeres. E a mesma coisa fizeram com alguns livros «pseudepígrafes».

Na passagem à nossa frente, Judas extrai seu material dos trechos de *Enoque* 1:9; 5:4; 27:2; 60:8 e 93:2. Algo similar se acha em Jubileus 7:38,39, que era outro livro da mesma classe. Por causa da incorporação de tal material nesta epístola de Judas, alguns dos primeiros pais da igreja a rejeitavam como canônica. Eusébio criticou de Alexandria devido ao uso de livros «disputados», como alguns dos livros apócrifos do A.T., Sabedoria de Salomão, etc., além de obras apócrifas do N.T., como as epístolas de Barnabé e de Judas. Isso nos mostra, pois, o que Eusébio pensava sobre a questão. (Ver sobre isso sua «História Eclesiástica» II.23.24,24). Entretanto, sempre houve certa tendência de ver com bons olhos o livro de Enoque, conforme se vê nos escritos de Jerônimo, por ter sido usado nesta epístola de Judas. Jerônimo aceitava tanto Enoque como esta epístola como livros inspirados. Todavia, essa atitude não era geral, pelo que foi somente já perto do fim do século IV d.C. que esta epístola veio a fazer parte do «cânon», e mesmo isso se tornou motivo de disputa, em certos segmentos da igreja cristã. (ver a seção I da introdução, sobre a «Confirmação Antiga» desta epístola de Judas, que traça a história de seu uso e de sua canonicidade, na igreja cristã primitiva).

14 Προεφήτευσεν δὲ καὶ τούτοις ἑβδομος ἀπὸ Ἀδὰμ Ἐνώχ λέγων, Ἴδού ἦλθεν κύριος ἐν ἀγίαις μυριάσιν αὐτοῦ, 14 ἑβδομος... Ἐνώχ En 60.8 ἦλθεν... αὐτοῦ Dt 33.2; Zeh 14.5; Mt 25.31 14-15 ἦλθεν... ἀρεβείν En 1.9

14 Εποφ. B*(N); K} Προφ. tell 5

14: Para estes também profetizou Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que veio o Senhor com seus milhares de santos,

«...profetizou Enoque...» Há dois livros antigos de nome *Enoque*, embora ambos sejam apocalípticos e post-vetotestamentários em seu caráter. Ambos narram as viagens de Enoque, por orientação divina, pela terra inteira e pelos sete céus, mediante o que lhes foram dadas revelações divinas sobre os mistérios dos céus e da terra, a fim de que ele, por sua vez, os revelasse à humanidade. O livro mais antigo e mais volumoso, usualmente intitulado I Enoque foi de autoria conjunta, tendo sido escrito na Palestina, provavelmente em aramaico, entre o terceiro e o primeiro séculos A.C., tendo sido preservado em sua totalidade somente em sua tradução etíope, embora alguns fragmentos da tradução grega também existam até hoje. II Enoque provavelmente foi escrito no Egito, em grego, durante a primeira metade do século I D.C. Tem sobrevivido somente na sua tradução eslavônica. O autor sagrado desta epístola valeu-se do primeiro desses dois livros.

Enoque, o personagem histórico, foi o sétimo dos patriarcas antediluvianos, conforme se vê no quinto capítulo do livro de Gênesis. O registro bíblico mostra-nos que ele viveu por trezentos e sessenta e cinco anos, tendo sido homem especialmente piedoso, porquanto «andava com Deus», até que finalmente foi «arrebatado», sem ter experimentado a morte física. Foi apenas natural, portanto, que alguns livros místicos tivessem sido escritos acerca das contemplações de tal personagem.

«...eis que veio o Senhor entre suas santas miríades...» Os anjos são retratados como instrumentos dos juízos divinos, acompanhamentos de ocorrências apocalípticas. O N.T. tem incorporado essa idéia também em outros lugares. (Ver Mat. 13:29,31; 24:31 e 25:31, bem como seus paralelos, nos demais evangelhos sinópticos). Os anjos farão a «colheita» na terra, recolhendo o trigo e queimando a palha. O trigo representa os verdadeiros discípulos, e a palha representa os ímpios. O trecho de II Tes. 1:7,8 também apresenta os anjos como poderes que Deus usará para julgar este mundo quando da «parousia» ou segundo advento de Cristo. (Ver Dan. 7:10 quanto a palavras similares à do presente versículo. Quanto a notas expositivas gerais sobre os «anjos», ver Luc. 4:10 e Atos 1:10).

«...miríades...» Literalmente, teríamos aqui «dez milhares»; mas há muitas dezenas de milhares de anjos. Essa palavra, entretanto, veio a designar a idéia de grande número, sem qualquer referência a algum número específico; e com esse significado é que tal palavra passou para outros idiomas. O grande número dos anjos visa aqui impressionar com a severidade e o poder da vinda de Cristo para julgar. O seu poder será irresistível. (Ver Apo. 19:11 quanto à sua vinda como «Juiz». Ver I Tes. 4:15 quanto à nota geral sobre a «parousia»).

«...sétimo depois de Adão...» O número «sete» tem significações místicas, significando perfeição e término de ciclos. Portanto, Enoque era «simadíssimo» (a piedade foi aperfeiçoada nele), tendo sido também profeta de acontecimentos apocalípticos e escatológicos, sobre o fim de um ciclo terreno e sobre o começo do estado eterno. O «sétimo mundo» é o reino de Deus, e Enoque foi o profeta especial a esse respeito. Nos escritos

rabínicos encontramos as seguintes palavras: «O número sete é o número mais sagrado de todos; Enoque foi o sétimo depois de Adão e andou com Deus; Moisés foi o sétimo depois de Abraão; Finéias foi o sétimo depois de Jacó, nosso progenitor, tal como Enoque foi o sétimo depois de Adão. E eles correspondem ao sétimo dia, que é o sábado, o dia de descanso. Cada sétima era é a mais importante». (Palavras citadas por Wetstein, pág. 737).

O próprio Enoque viveu tantos anos quantos são os dias do ano solar, a saber, trezentos e sessenta e cinco; e então foi arrebatado, pelo que até mesmo os seus anos de vida nesta terra falam do término perfeito de um

15 ποιῆσαι κρίσιν κατὰ πάντων καὶ ἐλέγξαι πᾶσαν ψυχὴν ——— περὶ πάντων τῶν ἔργων ἀσεβείας αὐτῶν ὧν ἡσέβησαν καὶ περὶ πάντων τῶν σκληρῶν ὧν ἐλάλησαν κατ' αὐτοῦ ἁμαρτωλοὶ ἀσεβεῖς.

15 παντας τ. ασεβεις] (Rom. 2. 9; 13. 1) πασαν ψυχην N⁵ 1852 sy^{ph} sa

15 ασεβειας αυτων] omi N^{al} sy^{ph}: omi ασεβ. C al dem |

σκληρων] add λογων N 1611 1739 al p vg(4) sy sa

15: para executar juízo sobre todos e convencer a todos os ímpios de todas as obras de impiedade, que impiamente cometeram, e de todas as duras palavras que ímpios pecadores contra ele proferiram.

«ímpios...» No grego é «asebes», «ímpios», forma privativa de «sebo», «adorar», «honrar». Os «ímpios», por conseguinte, são aqueles que não honram a Deus em suas vidas, mas antes, são profanos, ímpios e ateus em sua conduta, se não mesmo em suas teorias. Notemos como o autor sagrado usa, neste versículo, alguma variação desse vocábulo por quatro vezes, em formas adjetivada, nominal e verbal. Trata-se de um solene refrão do cântico de condenação, um tema reiterado cujo propósito é revelar a verdadeira natureza dos apóstatas e de todos os ímpios, que erram para longe de Deus e se incorporam na revolta encabeçada por Satanás.

«...para exercer juízo...» Não admira, por conseguinte, que o julgamento necessariamente recairá contra os tais, porque todos os seres humanos são moralmente responsáveis diante de Deus. Ele lhes conferiu a vida e a potencialidade para receberem a vida eterna. No entanto, tais indivíduos têm repellido zombeteiramente todas as suas dádivas, preferindo praticar a maldade, falar com insolência, e atacar ao próprio Deus.

«...obras ímpias...» Indivíduos ímpios e profanos mui naturalmente se expressam através de feitos da mais abjeta imoralidade. Tal como as estrelas errantes, por não desfrutarem da orientação divina, e visto que fizeram do próprio «eu» o seu «deus», representam, neste mundo, o espírito da serpente.

«...impiamente praticaram...» Eles agem em perfeita consonância com sua ímpia natureza. Alguns talvez se digam ser anjos de luz, mas seus atos e suas palavras os traem, finalmente. «Os quais viveram praticando a impiedade, de vil maneira, publicamente e em desafio contra os céus, com consciência cauterizada». (John Gill, *in loc.*).

«...palavras insolentes...» No grego temos «skleros», «duro», «cruel», «áspero», «sem dó». Essas palavras foram tomadas por empréstimo de Enoque xxvii. 2. Tais indivíduos não cumprem a lei do Senhor, mas zombam e amaldiçoam, proferindo palavras caluniadoras, com bocas impuras, voltando-se contra a grandeza de Deus e de tudo quanto é bom. Pervertem, pois, a faculdade da fala, transformando-a em uma maldição, e não em uma bênção. (Quanto a notas expositivas completas sobre o «uso apropriado da língua», que podem ser usadas como ilustração deste

16 Οἱ τοὶ εἰσιν γογγυσταί,^a μεμψίμοιροι,^a κατὰ τὰς ἐπιθυμίας ἐαυτῶν πορευόμενοι, καὶ τὸ στόμα αὐτῶν λαλεῖ ὑπέρογκα, θαυμάζοντες πρόσωπα ὠφελείας χάριν.

^a 16 d minor, d minor: TR WH AV RV ASV RSV (NEB) (TT) (Luth) Jer // d none, d minor: Bov Nes BF² // d minor, d none: Zür Seg

16 (γογγυσταί, ε ρ)

16: Estes são murmuradores, queixosos, andando segundo as suas concupiscências; e a sua boca diz coisas muito arrogantes, adúltero pessoas por causa do interesse.

«...murmuradores...» No grego, essa palavra é «goggustes», palavra usada em forma nominal somente aqui, em todo o N.T., dotada de um sentido original que indica o «arrulho» dos pombos. Veio a indicar a «murmuração» dos homens, ou seja, suas «queixas» e «muchiachos». Também indica «sussurro», palavras secretas e insidiosas. (Ver a forma verbal da palavra usada em Mat. 20:11). Os trabalhadores, que imaginaram merecer maior salário que o de seus companheiros, murmuraram contra o senhor da casa. (Ver também Luc. 5:30; João 6:41-43; 7:32). Alguns indivíduos murmuraram contra Jesus, devido às suas reivindicações. A passagem de I Cor. 10:10 usa essa palavra para indicar as murmurações e queixas do povo de Israel, no deserto. Tal uso subentende, tal como neste ponto, insubordinação, rejeição de autoridade e um espírito malicioso e descontente. A conspiração secreta e as queixas secretas foram armas usadas pelos mestres gnósticos. O povo de Israel também murmurou contra Deus (ver Êxo. 15:24; 17:3; Núm. 14:29), e aqueles falsos mestres eram seus filhos espirituais. Sentiam-se descontentes com o evangelho pregado pelos apóstolos; procuravam subvertê-lo. Os falsos irmãos, pois, murmuravam contra a autoridade apostólica na igreja, degradando os representantes legítimos dos apóstolos, que perpetuavam a tradição apostólica no cristianismo primitivo. Temos aqui uma descrição do abuso da linguagem, o que é comentado nas notas expositivas sobre o versículo anterior.

«...descontentes...» Os falsos mestres eram indivíduos magoados, infelizes ante a natureza da igreja, em sua doutrina e autoridade. E então se lançavam à tentativa de modificar tudo isso; e assim fazendo introduziam um falso «evangelho», prodigiosamente destruidor. No dizer de Bigg (*in loc.*): «...eram recalitrantes e queixavam-se contra a autoridade». (Isso pode ser comparado com o que diz o oitavo versículo deste capítulo). Desprezavam às autoridades celestiais, pelo que não admira que se opusessem também às autoridades terrenas. Estando fora de sintonia com Deus, em seus corações, estavam fora de sintonia com todo o seu

ciclo. «O sétimo depois de Adão, Enoque, agradou a Deus e foi arrebatado, tal como haverá um sétimo dia de descanso, em que todos serão arrebatados, os quais, durante o sexto dia da história do mundo foram novamente criados pela Palavra encarnada». (Agostinho, em resposta a Fausto, o Maniqueu, xii.xiv).

Enoque é o personagem simbólico dos crentes arrebatados, pois ele foi retirado desta cena ímpia, tendo assim escapado da morte, entrando na glória, nos lugares celestiais. (As notas expositivas sobre I Tes. 4:15 discutem a questão inteira da «parousia»).

elemento do presente versículo, ver Col. 3:17 e Efê. 4:29).

«Falar é fácil». Palavras, palavras, nada mais que meras palavras. 'Ele é apenas um paroleiro'. Essas afirmativas ilustram uma comum depreciação da importância de nossas palavras. Porém, haverá alguma coisa no mundo mais potente em favor do bem ou do mal do que as palavras? A fala é a faculdade que distingue o homem dos animais irracionais. É o veículo da personalidade. A autoconsciência se manifesta exclusivamente pela faculdade da fala. O pensamento é impossível sem as palavras, que contêm as idéias. As ações são antecipadas pelo pensamento. É conforme diz Heine, 'O pensamento procede as ações, assim como o raio precede ao trovão'. Mas o pensamento é impulsionado por sugestões verbais. Toda a cooperação entre os seres humanos depende, para seu sucesso, da comunicação verbal. A solidariedade cultural de um grupo se baseia sobre uma linguagem comum. O caráter é revelado pela linguagem que um homem emprega. '...porque a boca fala do que está cheio o coração' (Luc. 6:45). Portanto, Tiago não erra quando dá tanta ênfase à língua». (Easton, comentando sobre o trecho de Tia. 3:2).

«...proferiram contra ele...» Deus é o objeto real de sua linguagem dura e depravada. As conversações de um homem, o uso que faz da faculdade da fala, tudo tem implicações e conseqüências eternas. Por essa razão é que o Senhor Jesus ensinou que os homens darão contas até mesmo de suas palavras (ver Mat. 12:36). Portanto, quão sério é o uso da fala!

Os ímpios, com suas palavras impensadas, com sua constante prática da maldade, com seu abuso contra os outros, talvez não assediem diretamente a Deus; entretanto, ao degradarem e ao caluniarem a outros, que são criaturas de Deus, atacam a Deus. É conforme disse Lange (*in loc.*): «Embora não creiam que todas as suas malignas palavras alvejavam o Senhor». Não há que duvidar que o autor sagrado aludiu parcialmente à doutrina dos gnósticos, que degradava de Cristo e de Deus, mas que eles impingiam a outros como se fosse a «verdade». Reduziam Cristo Jesus a apenas um dos seus imaginários «aeons» ou pequenos deuses, a apenas um salvador e mediador entre muitos. Os mestres gnósticos, pois, tinham um conceito «deísta» de Deus, de acordo com o qual ele seria tão transcendental que só teria contacto com este mundo através da «emanação» que dele provinha, os «aeons». Blasfemavam de Deus com sua pregação e ensino, porquanto nada havia de hígido ou capaz de transmitir a vida eterna em suas palavras.

meio ambiente. Eram como bombas de dinamite prontas a explodir, como moscas no ungüento, como vermes no pão. A tudo consideravam errado, impondo a outros o que realmente era condenável por sua malignidade e falsidade.

«...andando segundo as suas paixões...» No grego temos «poreuo», que significa «viajar», «andar», «seguir o próprio caminho». A metáfora do «andar» é aqui usada. Nas páginas do N.T. usualmente é usado, nesses casos, o verbo «peripateo», que significa, mais especificamente, «andar». A metáfora do «andar» é de uso freqüente nos escritos seculares e sagrados. Isso aponta para o caráter geral da vida de alguém, tal como cada passo que damos, ao andar, é um elemento na jornada que tivermos de fazer. Ora, no ato de andar há um alvo, um propósito, um destino a ser atingido. (Quanto a notas expositivas completas sobre a metáfora do «andar», ver Gál. 5:16 e 25). Esse «andar» pode ser de conformidade com a carne e seus maus desejos; ou então pode ser de acordo com o Espírito Santo, isto é, em comunhão com o ser divino. O autor sagrado não nutria qualquer dúvida que os falsos mestres andavam de acordo com suas vis paixões e desejos perversos, e não de conformidade com o Espírito de Deus. Suas obras comprovavam essa certeza.

«Eles (os falsos mestres) eram murmuradores e descontentes porque estavam centralizados em si mesmos. Por essa mesma razão eram inteiramente impulsionados pelas suas paixões animais (comparar com os versículos quarto, oitavo, décimo e décimo oitavo). Faltava-lhes qualquer traço de humildade ou de espiritualidade». (Barnett, *in loc.*). As descrições existentes nesta epístola evidentemente foram tomadas por empréstimo do livro Assunção de Moisés. (Ver as notas expositivas sobre esse livro no nono versículo. Foram usados os trechos de Assunção de Moisés 5:5; 7:4,7,9).

«...paixões...» Esse termo traduz o vocábulo grego «epithumia», que pode significar qualquer tipo de «desejo» ou «anelo», de natureza negativa ou positiva. Com freqüência é usado para indicar as paixões corporais e as tendências para as perversões sexuais, sendo muito provável que esse seja o seu uso, no presente versículo, considerando-se o que sabemos acerca das imoralidades praticadas pelos mestres gnósticos. (Ver o sétimo versículo,

onde os falsos mestres são comparados aos habitantes de Sodoma e Gomorra. Por conseguinte, esses mestres falsos seguiam após «carne estranha», isto é, desejos sexuais depravados).

Menandro mostrou o tremendo poder dos desejos sexuais, quando o indivíduo não tem o domínio próprio conferido pelo Espírito Santo, ao dizer: «Uma jovem sem valor fez de mim um escravo, a mim, a quem nunca inimigo algum subjugou». A tirania do sexo é coisa horrível.

Epicteto forneceu algumas instruções acerca de como dominar os vícios. Ele aconselhava uma vitória gradual, em que o indivíduo se tornasse hoje menos iracundo do que ontem, percebendo a futilidade de um vício através do raciocínio. Disse ele: «Hoje, quando vi uma bela mulher, eu não disse para mim: Oxalá ela fosse minha!... pois aquele que assim declara também dirá 'Bem-aventurado o adúltero!' E nem imagino a cena seguinte: a mulher diante de mim, despiendo-se e reclinando-se a meu lado. Antes, afago minha própria cabeça e digo, 'Muito bem, Epicteto, refutaste uma linda falácia...' E ainda que a própria mulher, pobre coisa, estivesse desejosa, me fizesse acenos e até mesmo tocasse em mim e se acercasse, ainda assim eu manter-me-ia indiferente e seria vencedor... Isso é algo de que alguém pode realmente orgulhar-se... Como, pois, é que isso pode ser conseguido? Resolve agradar sempre ao teu verdadeiro eu, resolve ser nobre diante de Deus; que o teu grande desejo seja tornar-te puro na presença de teu próprio eu e de Deus». (Epicteto, *Manual* 28).

«...sua boca vive propalando grandes arrogâncias...» O autor retorna, uma vez mais (já pela terceira vez), aos pecados da língua. (Ver o décimo quinto versículo e acerca dos «murmúrios», na primeira porção deste versículo). Conforme diz a versão inglesa RSV, aqui vertida para o português: «...jactanciosos de boca cheia...» Literalmente, o original grego significa «superinchados». Aqueles indivíduos viviam inchados ante a ideia de sua própria importância, e suas palavras refletiam seu estado desnatural, fazendo reivindicações exageradas acerca de si mesmos e de suas doutrinas heréticas. A insolência se fazia presente em tudo quanto afirmavam; julgavam-se melhores que as outras pessoas, como também mais sábios e espirituais que seus semelhantes. Eram eles os «gnósticos», aqueles que «sabiam». Eram eles os «pneumáticos», os verdadeiramente «espirituais», ao passo que os outros homens seriam os «hílicos» ou «terrenos», incapazes da salvação, condenados à destruição certa. Chegavam mesmo a jactar-se contra os apóstolos de Cristo e seus seguidores, e os desprezavam como se fossem inúteis. Ver um texto com uma descrição similar, em Assunção de Moisés vii.21, de onde o autor sagrado provavelmente tomou por empréstimo essas palavras.

A passagem de II Ped. 2:18 incorpora essa porção da descrição de Judas: «...porquanto, proferindo palavras jactanciosas de vaidade, engodam com paixões carnis, por suas libertinagens, aqueles que estavam prestes a fugir dos que andam no erro...».

«...por motivos interesseiros...» Os falsos mestres faziam discursos

VI. Os apóstolos do Novo Testamento advertiram sobre eles (Vss. 17-19).

O autor sagrado já havia mostrado a seus leitores originais que não deveriam surpreender-se ante o fato que os falsos mestres tinham conseguido cabeças de ponte na igreja. A apostasia é um fenômeno antiqüíssimo: ocorre tanto no seio da igreja como no mundo em geral (ver os versículos cinco e sete), como até mesmo nos céus (ver o sexto versículo). Isso foi profetizado por santos antigos, como Enoque (ver o décimo quarto versículo), o que fora predito bem recentemente pelos próprios apóstolos de Cristo, os quais advertiram que os homens ímpios não deixariam de corromper a doutrina e a tradição cristãs. Nos últimos tempos, isto é, imediatamente antes da segunda vinda do Senhor, os apóstatas mostrar-se-ão prevalentes, os quais corromperão tanto a sua vida como a sua doutrina. Serão homens sensuais, despidos da influência do Espírito Santo.

Portanto, o autor sagrado fez um urgente apelo a seus leitores originais para que «contendessem pela fé» (ver o terceiro versículo e comparar com o vigésimo versículo). Ao assim fazer, ele não os exortava a fazer qualquer coisa que os próprios apóstolos não tinham previsto como algo que necessariamente ocorreria.

17 Ὑμεῖς δέ, ἀγαπητοί, μνήσθητε τῶν ῥημάτων τῶν προειρημένων ὑπὸ τῶν ἀποστόλων τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ.

17: Mas vós, amados, lembrai-vos das palavras que foram preditas pelos apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo;

«...Vós...» Devemos observar o pronome enfático. No grego. É como se o autor sagrado tivesse escrito: «Vós, meus leitores, é que precisais desta informação; precisais resistir firmes; vós é que precisais lembrar-vos da pureza da tradição apostólica, defendendo-a; e vós é que deveis censurar os falsos mestres, não mais lhes permitindo ter tal poder e liberdade na igreja (ver o décimo segundo versículo). Enquanto se banqueteiavam convosco, poluindo o 'agape' do Senhor, mostrai-vos por demais transigentes, permitindo-lhes qualquer coisa que queiram fazer. Cessai agora, e lembrai-vos do que os apóstolos vos ensinaram, e dedicai-vos à defesa da doutrina cristã».

«...amados...» (Ver o primeiro versículo). Os crentes para quem esta epístola foi dirigida eram «amados» de Deus e por seus líderes cristãos. No terceiro versículo, por igual modo, são assim chamados, o que se repete no vigésimo versículo. (Essa ideia é amplamente comentada no primeiro versículo, havendo comentários adicionais no terceiro versículo). Esse título é comumente aplicado a Cristo, da parte de Deus Pai; e também é aplicado aos homens, amados por Deus ou por outros homens. É usado por cerca de sessenta vezes nas epístolas do N.T. em uma ou outra categoria desses usos.

«...palavras anteriormente proferidas pelos apóstolos...» Estão em foco as advertências verbais e pessoais dos apóstolos, acerca dos falsos mestres e da apostasia, o que veio a tomar forma escrita em algumas passagens do N.T., como em Ato 29:28 e ss., nas epístolas pastorais e nas epístolas de João. As palavras dos apóstolos encerram a «fé» que de uma vez por todas foi dada aos santos; mas aquelas palavras também contêm advertências que avisam especificamente sobre o tempo em que seria rejeitada a sã doutrina, sendo

bombásticos a fim de impressionar às pessoas, para que pudessem extrair delas dinheiro e outras coisas valiosas. A «cobiça» dos gnósticos já fora mencionada no décimo primeiro versículo. Eram «gananciosos» como o fora Balaão, não hesitando em vender o evangelho de Cristo a fim de ganhar a vida, corrompendo outros e até mesmo encorajando a prática de coisas depravadas. O trecho de I Tim. 6:5 mostra que os falsos mestres supunham que a «piedade» significa obter lucro. Usavam seu ensinamento religioso e sua vida a fim de «lisonjear» a outros, a fim de receberem algo em troca, porquanto eram movidos por sentimentalismos religiosos que os levavam a orgulhar-se de si mesmos, o que lhes dava um bom conceito sobre si mesmos. Os falsos mestres não procuravam melhorar a vida moral dos outros, e nem transformá-los conforme a imagem moral de Cristo. Antes, esforçavam-se para que outros se sentissem bem como seus pecados, «oficializando» os seus pecados. Ensinavam que os outros agiam bem quando se entregavam às concupiscências e perversões, porque, conforme afirmavam, é mister que o homem tenha toda a espécie de «experiência», até mesmo perversas, a fim de aprender. Ora, o «aprendizado» seria «conhecimento», e esse conhecimento seria o meio de redenção. Até mesmo supunham que os anjos vinham ajudá-los e encorajá-los nas perversões que praticavam, poluindo-se a fim de obterem «experiências», e, por meio disso, o cobiçado «conhecimento».

Uma das mais fortes tentações por que passam todos os pregadores ou mestres é o de agradarem aos homens, tanto para que sejam «aceitos» por eles como a fim de que sejam «pagos» por eles, para que as dádivas recebidas sejam generosas. O povo geralmente retém suas ofertas em dinheiro nas igrejas onde o pregador é «impopular». E os pregadores «populares» geralmente são bem assalariados, o que tem enriquecido a alguns. Quando um homem se torna cobiçoso, o dinheiro é o seu «deus», ditando-lhe ordens. E dessa maneira chega a negar o «senhorio de Cristo». (Ver uma nota geral sobre a «cobiça», em Col. 3:5, que será útil como ilustração do presente versículo. Comparar também com II Ped. 3:3,14 quanto à «cobiça dos líderes gnósticos»).

Os falsos mestres eram líderes que não conduziam a parte alguma; tinham revertido os sinais indicativos do caminho. Eram destruidores, e não edificadores. «...lisonjeadores e parasitas» (Plummer, *in loc.*). «Tenho conhecido diversos ministros dessa natureza, e a todos eles recomendo que leiam o décimo sexto versículo da epístola de Judas». (Adam Clarke, *in loc.*).

«Apesar de proferirem grandes palavras bombásticas, na realidade são homens maldosos, que cortejam aqueles que possuem riquezas (materiais)». (Faucett, *in loc.*).

Este versículo talvez indique que os falsos mestres buscavam tornar-se benquistos de outros modos, sobretudo por pessoas influentes, em busca de vantagens pessoais e lucro financeiro; mas a vantagem financeira parece estar aqui em foco, acima de tudo.

17 2 Pe 3.2

sujeitos os ensinamentos cristãos a modificações para pior, feitas por indivíduos ímpios, inspirados por Satanás.

«Os zombadores são eficazmente refutados e condenados, quando se mostra que não estão de acordo com o ensinamento apostólico. As predições dos apóstolos apresentam as transmissões proféticas da verdade salvadora de Deus à igreja, constituindo a 'santíssima fé' de seus membros (ver o vigésimo versículo). O vocábulo grego 'rema' (aqui traduzido por 'palavras... proferidas') tem o sentido que também aparece em Rom. 10:8; Efé. 6:17; I Ped. 1:25 (comparar com a palavra 'logoi', em Apo. 17:7). Essa santíssima fé é uma coletânea de ensinamentos autorizados, cuja origem divina é exposta nas Escrituras e nas predições dos apóstolos. Para Judas o autor sagrado, essas predições tinham quase que a autoridade do conteúdo das Escrituras inspiradas». (Barnett, *in loc.*).

Alicerçados sobre atitudes assim é que os «apóstolos» falavam, com autoridade e inspiração, preparando o solo para o desenvolvimento do «cânon» do N.T. Já que as palavras dos apóstolos eram tão altamente respeitadas, foi apenas natural que, uma vez que foram reduzidas à forma de documentos escritos, fossem reputadas dotadas de igual autoridade espiritual que o A.T. (Quanto à formação do «cânon do N.T.» ver o artigo existente sobre esse tema na introdução ao comentário).

«...apóstolos...» (Quanto a uma lista dos «apóstolos», com breve descrição do que se sabe sobre cada um, ver Luc. 6:12. Quanto ao «apostolado», ver Mat. 10:1. Quanto ao uso mais lato do termo, incluindo líderes cristãos dotados de poderes e de autoridade especiais, além do círculo restrito dos «doze», ver Ato 14:4). Esta epístola de Judas é uma defesa da fé e da tradição apostólicas, mostrando que a igreja cristã estava firmemente baseada sobre seus ensinamentos originais.

Este versículo pode ser comparado ao trecho de II Ped. 3:1-3. É feito ali o

mesmo apelo em favor da «memória», para que fosse despertada a mente pura dos leitores originais, para que tivessem consciência do que ensinavam os apóstolos, do que eram os «mandamentos» relativos à santidade e à crença correta acerca de Cristo; e também para que, além dessas coisas, soubessem que, nos últimos dias, apareceriam «zombadores» que andariam segundo suas próprias concupiscências.

Notemos que ao falar sobre os «apóstolos», mas sem incluir-se no número dos mesmos, o autor sagrado não se declara ocupante do ofício apostólico, dando a entender que algum tempo já se passara desde que as predições aludidas foram feitas. Ele agora conclamava seus leitores para que se «lembrassem» dessas predições. (Ver a secção II da introdução a esta epístola, sob o título «autoria»). O autor sagrado evidentemente escreveu em nome de Judas, como uma honra a ele prestada, além de servir isso de meio de defesa da mensagem apostólica. Existem bons intérpretes, entretanto, que não percebem aqui nem defesa e nem negação do apostolado de Judas, como também não vêem qualquer distinção entre o próprio autor e Judas,

18 ὅτι ἔλεγον ὑμῖν ὅτι Ἐπ' ἐσχάτου [τοῦ] χρόνου ἔσονται ἐμπαῖκται κατὰ τὰς ἐαυτῶν ἐπιθυμίας πορευόμενοι τῶν ἀσεβειῶν.

18 εσονται] ελευσ- A 33 al lat 22, 23 ελεατε . . . φοβω] εκ πυρος

18: os quais vos diziam: Nos últimos tempos haverá escarnecedores, andando segundo as suas ímpias concupiscências.

«...No último tempo...» Essa expressão equivale a «último dia» e «últimos dias». O trecho de I Ped. 1:20 diz «últimos tempos». O paralelo na segunda epístola de Pedro diz «últimos dias». (Ver II Ped. 3:3). A expressão (ou expressões) é tomada por empréstimo da literatura escatológica judaica, que se referia ao tempo «imediatamente antes» do esperado advento do Messias, por algum tempo similar ou igual a «últimos dias». Os judeus dividiam o tempo em duas grandes divisões: os dias ou tempos antes do Messias, e os dias ou tempos depois do Messias. A porção final da primeira divisão era chamada «últimos dias», porquanto eram os últimos dias do primeiro grande ciclo. E os autores cristãos aproveitaram esse uso, embora aplicando-o ao «segundo advento» de Cristo ou «parousia» (o que é comentado nas notas expositivas sobre I Tes. 4:15). Por conseguinte, os «últimos dias» ou «último tempo» são expressões que se referem ao período imediatamente antes da segunda vinda de Cristo.

Os crentes do primeiro século de nossa era, e muitos do segundo, criam que a volta de Cristo a este mundo verificar-se-ia em seus próprios dias (o que é comentado em I Cor. 15:51). Para eles, por conseguinte, os «últimos dias» eram seus próprios dias. Acreditavam que viviam naqueles dias que antecederiam de imediato a vinda de Cristo de volta ao mundo. Mais tarde, no seio da igreja, quando se percebeu que a «era da graça» seria prolongada, o termo «últimos dias» passou a indicar uma época mais remota, e não necessariamente o próprio período de vida dos crentes antigos, e, sim, o período de tempo, ainda futuro, que antecederia imediatamente a «parousia» ou segunda volta de Cristo. Não é provável que o N.T. tenha empregado tal expressão nesse segundo sentido, entretanto, simplesmente porque os que o escreveram aguardavam a vinda de Cristo para sua própria época, pelo que, para eles, os seus próprios dias eram os «últimos dias». Creemos, entretanto, que nossa época é o «último tempo», e há um artigo, na introdução ao comentário, dedicado às questões e coisas que —esperamos ver cumpridas.

Há um sentido em que os «últimos dias» se referem à inteira «era da igreja», com base no N.T.; mas somente porque seus autores não faziam conceito de uma era da igreja que perduraria por tão longo tempo. Pensando que o ministério da igreja neste mundo seria breve, o termo «últimos dias» veio a indicar, para aqueles crentes primitivos, o período inteiro do ministério primitivo.

«...haverá escarnecedores...» No presente contexto não são focalizados ateus, os agnósticos, aqueles que ridicularizam de tudo quanto é religioso e espiritual. Antes, o autor sagrado atacava aos gnósticos «deístas», aqueles que degradavam de Cristo e não viam necessidade de vincularem a moralidade com a fé, a espiritualidade com a ética (ver os versículos quarto e décimo primeiro), os quais também zombavam da idéia do retorno e do juízo de Cristo (ver os versículos vinte e um e vinte e quatro, bem como o terceiro capítulo da segunda epístola de Pedro). O autor sagrado não

19 Οὗτοί εἰσιν οἱ ἀποδιορίζοντες, ψυχικοί, πνεῦμα

19: Estes são os que causam divisões; são sensuais, e não têm o Espírito.

«...promovem divisões...» (Ver o trecho de I João 2:19, que mostra que os mestres gnósticos provocavam cismas na igreja). Alguns gnósticos eram mais cristãos e menos gnósticos, mas havia aqueles que o eram ao contrário. Alguns deles continuavam no seio da igreja e provocavam problemas, conseguindo adeptos para suas idéias. Seja como for, causavam divisões, dissensões e desacordos entre os irmãos, solapando a fraternidade entre os crentes. Praticavam o egoísmo, ao invés de praticarem o amor cristão, odiavam, ao invés de usarem do espírito altruísta e reconciliador. Separavam-se da igreja, porque não queriam suportar o jugo da disciplina cristã. Na qualidade de indivíduos sensuais, dificilmente podiam suportar o jugo espiritual; odiando, dificilmente se submetiam ao amor e harmonia mútuos.

Variante Textual: As palavras «separam-se a si mesmos» aparecem no ms C, nos manuscritos minúsculos posteriores e na Vg latina. Mas os textos mais importantes, como P(72), Aleph, AB e até mesmo manuscritos unciais posteriores, como KLP, trazem o verbo em sentido absoluto, «separam-se», isto é, «causam divisões», idéia que aparece em nossa versão portuguesa.

«...sensuais...» O autor sagrado, nesta breve epístola, repetidamente frisa e ilustra a sensualidade dos mestres gnósticos. Entre eles, a imoralidade não era meramente permitida, mas também era a ética desejável e a prática

como, por semelhante modo, não vêem qualquer identificação entre os dois.

«...nosso Senhor Jesus Cristo...» (Quanto ao título completo de Cristo e seu «senhorio», ver Rom. 1:4). O uso desse título é muito significativo neste ponto. Em primeiro lugar, Jesus, o homem, também é o Cristo, havendo perfeita identificação de naturezas—a divina e a humana. Em segundo lugar, nessa combinação ou fusão de naturezas, a natureza divina foi infundida na humana; e isso subentende a realidade da encarnação, negando a teoria gnóstica da «posseção», a saber, que o *Espírito-Cristo* (um «aeon») teria tomado posse do corpo do homem Jesus de Nazaré, por algum tempo, embora em sentido algum se tenha encarnado. (Esse problema é discutido em I João 4:2,3). Além do fato que essa pessoa é «divina», também é «o Senhor». Mas os mestres gnósticos, ao dividirem a função medianeira entre muitos supostos «aeons», tão-somente destruíam, em seu próprio conceito, o senhorio de Cristo. Ele é o «nosso» Senhor, e isso em realidade, porquanto somos verdadeiros crentes, ao passo que os gnósticos não o conheciam como Salvador e Senhor.

18 Ἐπ'...ἀσεβειῶν 2 Pe 3:3

αρπαζετε, διακρ. δε ελεατε εν φ. syph sa CI Hier

atacava aqui aos materialistas, porquanto os gnósticos criam na existência de espíritos (os «aeons»), entidades espirituais superiores à alma humana. Mas seu sistema ridicularizava o cristianismo verdadeiro naquilo que este ensina. (Ver II Ped. 3:3 quanto a um paralelo desta passagem, sem dúvida copiado do texto presente, embora com algumas modificações. A secção V da introdução demonstra a dependência literária da segunda epístola de Pedro à presente epístola. Quanto a outros trechos bíblicos que falam sobre os «zombadores religiosos», ver Ato 2:13 e II Crô. 36:16, onde é sumariada a atitude dos judeus apóstatas acerca de seus próprios profetas).

«...andando segundo as suas ímpias paixões...» Temos aqui repetição de uma cláusula do décimo sexto versículo, com a exceção que a palavra «paixões», que ali figura, aqui é expandida para «ímpias paixões». Trata-se da mesma palavra usada por quatro vezes no décimo quinto versículo, em forma adjetival, nominal e verbal. Notemos a metáfora do «andar», explicado nas notas expositivas sobre o décimo sexto versículo. (Ver as notas gerais sobre a idéia desse tipo de «andar amoral», que caracterizava os gnósticos). A fé religiosa deles não entrava sua imoralidade, pelo que incorporava um falso evangelho. O evangelho nada será na vida de alguém, se não incluir o poder santificador. A santificação é necessária à salvação, porque ninguém pode chegar à «glorificação» sem aquela (ver II Tes. 2:13). A salvação conforme temos dito por várias vezes neste comentário, é como uma corrente de ouro. O elo que desce à terra, baixa até ao nível de maior degradação humana. O elo da santificação, porém, precisa ser agarrado pelo pecador salvo e posto em prática, sob pena de ficar invalidado o primeiro elo. E o terceiro elo atinge os lugares celestiais, o que é a glorificação. Não podemos subir pela corrente áurea da salvação deixando de lado o elo da santificação, mas só podemos fazê-lo por meio dele.

«Pensamos que temos de atingir certo grau de bondade antes de chegarmos a Deus. Porém, ele não diz: 'No fim do caminho me encontrareis'. Antes, diz: 'Eu sou o caminho; sou a estrada sob os teus pés, um caminho tão baixo quanto precise ser'. Se estivermos em um buraco, o Caminho começa nesse buraco. No momento em que voltamos a face na mesma direção da dele, estaremos andando com Deus». (Dorothy Berkeley Philipps, *The Choice is Always ours*, pág. 44).

Raabe é usada como lição objetiva espiritual no N.T. (ver Heb. 11:31 e Tia. 2:25), especificamente por causa do que ela fora antes, em contraste com o que a graça de Deus foi capaz de torná-la. Disso aprendemos que Deus tem poder de vencer o passado, transformando ex-pecadores em santos. Quando foi indagado: «De Nazaré pode sair alguma coisa boa?» (João 1:46), a resposta foi «Jesus». Por semelhante modo se pode perguntar: «Pode ser extraído algum bem de uma vida naufragada?» Raabe é a resposta a isso. A lição é que a graça de Deus chega onde estivermos. Não precisamos atingir certo nível de aceitabilidade perante Deus, para podermos receber sua graça. Por essa razão é que Raabe pode tornar-se uma heroína da fé. O fato que isso foi possível mostra-nos que todos estão sujeitos à justificação e à subsequente santificação, o que nos conduz à total transformação segundo a imagem moral do próprio Cristo.

μὴ ἔχοντες.

oficial. Abusavam do próprio corpo na suposição de que estavam ajudando o intuito do sistema do mundo, que seria o de destruir a matéria (pois, segundo o sistema deles, a matéria era a sede mesma do mal), da qual o corpo humano participa. Chegavam a imaginar, em sua loucura, que os anjos vinham encorajá-los na prática de todas as formas de depravação, a fim de «obterem experiência», e, por esse intermédio, «conhecimento», e, dessa maneira, a «salvação». Segundo eles, a salvação seria obtida mediante o conhecimento, razão pela qual se chamavam «gnósticos» (aqueles que «conhecem»; no grego, «conhecimento» é «gnosis»). Este versículo pode ser comparado aos versículos quatro, sete, oito, dez, doze, quinze, dezesseis e dezoito, todos os quais salientam, de um modo ou de outro, a profundidade da depravação moral dos falsos mestres gnósticos. (Ver Col. 2:18 quanto a uma nota expositiva completa sobre o «gnosticismo»).

O termo grego aqui traduzido por «sensuais», é «*psuchikos*», que pode ser transliterada por «psíquicos»; mas esse vocábulo, além de também ter o sentido possível de «pertencente à alma», também é usado em contraste com a idéia de «*pneumatikos*», ou seja, «espiritual». Nesses casos, significa «não-espiritual», ou seja, sensual, aquilo que tem vinculações com o «corpo físico», com aquilo que pertence estritamente ao mundo «natural», em contraste com o mundo espiritual e eterno. Os próprios gnósticos usavam o termo *hílaco* (no grego essa palavra significa *material*) para se referirem aos

homens imersos na matéria. A esses eles reputavam inteiramente incapazes de redenção, pois quando a matéria for destruída (o que seria o propósito mesmo do «cosmos»), seriam eles destruídos, tão forte era sua vinculação à matéria. Utilizando-se de um termo diferente, o autor sagrado chama os gnósticos de «hílicos». Aquilo que os gnósticos afirmavam desprezar, isso é o que eram, na realidade. Em sentido algum eram «pneumáticos», conforme se professavam ser. Os gnósticos usavam o termo *psíquico* para se referirem a indivíduos de espiritualidade inferior (como, por exemplo, segundo pensavam os profetas do A.T.), os quais obteriam uma redenção inferior; «através da fé», embora não pudessem atingir a redenção superior, que vem através do «conhecimento». O autor sagrado, contudo, não emprega dessa maneira o termo grego *psuchikos*. Ele não admitiu nunca que os gnósticos fossem espirituais em qualquer sentido, mas antes, eram totalmente «terrenos».

«...que não têm o Espírito...» Assim sendo, não eram «pneumáticos», conforme se afirmavam, pois não tinham em si mesmos o poder que transforma o indivíduo segundo a imagem moral de Cristo, o que o torna pessoa verdadeiramente espiritual. Os gnósticos dividiam os homens em três classes, a saber: 1. Os hílicos, que seriam homens terrenos, incapazes da redenção, o que envolveria a vasta maioria dos homens. 2. Os psíquicos, homens de baixa taxa de espiritualidade, sujeitos a uma forma inferior de redenção, mediante a fé. 3. Os pneumáticos, que seriam os verdadeiramente espirituais, sujeitos à redenção superior, que consistiria da absorção pelo divino, os quais conseguiriam tal facanha mediante o conhecimento. Os gnósticos imaginavam ser esses homens «pneumáticos». O autor sagrado, entretanto, chama-os de «hílicos» (embora empregue um termo diferente), negando peremptoriamente que fossem pneumáticos ou espirituais, pois não tinham o Espírito.

A ação do Espírito nos remidos consiste de transformá-los e espiritualizá-los, de forma que primeiramente venham a participar da natureza moral de Cristo (ver Gál. 5:22,23). Mediante essa operação é que chegam a ter sua natureza metafísica (ver II Cor. 3:18), e, portanto, a «divindade» (ver II Ped. 1:4) e «toda a plenitude de Deus» (ver Efé. 3:19 e Col. 2:10). Sem a presença do Espírito Santo, torna-se impossível esse VII. Os crentes verdadeiros triunfarão a despeito deles (Vss. 20-23).

Os gnósticos eram uma ameaça séria à igreja, mas o autor sagrado confiava que a grande obra espiritual iniciada nos crentes autênticos teria plena e apropriada fruição. Contudo, isso não sucede automaticamente, antes, requer diligência e disciplina, o que leva à edificação espiritual na fé, de maneira ativa, em nada deficiente no Espírito Santo (segundo sucedia aos mestres gnósticos). É mister que o crente se dedique à oração no Espírito, mantendo comunhão íntima com Cristo, recebendo suas palavras graciosas, que fomentam a inquirição espiritual. Deus ama aos crentes verdadeiros, estando pronto a fazer todo o possível em favor deles; os próprios crentes, entretanto, estão na obrigação de lançarem mão dos meios de desenvolvimento espiritual, para que se mantenham no centro do amor de Deus, expressando livremente esse amor, aprovando a outros homens verdadeiramente espirituais.

Há uma grande misericórdia que devemos obter, da parte de Cristo, quando ele voltar para julgar aos homens; mas essa misericórdia deve ser diligentemente «buscada». Devemo-nos preparar para a mesma mediante o andar santo, porquanto, sem a santidade, ninguém jamais verá a Deus. (Ver Heb. 12:14). O triunfo dos crentes é possível quando se interessam vivamente por outros, dentro e fora da igreja, procurando compartilhar zelosamente da própria salvação com outros. Portanto, a compaixão é aqui recomendada, a participação no próprio amor de Deus, o que aponta para a vida vivida em favor de outros. Além disso, devemos «temer» pelo que sucederá a outros, quando do julgamento; e, em vista disso, cumpre-nos envidar todo esforço possível para salvar aos perdidos. Ora, agiremos assim se «abominarmos» qualquer contaminação da «carne». Isso significa que seremos zelosos a outros a abandonarem seus vícios e a virem ao Salvador?

20 ὑμεῖς δέ, ἀγαπητοί, ἐποικοδομοῦντες ἑαυτοὺς τῇ ἀγιωτάτῃ ὑμῶν πίστει, ἐν πνεύματι ἁγίῳ προσευχόμενοι, 20 ἐποικοδομοῦντες...πίστει Col 2:7; I Th 5:11

20: Mas, vós, amados, edificando-vos sobre a vossa santíssima fé, orando no Espírito Santo,

«...Vós...» é palavra que se refere aos crentes autênticos, em contraste com os falsos mestres gnósticos, que tinham perdido suas próprias almas, estando despidos do Espírito Santo (ver o versículo anterior), que eram totalmente terrenos e que habitualmente andavam nas concupiscências carnaís deste mundo.

«...amados...» (Ver explanações completas sobre o que fica implícito neste termo, nas notas expositivas sobre os versículos primeiro e terceiro. Tal vocábulo também é usado nos versículos terceiro, décimo sétimo e vigésimo). O amor de Deus é agora pintado como algo capaz de guardar os crentes da queda, apresentando-nos inculpáveis diante de Cristo, quando de sua vinda para julgar, contanto que os crentes se mantenham dentro desse amor e da santíssima fé que o acompanha. O amor, tal como a morte, transforma tudo. O amor, entretanto, pode ser repellido e maltratado. Os falsos mestres gnósticos vinham dando um exemplo negativo disso. Os crentes legítimos são aqui exortados a demonstrar o que pode fazer em favor da alma a permanência no amor de Deus.

«...edificando-vos na vossa fé santíssima...» A metáfora da «edificação» é comum nas páginas do N.T. Assim como a edificação de uma estrutura qualquer exige diligência e progresso diário, bem como um trabalho efetuado por mãos habilidosas e que sabem o que fazem, assim se dá também com a edificação da vida espiritual, com a realização da inquirição espiritual. Requer habilidade e aplicação, bem como zelo, para que seja totalmente cumprida. Essa edificação espiritual haverá de produzir um «templo» do Espírito Santo, uma habitação para o próprio Deus. Isso implica a infusão da natureza divina na natureza humana. (Ver II Ped. 1:4; ver também Efé. 2:22 quanto a edificação do templo de Deus. Quanto a outras passagens bíblicas que usam a analogia da edificação, para indicar o desenvolvimento espiritual, ver Mat. 7:24-27; I Cor. 3:10-17; Efé. 2:20-22; Col. 1:23; 2:7; Heb. 3:1-6 e I Ped. 2:4-10).

O verbo grego aqui traduzido por 'edificai-vos' contempla o término de uma estrutura erguida sobre um alicerce já lançado. Esse alicerce, na concepção de Judas, é 'vossa fé santíssima'. Somente sobre esse alicerce é

processo de espiritualização, que se dá mediante a revolução moral. Ele é o agente de tudo quanto Deus fez pelo homem, em Cristo. Ele é o *alter ego* de Cristo, o «Ajudador» que cumpre a sua vontade, que infunde a natureza divina na natureza humana. (Ver as notas de sumário sobre o «Espírito Santo», em Rom. 8:1; e ver as notas que o apresentam como o «divino paraclete», em João 14:16).

«Os falsos mestres viviam tão absortos em sua inferior e sensual natureza que não mais possuíam, em qualquer sentido real da palavra, aquele elemento da composição do homem, aquele elemento espiritual, capaz de ter comunhão com o Espírito divino». (Plumptre, *in loc.*). O citado autor interpreta aqui a palavra grega «*pneuma*» não como alusão ao Espírito Santo, e, sim, como referência ao espírito humano, que potencialmente pode ter comunhão com Deus. O original grego nunca usa esse vocábulo com inicial maiúscula, pelo que a palavra «*pneuma*» está sujeita a interpretação: pode ser o espírito humano, pode ser uma disposição espiritual e pode ser o Espírito de Deus. A maioria dos estudiosos, porém, opina que aqui está em foco o «Espírito Santo», o que deve ser opinião correta. Não obstante, o indivíduo que perde o poder do Espírito Santo na alma é o homem que perdeu contacto com sua personalidade superior e com sua potencialidade espiritual.

Certamente não há aqui qualquer idéia que o indivíduo carnal, natural, não tinha «espírito» ou natureza superior, em contraste com a natureza carnal, como se não tivesse alma. Mas o versículo ensina que esses têm ignorado e prejudicado sua porção espiritual, não permitindo que a mesma tenha comunhão com Deus. De certo modo, pois, perderam suas almas, porquanto têm negligenciado sua importância e significado. Por essa razão é que muitos escarnecedores, ateus e agnósticos de nossos próprios dias consideram-se apenas animais, não se dedicando jamais à inquirição espiritual. Negam a existência de suas próprias almas. Os homens podem chegar a esse extremo de ignorância espiritual. Os mestres gnósticos, contudo, não negavam a «existência» de suas próprias almas, embora tivessem abandonado qualquer inquirição espiritual verdadeira, visto que degradavam de Cristo.

que pode ser seguramente soerguido o edifício do caráter cristão e da comunhão cristã. Como seu alicerce, os zombadores contavam apenas com seus sonhos (ver o oitavo versículo), com seus instintos, como se fossem animais irracionais (ver o décimo versículo) e suas ímpias paixões (ver o décimo oitavo versículo). (Barnett, *in loc.*).

Notemos, no original grego, o particípio presente ativo, que é aqui traduzido por «edificando-vos». Isso aponta para um contínuo desenvolvimento espiritual. Essa construção não pode ser levantada de forma intermitente e ao acaso. Antes, requer atenção e melhoria diárias. Se assim não fizermos, aqueles que estiverem examinando a obra deixarão de fazê-lo e dirão: «Esse homem é um tolo. Não dispõe de meios para completar a estrutura de sua vida. Que trabalho malfeito o dele!»

A edificação na fé é realizada por intermédio dos meios espirituais de construção, a saber:

1. O treinamento do intelecto quanto às realidades espirituais, o estudo de Escrituras e das verdades espirituais, o estudo dos livros sobre as Escrituras, o ouvir sermões e o ensino cristão.
2. O uso da oração autenticamente espiritual, feita no Espírito (ver as notas expositivas a esse respeito, mais abaixo).
3. O uso da «meditação», que consiste do «ouvir a Deus», em que o crente busca a «iluminação» espiritual. Contudo, na igreja ocidental a meditação é uma arte perdida, embora, na Igreja Ortodoxa Grega muitos continuem a empregá-la na busca pela iluminação no Espírito. (Ver as notas expositivas, em Efé. 1:17,18, acerca de nossa «necessidade de iluminação espiritual»).
4. A busca pelo Espírito e seus dons, bem como o emprego desses mesmos dons.
5. A participação na atividade da igreja, seu ministério de ensino e sua comunhão.

«...fé...» Essa palavra é essencialmente usada de três maneiras, nas páginas do N.T., a saber:

1. Há a fé «subjettiva», a saber, a confiança que o crente individual tem em Cristo, entregando-lhe a própria alma (isso é comentado em Heb. 11:1).
2. Há a fé «objetiva», a saber, aquilo em que se crê, o «credo», o «sistema

cristão de doutrinas», o «cristianismo» (o que é comentado em I Tim. 1:2). Esse uso se limita às chamadas «epístolas pastorais» e à presente epístola de Judas. No terceiro versículo deste livro temos um claro uso da «fé objetiva». E é possível que o mesmo se dê no caso do presente versículo, embora também esteja focalizada aqui a «fé subjetiva» também. Quando nos edificamos na fé pessoal, fortalecemos as mãos da igreja, em seu credo e em seu sistema doutrinário, contra os ataques desfechados pelos falsos mestres.

3. Também há a fé como «virtude». Nesse caso, trata-se da fé subjetiva, vivida diariamente, porquanto os crentes autênticos vivem «de fé em fé» (ver Rom. 1:17). (Ver também Gál. 5:22 quanto à «fé como virtude», caso em que ela aparece como o «cultivo» do Espírito, um atributo e uma propriedade espirituais).

«...*santíssima*...» Consideremos aqui os três pontos seguintes:

1. Trata-se de uma fé de natureza totalmente santa; não se assemelha à falsa fé dos mestres gnósticos, que lhe permitia a depravação moral e até mesmo a recomendava.

2. Também requer a santificação na vida diária.

3. Outrossim, essa qualidade santa é o agente da fé, porquanto vale-se do poder do Espírito. A fé é um princípio ativo porque o Espírito Santo dela participa, como seu inspirador e cultivador. Sendo essa a verdade dos fatos, a santidade é o resultado natural, pois sua natureza é santa. A fé santíssima santifica ao crente individual.

«...*orando no Espírito Santo*...» (Pode-se comparar essa declaração com o trecho de I Cor. 14:14, 15, que ensina que a oração pode ser feita «no Espírito», no exercício de algum dom espiritual, como extensão, por assim dizer, do dom de línguas). Cremos que essa forma de dom (o orar no Espírito) também pode ser possuído e usado sem que seja expresso mediante línguas ou «glossolalia». Em outras palavras, algumas pessoas são tão bem-dotadas pelo Espírito que se tornam gigantes na oração, tal como outros são gigantes na fé, na pregação, na profecia e nas curas. Quantos dentre nós têm buscado o «dom da oração»? Quão grandes coisas são realizadas por aqueles que a possuem! Alguns desses são verdadeiros gigantes da fé.

Apesar de existir o dom da oração no Espírito, nosso texto não se refere somente a isso. Todos os crentes devem orar no Espírito, porquanto toda a oração autêntica consiste disso, até mesmo no caso daqueles que não possuem e nem exercem o «dom da oração». A diferença é apenas a de «grau» da influência, do poder e do designio do Espírito Santo quanto àquela pessoa particular, e não uma diferença de «qualidade». (Ver as notas expositivas em Rom. 8:26, 27, que ensina que o Espírito tanto ora por nós como ora conosco). O fato que o Espírito Santo ora por nós e conosco significa que não há limite quanto ao poder da oração, pois o poder por detrás da mesma é superabundante em energia. A oração verdadeira envolve o poder do Espírito de Deus, pelo que também pode realizar qualquer coisa. Mas a passagem de Tia. 5:16 estabelece duas condições sobre essa forma de oração; 1. Tal oração deve ser feita por um homem

21 *ἐαυτοὺς ἐν ἀγάπῃ θεοῦ τηρήσατε, προσδεχόμενοι τὸ ἔλεος τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ εἰς ζωὴν αἰώνιον.*

21: *conservi-vos no amor de Deus, esperando a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo para a vida eterna.*

«...*guardai-vos no amor de Deus*...» Esse «guardar» vem através de meios espirituais, a saber: 1. O andar no Espírito Santo; 2. o cultivo de seu fruto e de suas graças; 3. a transformação na imagem de Cristo por intermédio dele; 4. o uso da oração (ver o versículo anterior); 5. o evitar as poluições pagãs, as concupiscências da carne, pois combatem contra a alma (ver os versículos dezenove e vinte e também I Ped. 2:11). Deus ama aos crentes que assim agem, continuando a derramar sobre eles os benefícios espirituais tencionados, levando-os, finalmente, à vida eterna, conforme nos ensina o versículo presente. O amor de Deus provê salvação e os meios de santificação; mas esse favor pode ser rejeitado pela vontade perversa do homem. O autor tem em mente, neste ponto, os mestres gnósticos, que tinham repellido esses meios de santificação, o que significa que eram objetos de ira divina.

O termo grego «*phulasso*» sugere a idéia de guardar algo contra ataque ou abuso. A igreja cristã estava debaixo do ataque de falsos mestres, sofrendo o aviltamento da moralidade ensinada pelo evangelho de Cristo. Portanto, os seus membros individuais estavam debaixo de ataque, e sua fé era ameaçada. No entanto, poderiam «guardar-se» no amor de Deus, «lutando» pela fé e vivendo santamente. Contudo, o vocábulo grego aqui usado e traduzido por «guardar» é «*tereo*», o que salienta a preservação ou salvaguarda de algo, como se fosse um «tesouro». É como se o autor sagrado tivesse escrito: «Preservai o que Deus tem feito por vós, como guardáreis zelosamente a um tesouro, pois a vossa salvação, na realidade, é um tesouro de valor imenso. Pois o que ganháreis se conquistásseis o mundo inteiro, somente para, finalmente, perderdes vossas próprias almas (ver Marc. 8:36)? Notemos que, no primeiro versículo desta epístola, o mesmo termo grego é usado. Somos «guardados em Jesus Cristo», para que sejamos seu tesouro, mediante a comunhão mística com ele. Ora, estando nós em Cristo, somos objetos do amor de Deus. (Ver Efé. 1:16).

Em nós mesmos nada somos; não podemos obter por nossas próprias forças aquilo que o amor de Deus nos promete. Mas ele faz de nós alguma coisa.

Sentimos que nada somos, tudo tudo és Tu e em Ti;

Sentimos que somos algo, pois esse algo vem de Ti;

Sabemos que nada somos, mas Tu nos ajudarás a sê-lo.

Santificado seja o teu nome, aleluia!

(Alfred Lord Tennyson, *The Human Cry*).

(Quanto a notas expositivas completas sobre o «amor de Deus», ver João

justo, porquanto de outro modo falhará; pois é a vida santa, por detrás da oração do crente, que opera a obra divina. Deus não se utiliza de vasos sujos a fim de expressar-se. 2. Tal oração deve ser feita com espírito diligente e fervoroso; as orações preguiçosas, desanimadas, não se elevam muito alto. E isso significa que o crente deve exercer disciplina em sua vida de oração.

A passagem de Tia. 4:2-4 estabelece ainda outras condições acerca da oração eficaz:

1. Não pode ser usada a oração como um instrumento egoísta para a obtenção de alvos carnisais.

2. Por conseguinte, deve ser feita em consonância com a vontade de Deus, visando questões espirituais, como o conhecimento, o poder e a iluminação espirituais (conforme se lê em Efé. 1:17 e ss.). A oração é algo nobre e eminentemente espiritual. Deve ser empregada, portanto, de modo nobre e espiritual. (Quanto a uma nota de sumário sobre a «oração», com poema ilustrativo, ver Efé. 6:18. Essa nota ilustra amplamente o presente versículo, sendo suficiente como base de diversas lições ou sermões sobre esse tema).

O Espírito de Deus é quem inspira a fé e a oração. A menção do nome do Espírito Santo imediatamente desperta em nossas mentes as idéias de «iluminação e inspiração». Por conseguinte, o Espírito Santo posta-se por detrás tanto da fé como da oração; ele inspira a ambas, para que o crente possa realizar feitos poderosos de altruísmo e espiritualidade. A oração no Espírito é a participação na orientação do Espírito, mediante a iluminação e a utilização de seu poder, para que os alvos colimados sejam atingidos. Os escarnecedores e falsos mestres ocasionalmente exibiam uma inspiração muito humana e até mesmo demoníaca, razão pela qual faziam aquilo que praticavam. Por essa razão é que negavam o senhorio de Cristo e viviam na perversão moral. Os crentes verdadeiros são convocados e inspirados pelo Espírito de Deus.

O autor sagrado apresenta diante de nós, mui claramente, dois meios de vida, que apontam para dois destinos. Que Deus nos proporcione a iluminação e a sabedoria necessárias para que escolhamos corretamente o caminho e palmilhemos retamente pelo mesmo.

«O Espírito Santo ensina como orar e sobre o que orar. Ninguém pode orar corretamente exceto se o fizer 'no Espírito', isto é, dentro dos elementos de sua influência. Crisóstomo menciona, entre os dons do Espírito, no começo do N.T., o elemento da 'oração', confiado a alguns, os quais oravam em nome dos demais e ensinavam outros a orarem. Suas orações, assim concebidas e com freqüência usadas, eram preservadas entre os crentes, dando origem a fórmulas de oração. Tal é a origem da liturgia». (Faucett, *in loc.*)

A trindade do desenvolvimento espiritual consiste dos três seguintes elementos: a. A deificação; b. a oração; c. a espera (ver o vigésimo primeiro versículo) pelo retorno de Cristo, em que o crente molda sua vida diária de acordo com isso. A edificação confere a Deus uma habitação; a oração é feita no Espírito; e o aguardo é pelo Filho de Deus.

3:16. Quanto ao amor como um dos aspectos do «fruto do Espírito», ver Gál. 5:22. Quanto ao «amor de Cristo», que nos constrange, ver II Cor. 5:14. Quanto ao «amor como princípio normativo da família de Deus», ver João 14:21 e 15:10. Quanto a uma série de citações que ilustram bem o «amor», ver as notas expositivas sobre I João 2:10).

«...*esperando a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo*...» Enquanto os demais homens estremeçam ante um julgamento terrível, nós aguardamos a vida eterna, a grande «misericórdia» que Cristo mostrará para conosco, quando de sua «*parousia*» ou segundo advento. (Ver as notas expositivas em I João 3:2 sobre essa atitude de «expectação»; e ver I Tes. 4:15 quanto à «parousia» ou segundo advento de Cristo. Ver também as notas expositivas sobre a «misericórdia», em Tito 3:5). As Escrituras com freqüência usam os termos «misericórdia» e «graça» como sinônimos intercambiáveis, pois a misericórdia nem sempre significa «retenção do juízo», ao passo que a «graça» é a outorga de bênçãos positivas. No texto presente, ambos esses elementos são sugeridos, o que nos confere o conceito de «misericórdia-graça». (Ver Efé. 2:8 quanto a notas expositivas completas sobre a «graça»). A «misericórdia» demonstrada será a dádiva da «vida eterna» em seus aspectos finais. A «graça» é o dom da salvação. O «dom da graça» consiste daquilo que Cristo faz por nós, na «filiação». (Ver Heb. 2:10 e ss., bem como as notas expositivas ali existentes, sobre a «família divina» e sobre a natureza de comunhão existente na mesma). Notemos que, na saudação inicial de Judas, a palavra «misericórdia» toma o lugar de «graça», conforme se dava comumente nas introduções paulinas.

«...*nosso Senhor Jesus Cristo*...» O título completo, conforme se vê aqui, é comentado em Rom. 1:4, onde também é salientada a idéia do «senhorio de Cristo». (No tocante ao que fica implícito nesse título, nesta epístola de Judas, ver as notas expositivas sobre o seu décimo sétimo versículo). O único que nos pode proporcionar a vida eterna é o «Senhor», o qual é Jesus, o Cristo (em quem se fundiram as naturezas divina e humana), o qual se encarnou verdadeiramente e fez expiação pelo pecado. Os mestres gnósticos, entretanto, tinham rejeitado a esse Cristo, e, por conseguinte, tinham perdido a vida eterna, que ele confere aos seus remidos.

«...*vida eterna*...» Está aqui em foco a grande «misericórdia-graça» que o Senhor Jesus nos dá. (Ver notas expositivas completas sobre esse tema, em João 3:15. Ver também Heb. 2:3 sobre a «salvação»). A vida eterna consiste de muito mais do que de existência sem-fim, em algum lugar celestial. Consiste de compartilharmos do próprio «tipo de vida» que Deus possui, a vida divina (ver João 5:25, 26 e 6:57), a natureza divina (ver II Ped. 1:4), toda a plenitude de Deus (ver Efé. 3:19). Finalmente, quando tivermos toda a plenitude de Deus, seremos filhos tais como Jesus Cristo é o Filho de Deus

(ver Col. 2:10). Esse é um conceito elevadíssimo, que ultrapassa em muito aquilo que normalmente se prega na igreja—até mesmo em seu segmento evangélico, onde a vida eterna se resume ao perdão dos pecados e à futura mudança de endereço para os céus, com grande alegria. Essas coisas são verdadeiras, mas representam apenas o começo da vida eterna. A leitura das notas expositivas sobre os trechos dados mostrará ao leitor a vastidão da «vida eterna». Essa é uma expressão sinônima à «filiação». E está em foco a própria filiação que Cristo possui, sua natureza, imagem e herança (ver Rom. 8:29,30).

Este texto, como é evidente, se alicerça sobre o trecho do livro apócrifo de Enoque xvii.3,4, onde se lê: «Nos últimos dias... os justos... que tiverem encontrado misericórdia, bendirão ao Senhor da glória, o Rei eterno». Para Judas, o escritor sagrado, o Senhor e Rei eterno é Cristo, sendo ele aquele que nos propicia a vida eterna, em seus estágios finais, quando voltar a este

22 καὶ οὓς μὲν ἐλεᾶτε διακρινομένους⁴,

⁴ 22 {C} ἐλεᾶτε διακρινομένους (see footnotes 5 and 6) N B C² Ψ 88 1880 syr^{ph} // ἐλέγχετε διακρινομένους A C* 33 81 (181 ἐλέγχετε) 326 436 1241 1739 1881 itar.c.dem.div.p vg cop^b arm Ephraem Cassiodorus Ps-Oecumenius^{ommm} Theophylact^{ommm} // ἐλέγχετε διακρινομένοι 629 (2492 ἐλέγχετε) // ἐλεεῖτε

mundo, após os «últimos dias». A misericórdia é geralmente atribuída a Deus Pai (ver I Ped. 1:3 bem como as introduções às epístolas de primeiro e segundo Timóteo, segunda epístola de João e esta epístola de Judas); mas, neste caso, a misericórdia é atribuída a Cristo Jesus. O autor sagrado não sentiu qualquer dificuldade em intercambiar o Pai e o Filho em tais expressões, pois, para ele, o Filho é tão divino quanto o Pai.

*Da harmonia, da harmonia celestial,
Onde começou este arcabouço universal;
Da harmonia para a harmonia,
Através de toda a gama das notas ela percorreu,
Em que o diapasão se fechou inteiro no homem.*

(John Dryden)

Notemos a menção das três pessoas divinas, nos versículos vigésimo e vigésimo primeiro. (Quanto a notas expositivas sobre a «Trindade», ver I João 5:7).

διακρινομένοι K P 049 056 0142 104 330 451 630 945 1877 2127 2412 2495 Byz Lect Ps-Oecumenius^{xxx} Theophylact^{xxx} // ἐλεεῖτε διακρινομένους 1505 // omit verb and transpose διακρινομένους (see footnote 6) p⁷² it⁴ syr^{ph} cop^{aa} Clement^{lvi} Orsisius Jerome

Vs. 22-23

O texto dos vss. 22 e 23 foi transmitido sob diversas formas. Alguns dos testemunhos aludem a três classes de pessoas, ao passo que outros se referem a apenas duas classes; e há outras variações além dessas.

I. Os testemunhos abaixo distinguem entre três classes de pessoas, e diferem acerca do verbo da primeira cláusula:

- a. N diz καὶ οὓς μὲν ἐλεᾶτε διακρινομένους, οὓς δὲ σφύζετε ἐκ πυρὸς ἀρπάζοντες, οὓς δὲ ἐλεᾶτε ἐν φόβῳ.
- b. A diz καὶ οὓς μὲν ἐλέγχετε διακρινομένους, οὓς δὲ σφύζετε ἐκ πυρὸς ἀρπάζοντες, οὓς δὲ ἐλεεῖτε ἐν φόβῳ.

II. Os testemunhos abaixo distinguem entre duas classes de pessoas, mas envolvem também outras variações:

- c. B diz καὶ οὓς μὲν ἐλεᾶτε διακρινομένους σφύζετε ἐκ πυρὸς ἀρπάζοντες, οὓς δὲ ἐλεᾶτε ἐν φόβῳ.
- d. C* diz καὶ οὓς μὲν ἐλέγχετε διακρινομένους, οὓς δὲ σφύζετε ἐκ πυρὸς ἀρπάζοντες ἐν φόβῳ.
- e. K L P diz καὶ οὓς μὲν ἐλεεῖτε διακρινομένοι, οὓς δὲ ἐν φόβῳ σφύζετε ἐκ πυρὸς ἀρπάζοντες.

III. Mais condensada ainda é a forma de p⁷²: οὓς μὲν ἐκ πυρὸς ἀρπάσατε, διακρινομένους δὲ ἐλεεῖτε ἐν φόβῳ. Algo similar a essa forma também figura em sir (ph) e Clemente (lat).

Em face da predileção do autor sagrado pelo arranjo de seu material em grupos (tal como nos vss. 2, 4, 8, nos exemplos de juízo, nos vss. 5-7, e no exemplo de pecado, no vs. 11), a maioria da comissão se dispôs a preferir como original o arranjo tríplice da passagem, e considerar as outras formas como aberrações que surgiram parcialmente da desatenção de escribas, e parcialmente da indecisão concernente ao sentido de διακρίνεσθαι no vs. 22 (no vs. 9, significa «contender» com alguém; aqui, entretanto, deve significar «duvidar»), e em parte da preocupação por prover uma cláusula principal após três (ou duas) cláusulas relativas. (Ver também os comentários que se seguem).

Ao invés do verbo «ter misericórdia de» (quer soletrado ἐλεᾶτε, como em N B C² Ψ 88 ou ἐλεεῖτε, como em K L P 049 056 0142 Byz Lect), vários testemunhos dizem ἐλέγχετε, que significa «convencer» ou «refutar» (A C* 33 81 1739 vg cop (bo) ara Efraem Cassiodoro). Embora a última forma seja largamente conhecida na igreja antiga (cf. as versões e os escritos patrísticos que lhe dão apoio), a maiôria da comissão preferiu seguir o testemunho do texto alexandrino (N B) e considerou ἐλέγχετε como modificação escrital, introduzida a fim de fazer a distinção entre a declaração daquela outra onde há a cláusula οὓς δὲ ἐλεᾶτε no vs. 23, assim produzindo uma seqüência que progride da severidade («reprovar») para a clemência («mostrar misericórdia»).

Ao invés de διακρινομένους (p⁷² N A B C 33 81 1739 al), o Textus Receptus, seguindo a maioria dos testemunhos posteriores (K P maioria dos minúsculos) diz διακρινομένοι. Essa última forma é obviamente um desenvolvimento secundário, introduzido por copistas, a fim de conformar o particípio ao caso nominativo, em consonância com os dois particípios que se seguem, no vs. 23 (ἀρπάζοντες e μισούντες).

22: E apiedai-vos de alguns que estão na dúvida,

Variante Textual. As palavras «tende misericórdia de» aparecem nos mss Aleph, BC(2), Psi, 88 (com certa forma de grafia, «eleate»), bem como nos mss KLP, 049, 056, 0142 e Byz Lect (com outra forma de grafia, «eleete»). Ambas essas formas representam o imperativo. No entanto, a forma «legchete», com o sentido de «refutar», «convencer», é o vocábulo grego que figura nos mss AC(1), 33, 81; 1739, na Vg, no Cóp(bo), no Ara e nos escritos de Efraem e Cassiodoro, pais da igreja. Provavelmente a forma «tende misericórdia» (ou «compadecei-vos», conforme diz nossa versão portuguesa), representa o original. Isso teria sido alterado para «convencei», por parte de escribas posteriores, porquanto no vigésimo terceiro versículo há outro uso da idéia de «misericórdia», e tais escribas queriam evitar essa repetição.

Aqueles que recebem a misericórdia da parte de Deus, devem exibir misericórdia, buscando salvar os pecadores do julgamento certo. Isso pode ser confrontado com a atitude demonstrada por Jesus Cristo: «Vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor» (Mat. 9:36). Os mestres gnósticos imaginavam tola mente que nem todos os homens são passíveis de redenção, pelo que também não eram dignos de sua atenção. Despendiam todas as suas energias sobre alguns poucos indivíduos «seletos», que teriam «conhecimentos». Bem ao contrário dessa posição, porém, Deus é misericórdia; e a sua misericórdia vem aos homens por intermédio de Cristo. Deus quer que todos sejam salvos (ver I Tim. 2:4). A misericórdia é um dos aspectos do fruto do Espírito. Haveremos de exercê-la quando estivermos espiritualmente desenvolvidos, compartilhando do amor divino, tendo este sido infundido em nós, pelo Espírito de Deus. (Ver Gál. 5:22 e as notas expositivas ali existentes).

Variantes Textuais: Os mss KL e a maioria dos manuscritos minúsculos, seguidos pelo Textus Receptus, dizem «diakrinomenoi» (no nominativo). Assim sendo, poderíamos traduzir por «fazendo uma diferença». Isso poderia significar: «...exercendo misericórdia, poderíeis fazer diferença no estado espiritual de outros», o que conduz ao recebimento da vida eterna por parte deles. Ou então poderíamos traduzir aqui por «...deveríeis fazer uma diferença...» ou «...deveríeis usar de discernimento...» ao tratar com outros, não tratando com todos do mesmo modo, repelindo a alguns, ou mesmo «manuseando cada caso de modo diferente», isto é, exercendo misericórdia no caso de alguns e exercendo temor quanto a outros, etc. No entanto, a forma correta é o particípio no acusativo, o que se poderia traduzir por: «...tendo misericórdia daqueles que estão em dúvida...» ou mesmo, «...tendo misericórdia das almas duvidosas» (conforme diz a tradução NE), ou então, «...tendo misericórdia daqueles que hesitam devido a dúvidas» (conforme diz a tradução WM). É como se o escritor sagrado tivesse recomendado: «Ajudai aqueles que os gnósticos têm deixado confusos, levando-os a duvidarem do evangelho exarado pelos apóstolos».

Alguns estudiosos, seguindo alguns outros textos (ver a nota textual anterior), preferem pensar na tradução «convencei aos que duvidam», ou então «reprovai aqueles que são contenciosos». Mas a outra idéia mais provavelmente é a que está aqui em foco.

Os versículos vigésimo segundo e vigésimo terceiro apresentam um espantoso novelo de textos diferentes, nos manuscritos que se conhecem da epístola de Judas, de tal maneira que se torna quase impossível qualquer decisão certa acerca do que dizia o original. De modo geral, o testemunho dos manuscritos se divide em duas categorias: 1. Estariam em foco três classes de pessoas; 2. estariam em foco duas classes de pessoas.

1. Três classes de pessoas em foco. a. O ms Aleph diz: «...e daqueles que duvidam, tende misericórdia; salvai a alguns, tendo-os arrebatado do fogo; e de outros tende misericórdia, no (espírito) de temor». b. O ms. A diz: «...e daqueles que duvidam (ou que disputam), convencei; salvai a alguns, arrebatando-os do fogo; e de outros tende misericórdia, no (espírito) de

temor».

2. *Duas classes de pessoas em foco.* a. O ms B diz: «...tende misericórdia daqueles que duvidam, arrebatando-os do fogo; e de alguns tende misericórdia, no (espírito) de temor». b. O ms C(1) diz: «...convençei aos que duvidam (disputadores); e a alguns salvai, arrebatando-os do fogo, no (espírito) de temor». c. Os mss KLP dizem: «...tende misericórdia de alguns, estabelecendo distinção; e salvai a alguns, arrebatando-os do fogo, no (espírito) de temor».

A maioria dos críticos textuais de nossos dias prefere um triplice arranjo qualquer, com base no fato que os *tripletes* fazem parte dos artifícios literários do autor sagrado. (Ver os versículos segundo, quarto, quinto a sétimo e oitavo, exemplos de julgamento — e ver o décimo primeiro versículo — exemplo de pecado, onde aparecem três tipos simbólicos). A vigésima quinta edição do texto grego de Nestle prefere o arranjo em duas classes; mas a vigésima sexta edição apresenta três classes, que representa diferença de opinião daqueles que

23 οὓς δὲ σῶζετε ἐκ πυρὸς ἀρπάζοντες⁵, οὓς δὲ ἐλεᾶτε ἐν φόβῳ⁶, μισοῦντες καὶ τὸν ἀπὸ τῆς σαρκὸς ἐσιπλωμένον χιτῶνα.

⁵ 23 {C} οὓς δὲ σῶζετε ἐκ πυρὸς ἀρπάζοντες (see footnotes 4 and 6) (N* ἀρπάζετε) N* A Ψ 33 81 104 181 326 436 1241 1739 1881 2412 {itar.e.dom.div.p} vg cop^h arm Ephraem // οὓς δὲ σῶζετε ἐκ πυρὸς ἀρπάζοντες ἐν φόβῳ C 630 1505 2495 syr^h // οὓς δὲ ἐν φόβῳ σῶζετε ἐκ πυρὸς ἀρπάζοντες K P (649

⁶ 23 {C} οὓς δὲ ἐλεᾶτε ἐν φόβῳ (see footnotes 4 and 5) N* A B Ψ 33 81 181 326 1739 1881 {itar.e.dom.div.p} {it^h add θεοῦ} vg cop^h arm Ephraem // διακρινόμενοι δὲ ἐλεᾶτε ἐν φόβῳ (P² ἐλεῖτε) it^h syr^h cop^a Clement^{1st} Orisius (Jerome omit ἐν φόβῳ) // οὓς δὲ ἐλεῖτε ἐν φόβῳ 436 (629 add

23 ἐκ πυρὸς ἀρπάζοντες Am 4.11; Zch 3.2

Além da altamente condensada forma de texto em P (72) (ver o comentário sobre os vss. 22-23), outros testemunhos (sir (ph) cop^a Clement^{1st} al) omitem οὓς δὲ σῶζετε e substituem ἀρπάζοντες por ἀρπάζετε, assim provendo uma cláusula principal apropriada após as cláusulas relativas. Contudo, outros testemunhos transpõem a frase ἐν φόβῳ da terceira cláusula relativa para uma posição ou após ἀρπάζοντες (C 630 sir (h) al) ou antes de σῶζετε (K L P 056 Byz Lect). Entretanto, a frase pertence claramente à terceira cláusula, em que supre a razão para a adição da frase explicativa μισοῦντες . . . χιτῶνα. A forma ímpar de B καὶ οὓς μὲν ἐλεᾶτε διακρινόμενοι σῶζετε ἐκ πυρὸς ἀρπάζοντες, οὓς δὲ ἐλεᾶτε ἐν φόβῳ («e aqueles, de quem tiverdes misericórdia quando contenderem (ou duvidarem), salvai-os e arrancai-os do fogo, mas de alguns tende misericórdia em temor»), dificilmente pode estar correta, pois, conforme Hort admite, envolve «a incongruidade de que o primeiro οὓς deve ser tomado como um relativo, e o primeiro ἐλεᾶτε como um indicativo». (1) É provável que o escriba do ms B acidentalmente omitiu οὓς δὲ antes de σῶζετε, no qual caso seu arquétipo teria concordado com o texto preservado em N* A Ψ 33 81 1739 vg cop (bo) ara Efraem.

1. «Notes on Select Readings», pág. 107. Na opinião de Hort: «Algum erro primitivo evidentemente afeta a passagem».

Em acordo com as decisões feitas sobre as séries anteriores de variantes, nos vss. 22 e 23, a forma οὓς δὲ ἐλεᾶτε ἐν φόβῳ, que é fortemente apoiada por boa variedade de antigos tipos de texto (N A B Ψ 33 81 1739 vg cop (bo) ara Efraem), parece ser superior a quaisquer outras formas.

23: e salvai-os, arrebatando-os do fogo; e de outros tende misericórdia com temor, abominando até a túnica manchada pela carne.

«...salvai-os, arrebatando-os do fogo...» O simbolismo evidentemente é tomado por empréstimo de Zac. 3:2-4, onde Josué, o sumo sacerdote, é assemelhado a um «tição tirado do fogo». O simbolismo indica um perigo iminente. Alguém é lançado no fogo, mas, em uma ação rápida, que o arrebatou dali, ele tem sua vida salva. Se a ação não for rápida e habilidosa, morrerá, transformado em uma tocha. Desse modo, o autor sagrado nos dá um quadro verbal sobre o julgamento eterno, que está prestes a consumir aos incrédulos. Já passou por eles (ver João 3:17 e ss.); mas podem ser salvos mediante uma ação pronta e eficaz, sendo assim conduzidos a Cristo. Porém, ainda que salvos, eis que estavam a pique de ser consumidos no fogo, do qual foram arrebatados.

O «fogo», conforme pensam alguns intérpretes, significaria as «concupiscências sexuais», que são uma chama que podem provocar grande dano. Isso se adaptaria bem à totalidade desta epístola, que repreende vigorosamente tais paixões. Porém, tal significação é extremamente improvável. Também não devemos pensar que está aqui focalizado o «juízo presente». Há também quem compreenda isso como o «inferno de concupiscências e pecados», que a depravação impõe aos homens. Quase certamente, entretanto, o juízo futuro e eterno é que está em foco; e fica subentendido que o mesmo já «apanhou» as suas vítimas, tão depravada é a condição das mesmas, e tão merecedoras são elas de sofrerem por aquilo que são e têm praticado. Quanto a isso podemos examinar o trecho de Amós 4:11, que diz: «Subverti alguns dentre vós, como Deus subverteu a Sodoma e Gomorra, e vós fostes como um tição arrebatado da fogueira; contudo não vos convertestes a mim, diz o Senhor».

A providência misericordiosa de Deus arrebatara o povo de Israel do fogo da violência, infligido pelos adversários do povo israelita. Assim como Deus teve dó de Israel, salvando-o daquele teste de fogo, assim também devemos ter compaixão dos incrédulos, sem poupar esforço que possa salvá-los do julgamento que já se apossou deles, embora ainda não os tenha destruído.

«Arrebatado» é palavra que denota... um arrebatamento apressado, quase violento, indicando que já se encontravam em extremo perigo de perdição». (Lange, in loc.).

Alguns manuscritos antigos falam em três classes de pessoas e tipos de ação, nos versículos vinte e dois e vinte e três; mas outros manuscritos dão apenas duas classes. Essa questão é esclarecida nas notas textuais sobre o vigésimo segundo versículo. Apesar de haver três ordens distintas, que envolvem três classes; ou de haver apenas duas ordens, o certo é que todas as pessoas aludidas são incrédulas, ao passo que haveria outras que devemos esquecer e repelir. Lutero ensinava que nas duas cláusulas do vigésimo terceiro versículo devemos distinguir entre aqueles que podemos

agora são os responsáveis por esse texto. Não obstante, toda a questão se reveste de dúvidas. Seja como for, o ensinamento geral do texto não é grandemente alterado em face do arranjo que preferirmos. Seja como for, é quase certo que o «ter misericórdia», no vigésimo segundo versículo, é superior à forma «convençei». E «aqueles que duvidam» (participio objetivo) é forma superior a «estabelecer diferença» (participio subjetivo). O «estabelecer diferença» poderia significar «julgar entre aqueles que merecem vossa misericórdia, e os que não a merecem, para que os trateis de maneira diversa». Ou então «para que os manuseies de maneira diferente, através da devida discriminação de suas necessidades». Ou mesmo «estabelecendo diferença quanto ao estado deles, para melhor aplicação da vossa misericórdia». Porém, em face da forma absoluta como o texto se acha, é muito difícil interpretá-lo.

3. Finalmente, há os intérpretes que compreendem aqui o «inferno de concupiscências e pecado» que a depravação impõe aos homens.

0142 σῶζεται 056 88 330 451 629 945 1877 2127 2492 Byz (Lect ἐκ τοῦ πυρὸς) [147, 603^h, 1430^h, 1441] Ps-Oecumenius Theophylact // σῶζετε ἐκ πυρὸς ἀρπάζοντες B // ἐκ πυρὸς ἀρπάζετε (P² ἀρπάσατε) it^h syr^h cop^a Clement^{1st} Orisius Jerome

θεοῦ 1241 // οὓς δὲ ἐλέγχετε ἐν φόβῳ 88 104 945 (2412 ἐλέγετε) Ps-Oecumenius^{comm} Theophylact^{comm} // omit οὓς δὲ ἐλεᾶτε and transpose ἐν φόβῳ (see footnote 5) C K P 649 056 0142 330 451 630 1505 1877 2127 2492 2495 Byz Lect syr^h Ps-Oecumenius^{1st} Theophylact^{1st}

salvar «arrebatando-os do fogo» e aqueles em favor de quem nada se pode fazer, para que sejam salvos, embora esses devam excitar a compaixão dos crentes. Disse Lutero (in loc.): «Que vossa vida seja moldada de tal modo que tenhais compaixão daqueles que são miseráveis, cegos e surdos; não tenhais alegria ou prazer acerca deles, mas deixai-os irem-se, resguardando-vos de qualquer contacto com os mesmos. Porém, no tocante a outros, que podeis arrebatá-los, salvai-os pelo temor, tratando com eles bondosa e gentilmente, conforme Deus tem tratado convosco». Essa interpretação de Lutero, porém, não concorda com o espírito do texto e com o original grego, e nem com o que se subentende pelo termo «misericórdia». Pois como poderíamos repelir aqueles que são os objetos de nossa misericórdia? O vigésimo primeiro versículo acabara de mostrar que somos alvos da misericórdia divina; e que isso nos confere a «vida eterna». Não é provável, por conseguinte, que uma vez que a misericórdia nos é recomendada, que isso signifique outra coisa senão que procuremos conduzir outros a Cristo, para que compartilhem da misericórdia que nós mesmos temos obtido.

«O verbo expressa simpatia que transcende a meras palavras, traduzindo-se em feitos (comparar com Tiago 2:14-17). Descreve a extensão ativa e remidora de Deus, que dá oportunidade e ajuda aos homens, embora sejam indignos (ver Rom. 9:15, 16; 11:30-32; I Cor. 7:25; II Cor. 4:1; I Tim. 1:13, 16 e I Ped. 2:10). Nos crentes, isso subentende ternura para com o pecador, bem como a tentativa ativa de socorrer aos necessitados, manifestando, nas relações humanas, a misericórdia de Cristo pela qual os crentes esperam (ver o vigésimo primeiro versículo). Entretanto, a «misericórdia» leva em conta as distinções morais. Não enfrenta o mal como se este não tivesse más consequências. Os crentes têm «misericórdia com temor», abominando até mesmo as vestes maculadas pela carne». (Barnett, in loc.).

«...em temor...» Com temor do que o pecado pode fazer, em seus efeitos daninhos, que é «...o contágio do pecado, enquanto os estamos salvando». (Vincent, in loc.). Presumivelmente também devemos temer o julgamento que sobrevirá ao pecado, pois nesse temor nós «os arrebatamos do fogo», que simboliza o julgamento. Assim sendo, o vocábulo «temor» pode referir-se tanto ao que foi dito antes como a aquilo que aparece depois.

«...detestando até a roupa contaminada pela carne...» Essas palavras nos levam de volta ao simbolismo de Zac. 3:2-4. O sumo sacerdote Josué é visto vestido em trajes imundos, como se fora um tição preparado para ser queimado. O Senhor, entretanto, dentro da visão de Zacarias, ordenou que fossem tiradas do sumo sacerdote as suas roupas imundas; e isso é interpretado pelo próprio autor sagrado como a retirada de sua «iniquidade». Uma vez aliviado de sua imundícia, então o sumo sacerdote foi coroado de honra, tendo recebido roupas novas, limpas e belas.

O Simbolismo dessa linguagem sugere-nos as seguintes idéias:

1. A natureza pecaminosa é como um traje imundo, que nos cobre de

poluição da cabeça aos pés.

2. Se persistirmos em ficar com tais vestes, provocaremos a ira de Deus contra nós mesmos (ver as notas expositivas, em Col. 3:6, acerca da «ira de Deus»).

3. Essa roupa pode ser tirada de nós, sendo substituída pela nova natureza reta, as novas e limpas vestes.

4. Mas isso só pode ser feito com auxílio vindo de «fora», devido ao poder divino, e não por nossos próprios esforços. A salvação é de graça; Deus é quem confere aos homens o arrependimento e a fé, embora eles devam reagir favoravelmente, pois a vontade humana contrária pode anular a influência divina.

5. O recebimento das novas vestes, isto é, a nova natureza, modelada segundo a natureza e a imagem de Cristo, nos confere a honraria dada por Deus, do mesmo modo que, anteriormente, nossas roupas imundas provocavam seu desprazer e ira.

6. Aos crentes é ordenado, através do ministério evangelístico e da motivação do amor, que ajudem outros a trocarem suas vestes. Esse ministério é motivado pela abominação à carne e a todos os seus inevitáveis maus resultados.

A linguagem simbólica do despir e vestir roupas, é empregada em Col. 3:8,10. O «velho homem» é uma veste que consiste de todos os vícios mais desprezíveis; o «velho homem» deve ser despido, porquanto é prejudicial à alma, além de provocar a ira de Deus (ver Col. 3:6). Em seu lugar, devemos nos vestir do «novo homem», o qual é renovado pelo conhecimento que é conforme a imagem daquele que o criou. E isso nos mostra que o novo homem é modelado segundo o *Homem Ideal*, que é Cristo Jesus. Pois, na realidade, em nós está sendo formada a natureza do Filho de Deus. Isso alude à conversão inicial; porém, visto que tais palavras foram dirigidas a indivíduos crentes, também deve estar em foco o processo de santificação. (Ver as notas expositivas em I Tes. 4:3 sobre a «santificação»; e ver II Tes. 2:13 quanto ao fato que não pode haver salvação sem a santificação. Ver também Efé. 4:22-24 acerca da metáfora do «vestir»). Despimo-nos do «velho homem», da vida antiga, com todas as suas corrupções e concupiscências enganadoras, e vestimo-nos do novo homem, o qual é «criado segundo Deus, em retidão e verdadeira santidade». Notemos que o «novo homem», tal como as «novas vestes», nos é dado mediante auxílio vindo de fora. Trata-se de um ato de Deus, pois a salvação vem de Deus.

VIII. Bênção (Vss. 24,25).

Judas nos brinda com uma das mais magníficas bênçãos existentes no N.T. Em cada ponto opõe-se ela à heresia combatida nesta epístola, mas também nos dá uma elevada verdade. Nestas poucas linhas estão incorporadas muitas das mais importantes doutrinas da fé cristã. A última palavra é uma atribuição de louvor a Deus Pai e a seu Filho, Jesus Cristo. E isso é apropriado em qualquer epístola ou livro de natureza espiritual, porquanto a vida inteira deve ser vivida tendo Deus como o nosso Ômega (ver I Cor. 8:6), mas onde o Filho é, igualmente, reputado como nosso Ômega (ver Col. 1:16).

«Nada começa retamente, nada procede retamente e nada termina retamente à parte de Deus. Sem sua poderosa salvação toda a nossa esperança e trabalho e oração é inútil. 'Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam' (Sal. 127:1)».

24 *Τῷ δὲ δυναμένῳ φυλάξαι ὑμᾶς ἀπ' αἰστούς καὶ στήσαι κατενώπιον τῆς δόξης αὐτοῦ ἀμώμους ἐν ἁγαλλιάσει,*

24 *Τῷ...ἀμώμους* Php 1:10; 1 Th 5:22

24: Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar, e apresentar-vos ante a sua glória imaculados e jubilosos,

Esta epístola vinha advertindo contra nossa simpatia com as doutrinas e com o estilo de vida dos hereses gnósticos. O versículo quinto subentende que até mesmo pessoas convertidas—povo de Deus—podem apostatar. (Ver Rom. 8:39 quanto à questão inteira da «possibilidade de queda» versus «segurança dos salvos»). Este comentário toma a posição que ambas essas idéias são verdades, mas que a «possibilidade de queda» é algo «relativo», ao passo que a «segurança dos salvos» é algo «absoluto». Em outras palavras, a queda ou desvio podem caracterizar ao «crente», embora venha este a ser trazido de volta, pela graça divina, nesta existência terrena ou na outra. (Ver Col. 1:23 quanto a notas expositivas sobre esse conceito). Apesar de reconhecer o perigo real do desvio, o autor sagrado *confia* que os crentes autênticos *resistirão* com sucesso à heresia, *não se deixando* arrastar por seus atrativos. O primeiro versículo enfatiza isso *desde o começo*. Os crentes autênticos são «guardados» em Jesus, porquanto isso é feito pelo poder de Deus, o mais elevado de todos os poderes. Fica subentendido, naturalmente, que o crente deve ceder ante esse poder; não deve negá-lo em seu andar diário e em suas atitudes, porquanto, do contrário, estará sujeito a influências estranhas destruidoras. Isso fica subentendido no presente versículo, bem como nesta epístola inteira.

Deus é uma pessoa e ele está conosco a fim de ajudar-nos. Os mestres gnósticos negavam isso, porém, porque tinham um conceito «deísta» de Deus, imaginando-o tão transcendental que não teria qualquer contacto com os homens, não se interessando por interferir na história humana, a fim de galardão ou punir aos homens. Deus é a realidade final, o poder último; mas também é o nosso Pai, como também o amor e a benevolência personificados. Ele é «poderoso» para guardar-nos. Seu poder é suficiente para as mais difíceis tarefas; não há problema que Deus não saiba resolver. O próprio Senhor Jesus foi a medida do interesse de Deus por nós. Mostrou-nos que Deus é capaz de transformar a alma, conduzindo o homem até si mesmo e à mais elevada glória. E ele fará pelos seus filhos aquilo que fez por seu Filho. Deus é poderoso mas não se arrisca a qualquer lapso em questões de moral, de interesse ou de capacidade. Não lhe faltam nem recursos e nem sabedoria; tudo está à sua disposição, estando sujeito a ele. Ele é «capaz», em todos os sentidos possíveis a esse vocábulo. Por conseguinte, convém-nos lançar nossas almas aos seus cuidados. Ele nos

(Ver as notas expositivas em Efé. 2:8 acerca da «graça» de Deus).

«É extremamente interessante a observação que a nota final sobre a heresia, nesta epístola de Judas, um livro que desfecha tremendo ataque contra os falsos mestres, é um apelo evangelístico que insta conosco para que busquemos a salvação de todos, mediante a «misericórdia», «através do temor» e «através do ódio» ao mal. Conforme comentou Homrighausen (*in loc.*): «A palavra final não é a condenação dos desviados, e, sim, a redenção, mediante argumentos convincentes, através da misericórdia identificadora, através do combate vigoroso, através do desmascaramento vivo do erro, para que penetre a luz clara, penetrante e orientadora da verdade, a respeito do único Deus e de Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador».

As vestes maculadas pela carne. É perfeitamente possível que o autor sagrado estivesse pensando nas vestes infectadas pela lepra, tipo simbólico do pecado. Todo e qualquer contacto com a lepra ou com leprosos deveria ser evitado. A praga da lepra era detestada e temida. Os leprosos morais devem ser lamentados, e todo esforço deve ser enviado pelos remidos para conquistá-los para Cristo, ao mesmo tempo que sua natureza corrupta deve ser desprezada. O ódio ao mal é um poderoso motivo para que procuremos salvar aos perdidos de suas próprias naturezas tão corruptas. Sobre eles está a lepra do pecado; levemos a eles a cura, embora sem transgir com a praga dessa lepra.

Este texto tem sido erroneamente aplicado por alguns estudiosos, como se estivesse em foco a idéia de «evitar» os leprosos morais, mediante a sua exclusão, se porventura esses vierem a instalar-se na igreja. Porém, isso está longe de ser o intuito misericordioso desta passagem.

Nos tempos antigos, os crentes, quando estavam prestes a ser batizados, recebiam uma «veste branca» para vestirem durante a cerimônia de imersão. Isso servia de símbolo da vida de pureza que se esperava que tivessem daí por diante. Os crentes, portanto, devem evitar contacto com as vestes leprosas dos leprosos morais, embora não com os próprios leprosos, a quem devem procurar salvar. «Não permitas que o amor salvador ao pecador diminua o ódio contra o pecado». (Stier, *in loc.* Ver também Isa. 52:11).

Esta passagem ensina-nos que cumpre-nos deixar de viver para nós mesmos; que cumpre-nos ter compaixão do próximo; que cumpre-nos dedicarmos a própria vida para a propagação do evangelho salvador de Cristo.

24 *καὶ* add *ἀσπιλούς καὶ* C 2412 *alsy*

resguardará como seu tesouro pessoal, conforme, realmente, lhe somos.

Esta porção da doxologia pode ser comparada aos trechos de Rom. 16:25 e Efé. 3:20. Deus é capaz de firmar-nos e de fazer muitíssimo mais do que tudo quanto lhe pedimos ou pensamos. E é o seu próprio poder que atualmente opera em nós, o poder que ressuscitou a Cristo e que o exaltou acima de todo outro nome dos céus ou da terra. (Ver Efé. 1:19 e ss.).

«O louvor de Deus mistura-se com a confortável certeza que Deus pode guardar aos crentes e que o fará, até chegarem a seu trono... O vigésimo primeiro versículo sugere a dúvida: 'Obteríamos sucesso, procurando resguardar-nos a nós mesmos no amor de Deus?' Essa dúvida Judas soluciona referindo-se ao poder de Deus». (Lange, *in loc.*).

«...de tropeços...» No grego temos a forma primitiva de «ptaio», isto é, «aptaistos», que significa «tropeçar», «bater com o pé e cair». Era termo usado acerca dos cavalos que tropeçam em obstáculos e caem. Essa palavra é usada somente aqui em todo o N.T. (Ver também tal uso em III Macabeus 6:39, na Septuaginta, embora ali seja usada a forma verbal, mui comum na Septuaginta). Isso sucede no tropeço religioso. O que os homens facilmente fazem por si mesmos, pode ser evitado se confiarem no poder de Deus mediante a fé em Cristo, isto é, entregando-lhe a alma. (Ver as notas expositivas a esse respeito em Heb. 11:1).

«...guardar...» Aqui temos o verbo grego «*phulasso*», e não «*tereo*» (ver os versículos primeiro e vigésimo primeiro quanto a este último). O termo aqui usado indica «salvaguarda» de ameaças e ataques. O outro vocábulo grego indica «guardar» ou «preservar», como se se tratasse de algo precioso, como um tesouro. Deus nos guarda em segurança dos assaltos do mal; e também nos guarda como se fôssemos seu tesouro pessoal. Contamos com sua «proteção», de tal modo que, finalmente, sejamos sua herança, seu tesouro. Sua proteção resguarda-nos de quedas fatais, como a de aceitarmos alguma heresia arruinadora. Este é o significado específico do versículo embora seja provável que o autor sagrado não quisesse restringir a isso o uso desse verbo, neste ponto.

«...apresentar com exultação...» O caminho está repleto de precipícios e armadilhas. Pode ser perigoso, prejudicial e até mesmo fatal, espiritualmente falando. Porém, o poder resguardador de Deus nos permite atravessar a tudo incólumes, chegando, finalmente, e exultantes, à sua presença, ao estado de glória. Nele encontramos a «âncora» segura da alma, a orientação para a vida diária, a certeza de que «chegaremos em segurança

à pátria celeste».

Busquemos no Senhor a nossa segurança, o nosso propósito e a nossa âncora na vida.

Uma Aranha Silenciosa e Paciente

*Uma aranha silenciosa e paciente,
Observei, onde estava isolada, em uma pequena elevação,
Resolvida a explorar as cercanias vazias.
Foi lançando após si, filamentos, filamentos, filamentos,
Sem desenrolá-los, tecendo-os incansavelmente.*

*E tu, ó minha alma, onde estás,
Cercada, isolada, em oceanos incensuráveis de espaço,
A cismar incessantemente, a aventurar-se, a projetar-se,
buscando esferas que liguem tudo,
Até que se forme a ponte de que precisas,
até que segures a âncora dúttil,
Até que a teia que tece se agarre em algo, ó minha alma.*
(Walt Whitman)

«...exultação...» Essa palavra deve ser entendida vinculada ao termo «glória». Um homem crente, tal como um filho, recebe a natureza e a herança do Filho de Deus, a sua glória eterna, compartilhada porque a sua própria natureza divina também é compartilhada (ver II Cor. 3:18 e Rom. 8:17). O termo grego aqui empregado é «*agalliasia*», isto é, «exultação alegre», «grande alegria», «alegria triunfal». O triunfo da alegria é sobre o pecado, a carne e o orgulho da vida, além de ser sobre Satanás, naturalmente. No dizer de Mayer (*in loc.*): «...denota uma alegria exultante e orgulhosa». Tal palavra grega também é empregada em I Ped. 1:6.

Jesus, sejam Tu nossa única Alegria,

Tal como serás o nosso prêmio;

Jesus, sejam Tu agora a nossa glória,

E também por toda a eternidade.

(Bernard de Clairvaux)

«...imaculados diante da sua glória...» A glória da presença de Deus (ver as notas expositivas sobre a «chegada nos lugares celestiais», em Efê. 1:3) e a presença da glória de Deus conosco (recebimento de sua natureza e de seus atributos; ver as notas expositivas a respeito em II Ped. 1:4; Col. 2:10 e Efê. 3:19) não são conseguidos senão através da santidade. Ninguém jamais verá a Deus sem o processo de santificação (ver Heb. 12:14; ver também II Tes. 2:13 quanto à «necessidade de santificação para a salvação»). Isso contradiz o evangelho amoroso e falso dos mestres gnósticos, os quais

25 μόνω¹ θεῷ² σωτηρίῃ ἡμῶν³ διὰ Ἰησοῦ Χριστοῦ τοῦ κυρίου ἡμῶν δόξα μεγαλωσύνη κράτος καὶ ἐξουσία πρὸ παντὸς τοῦ αἰῶνος καὶ νῦν καὶ εἰς πάντας τοὺς αἰῶνας· ἀμήν.

¹ 25 g none, g none: WH Bov Nes BF² // g minor, g none: RSV Zür Luth Jer Seg // g none, g minor: RV ASV NEB // g minor, g minor: TT // different text: TR AV

25 μόνω...δόξα Ro 16.27

25 μωνω] add (Rom. 16. 27) σοφω KLP al ε[δια Ι. Χρ. τ. Κ. ημ. et pro π. τ. α.] om KP al t ε[eis παντ. τ. α.]

om παντ. N pc bo^{pl}: add των αιωνων L (33) pc c p t vg⁴, cl sy^{hmg} sa

Após μόνω o Textus Receptus, seguindo K L P maioria dos minúsculos, adiciona σοφῶ. O termo é uma óbvia interpolação derivada de Rom. 16:27; a forma mais breve é decisivamente apoiada por N A B C 6 33 181 322 323 378 424 (c) 436 441 627 630 2298 vg sir (h) cop (bo) ara Efraem.

Vários dos manuscritos unciais posteriores, bem como a maioria dos minúsculos (seguidos pelo Textus Receptus), omitem πρὸ παντὸς τοῦ αἰῶνος, talvez porque a expressão não parecia apropriada em uma doxologia. Essas palavras são fortemente apoiadas por N A B C L 5 378 436 467 623 808 1827 1837 1845 1852 vg sir (h) cop (sa,bo) ara (et) Efraem.

25: ao único Deus, nosso Salvador, por Jesus Cristo nosso Senhor, glória, majestade, domínio e poder, antes de todos os séculos, e agora, e para todo o sempre. Amém.

As palavras «...ao único Deus...» ensinam o *monoteísmo*. (Ver as notas expositivas em Ato 17:27, onde as idéias acerca de Deus e sua natureza são passadas em revista). Dado que a total divindade do Filho de Deus, Jesus Cristo, é ensinada no N.T. (ver as notas expositivas a respeito, em Heb. 1:3), segue-se que devemos pensar no conceito da «trindade» como algo que descreve a divindade. (Ver I João 5:7 quanto a isso). Não há que duvidar que o uso dessa expressão, neste ponto, é polêmico. Os mestres gnósticos imaginavam a existência de muitíssimos pequenos deuses. O «demiurgo» seria um «aeon» muito afastado de Deus, que teria criado o mundo, sendo esse o «deus» deste mundo; mas haveria deuses em outras esferas, os quais governariam outros mundos. O próprio Cristo era reduzido por eles a um pequeno deus, a um «aeon» (uma mera emanção angelical), que exerceria poder somente sobre esta esfera terrestre. Na realidade, entretanto, há somente uma divindade, um único Deus, embora ele se manifeste em três Pessoas.

Variante Textual: A palavra «único» figura nos mss KLP e na maioria dos manuscritos minúsculos posteriores (seguidos pelo Textus Receptus), mas com a adição da palavra «sábios». Isso resulta em «único Deus sábios», o que deixa subentendido que poderia haver outros deuses. Tal expressão foi tomada por empréstimo da passagem de Rom. 16:27. Porém, em favor da forma mais curta temos a evidência textual conclusiva dos mss Aleph, ABC, 6, 33, 181, 322, 323, 378, 424(c), 436, 441, 627, 630, 2298, na Vg, no Si(h), no Cóp(bo), no Ara e nos escritos de Efraem, pai da igreja.

«...nosso Salvador...» Deus é o nosso Salvador. Essa é uma declaração polêmica contra a noção gnóstica que Deus seria totalmente transcendental, não podendo entrar em contacto com este mundo, porquanto a matéria seria o princípio mesmo do pecado, e tal contacto serviria somente para contaminar a Deus, o Deus Altíssimo. Portanto, na opinião dos gnósticos, Deus trataria com sua «criação» (a qual, para eles, era apenas uma «emanção») através de uma sucessão quase interminável de sombrios «aeons». Antes, Deus é nosso Salvador. Em outras palavras, Deus entra em contacto com sua criação, a fim de abençoá-la. Outrossim, só há um Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo.

Por oito vezes, nas páginas do N.T., encontramos o termo «Salvador»,

encorajavam a imoralidade, e não a santidade. (Ver as notas expositivas sobre isso no quarto versículo desta epístola, comparando com os versículos 7,8,10,12,13,15-17 e 19, os quais salientam a depravada condição moral dos gnósticos). Todo o indivíduo que for dominado por algum vício jamais verá a Deus (ver Gál. 5:21; Efê. 5:5,6 e Col. 3:6). Os verdadeiros apóstolos purificam ao crente e o deixam «imaculado», retirando dele as vestes do pecado, contaminadas pela lepra. (Ver o vigésimo terceiro versículo). As «máculas» do pecado são lavadas da alma dos verdadeiros crentes, e ninguém poderá elevar-se até Deus com uma alma manchada. A conversão deve resultar na santificação; e esta é que nos conduz à «glorificação» (ver Rom. 8:29,30 e as notas expositivas ali existentes).

«...glória...» Consideremos aqui os pontos seguintes: 1. Essa palavra é usada para falar sobre a presença de Deus, a região de luz e pureza, os céus mais elevados. 2. Também é usada para aludir ao ilimitado poder de Deus e à sua majestade. 3. Também é usada para apontar para os atributos divinos, sobretudo a santidade. 4. Por extensão, é usada para falar de como o homem próprio pode vir a compartilhar da glória de Deus, mediante a participação na natureza divina (ver II Ped. 1:4) e a participação na glória conferida ao Filho (ver Rom. 8:29,30). A participação nessa «glória» é um processo eterno, porquanto haveremos de ser cheios de toda a plenitude de Deus. Essa é a nossa glória, tal como sua plenitude (sua natureza e seus atributos divinos) é a sua própria glória. (Ver notas expositivas completas sobre esses conceitos em Efê. 3:19).

A nossa glorificação consistirá de muito mais do que «estarmos presentes» no mais elevado céu, embora isso, por si mesmo, já seja algo imensamente elevado. Antes, consistirá ela de sermos transformados segundo a gloriosa imagem de Cristo, a fim de que sejamos filhos tal como ele é o Filho de Deus. Isso é que nos conferirá exultação incomparável. Essa será a «visão beatífica» que todos receberemos, a qual haverá de espiritualizar-nos inteiramente a alma, a fim de que a divindade seja por nós compartilhada.

Com essas palavras, pois, o autor sagrado encorajou aos seus leitores originais para que se firmassem em seus próprios dias, porque grande haveria de ser o seu galardão.

Variante Textual: As palavras «...vos guardar de troços e para vos apresentar com exultação, imaculados diante da sua glória...» figuram em quase todos os manuscritos. Entretanto, o ms P(72) diz: «...estabelecer-vos sem mácula, inculpáveis, castos, na presença de sua glória...» Isso representa uma expansão feita no texto original.

25 μόνω¹ θεῷ² σωτηρίῃ ἡμῶν³ διὰ Ἰησοῦ Χριστοῦ τοῦ κυρίου ἡμῶν δόξα μεγαλωσύνη κράτος καὶ ἐξουσία πρὸ παντὸς τοῦ αἰῶνος καὶ νῦν καὶ εἰς πάντας τοὺς αἰῶνας· ἀμήν.

¹ 25 g none, g none: WH Bov Nes BF² // g minor, g none: RSV Zür Luth Jer Seg // g none, g minor: RV ASV NEB // g minor, g minor: TT // different text: TR AV

25 μόνω...δόξα Ro 16.27

25 μωνω] add (Rom. 16. 27) σοφω KLP al ε[δια Ι. Χρ. τ. Κ. ημ. et pro π. τ. α.] om KP al t ε[eis παντ. τ. α.]

om παντ. N pc bo^{pl}: add των αιωνων L (33) pc c p t vg⁴, cl sy^{hmg} sa

aplicado a Deus Pai. (Ver Luc. 1:47; I Tim. 1:1; 2:3; 4:10; Tito 1:3; 2:10; 3:4 e aqui). As epístolas pastorais também usam esse termo, embora apliquem-no ao Filho. Por conseguinte, tanto o Pai como o Filho são Salvadores. Esse intercâmbio evidentemente tem por finalidade exaltar o ofício do Filho, porque, para os gnósticos, ele era apenas um dentre muitos pequenos Salvadores. Por quinze vezes, nas páginas do N.T., Jesus é assim chamado. A salvação é dom de Deus; mas a doação da mesma é feita por intermédio do Filho. Assim sendo, a salvação pode ser atribuída, sem nenhuma hesitação, tanto a Deus Pai como a Deus Filho.

«...glória...» Consideremos aqui os seguintes pontos: 1. Há aqui atribuição de glória à majestade e à graça divina, por parte de todos os seres inteligentes. 2. Essa glória será aumentada quando os filhos de Deus forem conduzidos à glória (ver Heb. 2:10 e ss.). 3. O cumprimento de seu glorioso desígnio também está em pauta, o que redundará em glória à pessoa de Deus. Todas as doxologias bíblicas envolvem esse conceito. (Ver Rom. 16:27; Efê. 3:21; Fil. 4:20; II Tim. 4:8 e I Ped. 5:11).

«...majestade...» No grego temos o vocábulo «*megalosune*», que significa «grandiosidade». «Que sua grandeza seja reconhecida, exaltada e proclamada por todos os seres». Tal palavra aparece comumente nas doxologias bíblicas e outras. (Ver Testamento de Levi 3:9; Enoque 14:16; I Clemente 20:12). Tal palavra é usada para indicar o próprio Deus, em Heb. 1:3.

«...império...» Consideremos os pontos seguintes:

1. Isso indica o governo de Deus, por toda a parte.
2. E isso sobre uma criação unificada e harmoniosa (ver Efê. 1:10).
3. Tendo Cristo como centro e Cabeça. Por essa razão é que Deus é chamado de «Alfa» (criador) e de «Omega» (alvo da criação), em I Cor. 8:5. E ambas essas coisas podem ser ditas também acerca do Filho (ver Col. 1:16). (Ver também Apo. 1:6; 4:9,11; 5:12,13; I Ped. 4:11 e 5:11, onde se combinam os termos «glória» e «império»).

«...soberania...» Isso permeará sua glória, sua majestade e seu império. A soberania de Deus envolve «autoridade». Deus é o tribunal superior de apelo. Essa palavra é usada para indicar a autoridade e o poder de Deus, em Luc. 12:5 e Ato 1:7, mas nas doxologias do N.T. é termo usado exclusivamente aqui.

«...antes de todas as eras...» Está aqui em foco toda a eternidade passada, antes que começasse aquilo que chamamos de «tempo», isto é, cronologias históricas, conforme os homens pensam a respeito. O passado sem data da eternidade está em pauta, a imensidade anterior à vinda à existência de qualquer forma humana (em alma ou corpo).

Variante Textual: Essa expressão aparece nos manuscritos mais antigos e autorizados, a saber, Aleph, ABCL, 5, 378, 436, 623, 808, 1827, 1854, na Vg, no Si(h), no Cóp(sa,bo), no Ara, no Eti e nos escritos de Efraem, pai da igreja. Tais palavras, entretanto, são omitidas nos mss KP e em muitos manuscritos minúsculos posteriores, e, portanto, no Textus Receptus, que se baseou em manuscritos minúsculos posteriores. Esse é um dos poucos casos em que um texto «mais breve» não é o correto, conforme fica demonstrado pela esmagadora evidência objetiva. Essas palavras poderiam ter sido acidentalmente omitidas originalmente; ou então, devido ao fato que tal expressão não é comum em outras doxologias neotestamentárias, foi ela propositalmente omitida desde tempos bem remotos na história do texto sagrado.

«...e agora...», isto é, quanto ao nosso estado mortal. Deus deve ser o ente supremo para nós, porque ele é o alvo mesmo de toda a existência. O presente é apenas uma fagulha de tempo, mas precisa refletir a condição eterna. Feliz é o indivíduo que vive para a eternidade, durante esta peregrinação presente!

«...e por todos os séculos...» Literalmente traduzida, esta expressão diria, «...por todas as eras...» A eternidade é vista como uma interminável sucessão de eras. Os homens transferem para a eternidade aquilo sobre o que sabem um pouco. Sabemos o que são «eras», e supomos que a eternidade será uma interminável sucessão de eras, provavelmente cada uma das quais com seu propósito especial, do mesmo modo que as «eras» que temos conhecido têm algum propósito distinto. Porém, dentro da interminável e ininterrupta sucessão de eras, a mesma glória, majestade, soberania e autoridade serão características de Deus. (Quanto a diversas fórmulas que expressam a idéia de «eternidade», nas páginas do N.T., ver as notas expositivas sobre Efê. 3:21. Nessas mesmas notas expositivas há uma discussão sobre o uso das doxologias, nos escritos sagrados).

Essa expressão, na forma em que se encontra, não tem paralelo no N.T., embora a forma «pelos séculos» seja comum. (Ver esta última forma em

Luc. 1:33; Rom. 1:25; 5:5; 11:36; 16:27; II Cor. 11:31). A expressão mais elaborada, «pelos séculos dos séculos» se encontra nos trechos de Gál. 1:5; Fil. 4:20; I Tim. 1:17; II Tim. 4:18; Heb. 13:21; I Ped. 4:11; 5:11; Apo. 1:6 e vários outros lugares.

«...Amém». O uso desse termo, neste ponto, é genuíno, conforme se verifica em todos os manuscritos. Usualmente, o «amém» final é um acréscimo escribal, sem genuinidade no término dos livros e epístolas do N.T. Aqui, entretanto, em que esta epístola termina com uma doxologia, o «amém» foi mui naturalmente empregado, já que fechava mui comumente as doxologias antigas. O autor sagrado concorda, em sua alma, com a atribuição de toda a glória, majestade, soberania e autoridade a Deus.

*Senhor de todo ser, trono distante,
Tua glória inflama sol e estrelas,
Centro e alma de toda a esfera,
Mas, de cada porção, quão próximo.
(Oliver Wendell Holmes)*

*Canto ao grande poder de Deus,
Que fez os montes se elevarem;
Que espalha ao redor os mares fluentes,
Que edificou os altos firmamentos.
Canto à Sabedoria que determinou
Ao sol que governasse ao dia;
À lua que brilhasse cheia à sua ordem,
E a quem todas as estrelas obedecem.
(Joseph Parker)*

Subtítulo: Os subtítulos não faziam parte original dos livros e epístolas do N.T. Antes, foram adicionados por escribas subseqüentes, fornecendo pequenas informações sobre questões como proveniência e destino dos livros, autores, amanuenses, etc. O mais antigo subtítulo de esta epístola, nos manuscritos gregos, diz apenas «Judas», aparecendo nos mss Aleph e B. O ms A diz: «Epístola de Judas». O ms C diz: «(a) epístola católica de Judas». O ms L diz «Epístola do santo apóstolo Judas». Os manuscritos gregos posteriores adornam ainda mais o subtítulo. As versões árabe e a Vulgata latina não trazem subtítulo. O ms latino h diz apenas «fim». O siríaco diz: «A epístola de Judas, o apóstolo, cuja intercessão esteja para sempre conosco. Amém. Fim».

★ ★ ★